



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**ZONAS BOÊMIAS NO CENTRO DE ARACAJU NAS DÉCADAS DE 1920 A 1950:
REDUTOS E EXCLUSÕES NA MODERNIDADE**

Maísa Bispo Nunes

**SÃO CRISTOVÃO
SERGIPE – BRASIL
2023**

MAÍSA BISPO NUNES

**ZONAS BOÊMIAS NO CENTRO DE ARACAJU NAS DÉCADAS DE 1920 A 1950:
REDUTOS E EXCLUSÕES NA MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito referente ao cumprimento obrigatório para obtenção de título de Mestre em História na Área de Concentração Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Eder Donizeti da Silva

**SÃO CRISTOVÃO
SERGIPE – BRASIL
2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Nunes, Maísa Bispo.

N972z Zonas boêmias no centro de Aracaju nas décadas de 1920 a 1950 : redutos e exclusões na modernidade / Maísa Bispo Nunes ; orientador Eder Donizeti da Silva. - São Cristóvão, SE, 2023.
145 f.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Aracaju, SE - História. 2. Boemia. 3. Memória. I. Silva, Eder Donizeti da, orient. II. Título.

CDU 930.2(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS



EMITIDO EM 16/10/2023 09:59

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) aluno(a) **MAISA BISPO NUNES** foi aprovado(a) na DEFESA de DISSERTAÇÃO do Curso de MESTRADO em HISTÓRIA/PROHIS, no dia 30/08/2023, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor (a) EDER DONIZETI DA SILVA
(Presidente)

Doutor (a) CARLOS DE OLIVEIRA MALAQUIAS
(Interno)

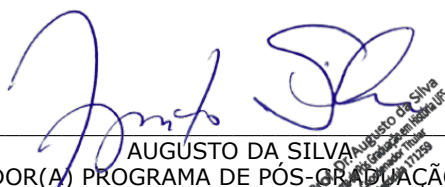
THIAGO LENINE TITO TOLENTINO
(Externo à Instituição)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se:

ZONAS BOÊMIAS NO CENTRO DE ARACAJU NA DÉCADA DE 1920 A 1950: REDUTOS E EXCLUSÕES NA MODERNIDADE

Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o definido na Resolução 25/2014-CONEP.

São Cristóvão, 16 de Outubro de 2023.



AUGUSTO DA SILVA
COORDENADOR(A) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SIGAA | Copyright © 2006-2023 - Superintendência de Informática - UFRN - dragao3

RESUMO

ZONAS BOÊMIAS NO CENTRO DE ARACAJU NAS DÉCADAS DE 1920 A 1950: REDUTOS E EXCLUSÕES NA MODERNIDADE

A cidade de Aracaju foi idealizada para se tornar a nova capital de um Sergipe mais moderno, rico e civilizado. A partir da Proclamação da República no Brasil em 1889, novas ideias, inovações tecnológicas, modos de agir e viver em sociedade vieram exportados dos países ricos e industrializados, ditando também novas formas de entretenimento que influenciaram a pequena capital sergipana. Uma marcante expressão da modernidade foi a boemia, que na cidade de Aracaju possuía seus mais icônicos espaços como cabarés, cassinos, clubes e bares concentrados na região central da década de 1920 até o início de seu declínio na década de 1950. Os escritos e memórias daquela época revelam espaços boêmios cheios de sociabilidade, histórias, risos e um cenário vívido de minúcias que marcou o Bairro Centro da cidade. A boemia era frequentada por diversas classes sociais, porém todos possuíam o seu devido lugar. A cidade moderna delimitava e excluía criando espaços que não eram permitidos a todos. Essas delimitações também se expressavam nos espaços da boemia, sejam nos zoneamentos desses estabelecimentos, nos indivíduos que ali se deleitavam livremente ou nos que eram reprimidos por essa mesma organização social. A revisita a essas memórias e sua análise social é desenvolvida através de documentos que expressam o cotidiano envolto a boemia e a modernidade, se utilizando de periódicos, depoimentos e escritas memorialistas, buscando posteriormente uma aproximação do tema com o cenário na atualidade.

PLAVRAS-CHAVES: Aracaju; Boemia; Modernidade; Exclusão; Zonas.

ABSTRACT

BOHEMIAN ZONES IN THE CENTER OF ARACAJU FROM THE 1920'S TO THE 1950'S: REDUCES AND EXCLUSIONS IN THE MODERNITY.

The city of Aracaju was idealized to become the new capital of a more modern, rich and civilized Sergipe. From the proclamation of the republic in Brazil in 1889, new ideas, technological innovations, ways of acting and living in society were exported from the industrialized rich countries, also dictating new forms of entertainment that influenced the small capital of Sergipe. A striking expression of modernity was bohemia, which in the city of Aracaju had its most iconic spaces such as cabarets, casinos, clubs and bars in the central region from the 1920s until the beginning of its decline in the 1950s. Literatures reveal bohemian spaces full of sociability, stories, laughter and a vivid scenario of minutiae that marked the city's Centro Neighborhood. Bohemia was frequented by different social classes, but each one had their place. The modern city delimited and excluded, creating spaces that were not allowed to everyone. These delimitations were also expressed in bohemian spaces, whether in the zoning of these establishments, in the individuals who freely enjoyed themselves there or in those who were repressed by this same social organization. The revisit to these memories and their social analysis is developed through documents that express the daily life surrounded by bohemia and modernity, using periodicals, testimonials, and memorialist writings later seeking an approximation of the theme with the current scenario.

KEYWORDS: Aracaju; Bohemia; Modernity; Exclusion; Zones.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação do plano urbano de Aracaju no ano de 1857	21
Figura 2- Um grupo de prostitutas imigrantes chamadas de “Polacas”	48
Figura 3- Anúncio do Café Central.....	56
Figura 4- Anúncio do Ponto Chic	57
Figura 5- Localização dos principais estabelecimentos boêmios de Aracaju.	73
Figura 6- Anúncio do Cassino Atlântico no ano de 1938.....	80
Figura 7- Anúncio do Cassino Atlântico no ano de 1939.....	81
Figura 8- Anúncio do bar do Cassino 5 de julho.....	82
Figura 9- Nota de apelo aos inadimplentes do bar do Cassino 5 de julho.	83
Figura 10- Cassino Imperial na esquina a esquerda.	85
Figura 11- Nota acerca do destino da draga San Pablo.....	97
Figura 12– Cabeçalho do Jornal O Nordeste	100
Figura 13- Nota no jornal acerca da proibição dos jogos de azar no Brasil.	107
Figura 14– Propaganda de remédios para tratamento de doenças venéreas.	108
Figura 15- Sobrados do "Vaticano".	113
Figura 16- Sobrados do “Vaticano” na atualidade.	113
Figura 17 - Rua da Aurora e sua feira (atual Avenida Rio Branco).....	115
Figura 18 - Fotos das edificações do Beco dos Cocos na atualidade.	116
Figura 19- Preparação do Beco dos Cocos para os eventos da Sexta no Beco.....	117
Figura 20 - Indicação das edificações que foram demolidas no Beco dos Cocos (2017) e o prédio do SESC que tomou seu lugar (2022).....	118
Figura 21- Cassino Atlântico	119
Figura 22– Sobrado onde funcionava o Cassino Atlântico na atualidade.	120
Figura 23 – Indicação do edifício do Cassino 5 de julho.	121
Figura 24- Local na atualidade onde funcionava o Cassino 5 de julho.	121
Figura 25- Indicação da edificação onde se instalava o Cassino Imperial.....	122
Figura 26- Edificação e entorno na atualidade de onde se instalava o Cassino Imperial na atualidade.	123
Figura 27- Mercado Municipal de Aracaju na década de 1930.....	124
Figura 28- Mercado Municipal na atualidade.	125
Figura 29- Casebres da Zona do Bomfim na Rua Siriri.	126
Figura 30- Trecho da Rua Siriri onde se instalava o Curral do Bomfim na atualidade.	126
Figura 31- Desmanche do Morro do Bomfim em 1956.....	128
Figura 32– Alguns dos principais estabelecimentos em funcionamento no período noturno na Orla de Atalaia.	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – CENTRO: CORAÇÃO DA ARACAJU BOÊMIA	
1.1. DOS ALAGADIÇOS ÀS VITRINES DA RUA JOÃO PESSOA.....	19
1.2. HABITANTES DA BOEMIA	34
1.3.A BOEMIA DO RICO E A BOEMIA DO POBRE	50
CAPÍTULO 2 – O COTIDIANO DA BOEMIA ARACAJUNA	
2.1 A BOEMIA APÓS O CREPÚSCULO.....	62
2.2 O ESCONDERIJO DA VIDA.....	72
2.3 O PORTO, AS RUAS E A BOEMIA.....	88
CAPÍTULO 3 – O ALVORECER: A RESSACA DA BOEMIA	
3.1 POLÍTICAS MORALIZADORAS E HIGIENISMO CONTRA A BOEMIA	98
3.2 OS MONUMENTOS DA MEMÓRIA DA ARACAJU BOÊMIA.....	111
3.3 A BOEMIA E A BALADA.....	129
CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140

INTRODUÇÃO

A Volta do Boêmio (1957)

Boemia, aqui me tens de regresso
E suplicante te peço a minha nova inscrição.
Voltei pra rever os amigos que um dia
Eu deixei a chorar de alegria; me acompanha o meu violão.
[...]
"Meu amor, você pode partir, não esqueça o seu violão.
Vá rever os seus rios, seus montes, cascatas.
Vá sonhar em novas serenatas e abraçar seus amigos leais.
Vá embora, pois me resta o consolo e alegria
De saber que depois da boemia
É de mim que você gosta mais".

O samba-canção “A volta do Boêmio” foi composta por Adelino Moreira e popularizada pela voz do cantor Nelson Gonçalves. O primeiro era um português conhecido pelas suas composições de fado, enquanto o segundo se tratava de um ex-pugilista gaúcho. A música em questão é o tema principal do álbum homônimo que vendeu um milhão de cópias, marcando o auge de suas carreiras através dessa parceria iniciada nos primeiros anos da década de 1950 (BONACORCI, 2017).

A letra da composição expressa sentimentos e parte do estilo de vida de seu personagem boêmio, expressando a ideia de um estilo de vida relacionada à alegria, liberdade, aventura, companheirismo e musicalidade. Os locais da boemia ficaram conhecidos como redutos onde o público masculino poderia desfrutar de momentos de lazer longe de um olhar repressor; um oásis em meio ao conservadorismo social. Como se tratavam de locais e estabelecimentos que ofereciam serviços repudiados pelo comportamento moralizador, geralmente se apresentavam concentrados em uma mesma área, criando o que antigamente era conhecida como “zona boêmia” (NASCIMENTO, 2014).

Os locais da boemia eram comuns nas cidades, possuindo diferentes estilos e públicos, sendo reconhecidos geralmente em estabelecimentos como

bares, botecos, cassinos, pensões, prostíbulos, clubes, cabarés e cafeterias, entre outros. Na atualidade, o termo “boemia” se encontra um tanto quanto defasado no contexto brasileiro, se remetendo mais especificamente a áreas de lazer noturnas em décadas passadas caracterizadas pelo consumo de bebida, dança, música, exageros, socialização e inclusive a prostituição. De uma forma bastante simplificada a boemia muitas vezes pode ser equivalente a expressões como “farra”, “noitada”, “folia”, “divertimento” ou até mesmo termos de cunho negativo como “baderna” (FURQUIM, 2017).

No Brasil, assim como em diversas outras partes do mundo, bairros e zonas boêmias ficaram marcadas na história, na memória e na urbanidade principalmente a partir do período da modernidade, quando houve uma revolução no modo de se organizar as cidades e seus habitantes. A cidade de Aracaju apesar de ser a capital do menor estado brasileiro, não seguiu uma tendência oposta em relação a presença de zonas boêmias. As mais conhecidas casas de entretenimento noturno eram localizadas dentro do plano urbano da nova capital sergipana, sendo a região central onde se localizava conhecida como a área mais nobre e vívida da cidade (FRANÇA; FALCÓN, 2005).

A análise aqui realizada permeia os lugares boêmios da cidade de Aracaju nas décadas de 1920 a 1950, período em que as novidades e ideias trazidas pela modernidade se consolidavam na cidade, trazendo consigo novos valores que influenciaram a forma de entretenimento, a criação e classificação desse tipo de estabelecimentos. O recorte temporal se encerra com o início do período de decadência e esvaziamento da área central de Aracaju e dos estabelecimentos boêmios na região¹. Na intenção de revisitar as antigas zonas boêmias da capital sergipana, se destacam seus espaços, cotidiano e peculiaridades; ao mesmo tempo esse estudo também expõe a situação de segregação social em que esses antigos lugares boêmios se desenvolviam, demonstrando de que forma a elite e a população de menor poder econômico habitavam esses espaços e de que forma essas separações se manifestavam no plano da cidade. A antiga cena boêmia de Aracaju é enfim uma memória

¹ Cf. CABRAL, 1948, p.74; MELINS, 2007; Revista Cumbuca nº 12, 2016.

importantíssima da identidade do Bairro Centro da capital sergipana, se constituindo como um cenário rico na cidade.

Entre os espaços revisitados nessa pesquisa estão incluídos estabelecimentos essenciais à atividade boêmia histórica da cidade, constituindo zonas formadas por lugares de usos afins na área central e suas imediações, onde um estabelecimento suplementava o outro. Apesar da realização de uma delimitação em zonas, não se exclui a referência a outros estabelecimentos que exerciam as atividades boêmias com o intuito de realizar um comparativo, ligação ou conceituação mais completa do cenário aracajuano.

As temáticas neste trabalho estão relacionadas entre si com o intuito de visitar, contextualizar e inspirar uma reflexão acerca da importância da boêmia enquanto memória e identidade na cidade de Aracaju, independente da sua natureza e de que forma essas áreas e seus personagens são vistos perante a sociedade. A problemática se trata não somente da realização de um levantamento histórico, mas também entender como se desenvolveu o processo de segregação social e urbanístico nesses lugares, assim como relacionado aos habitantes dessas zonas boêmias.

A presente pesquisa se baseia nas ideias levantadas pela história do cotidiano, tendo como um dos seus maiores pensadores o historiador e filósofo francês Michel de Certeau. De acordo com o autor a história do cotidiano se desenvolveu a partir da realização de trabalhos que tinham como objeto culturas populares ou culturas de marginalizados, onde práticas do cotidiano exprimiam de forma única a essência de tal grupo. Os temas ligados ao cotidiano possuem uma forte conexão com as representações, um conceito ligado ao modo em que ideias são apresentadas em um grupo, como os comportamentos e a forma com que as pessoas executam atividades corriqueiras (CERTEAU, 1998).

Ainda de acordo com o autor, a história do cotidiano trabalha os costumes e as práticas de uma comunidade através da utilização de focos individualizados, dando importância as minúcias e históricas íntimas dentro de

uma cultura. A análise desses pequenos casos permite uma visão mais complexa de uma sociedade ou comunidade:

O Exame dessas práticas não implica um regresso aos indivíduos. O atomismo social que, durante três séculos, serviu de postulado histórico para uma análise da sociedade supõe uma unidade elementar, o indivíduo, a partir da qual seriam compostos os grupos e à qual sempre seria possível reduzi-los. (...) De um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou veículo. (CERTEAU, 1998, p.37-38)

Entre as principais bibliografias utilizadas para uma análise crítica deste trabalho se destacam as contribuições de grandes historiadores do cotidiano como Nicolau Sevcenko (2006) e Paulo Cesar Garcez Marins (2006) em seus capítulos da coleção sobre a *História da vida privada no Brasil*. Seus trabalhos enfocam no cotidiano da República no Brasil, tratando da modernização das cidades e a revolução dos costumes naquele período. A historiadora Mary Del Priore trabalha com as minúcias do cotidiano dos relacionamentos em sua obra *História do Amor no Brasil* (2006), abordando a prostituição e os valores relacionados a ele no século XX, auxiliando a pesquisa no entendimento do meretrício, atividade tão presente nos espaços da boemia. Jerrold Seigel em sua obra *Paris boêmia* (1992) traz o cotidiano da cidade de Paris dos anos 1830 a 1930, no cenário original do estilo de vida boêmio. O autor expõe o cotidiano naquele cenário e das inovações trazidas pela modernidade, tendo sido de grande importância para realização de um paralelo em relação às transformações desses valores no território brasileiro e suas diferenças, processo essencial para constituição de uma identidade boêmia local.

A história do cotidiano se volta ao personagem ordinário, um ser comum, ao contrário do que antes era estipulado como um agente da história onde somente os heróis e os homens de grandes feitos eram merecedores da atenção da história. Nesse contexto “Socialização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo.”. Na história do cotidiano “Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões

sociais para se voltar para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois se fixar enfim na multidão do público.” (CERTEAU, 1998, p.57).

Certeau (1998) também destaca a importância que se deve dar a forma em que as ideias são passadas e como se desenvolvem numa sociedade, sendo esses fatores determinantes nas práticas do cotidiano. Por esse motivo é necessário um foco nos grupos que se relacionam sob influência desses “poderes ocultos”, sejam eles “produtores” ou “consumidores”;

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas de “produção” (televisiva, urbanística, comercial, etc) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa os “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos (CERTEAU, 1998, p.39).

Outro conceito explorado por Michel de Certeau (1998) é a Identidade. Para o autor a identidade é um elemento diretamente influenciado pelo cotidiano, pois ele é ligado ao tempo e ao espaço construído através da socialização de indivíduos de um grupo onde elementos comportamentais e ideias são compartilhados e assimilados. Para ele, a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim um processo construído e negociado no cotidiano das relações socioculturais. Outro conceito intimamente ligado a “identidade” é a “diferença cultural”; onde a segunda é tomada de uma interpretação muito mais negativa, enquanto a primeira se disfarça de neutralidade, porém ambas possuem aspectos excludentes. A identidade em si é um processo de negociação que envolve diferentes formas de poder e ao mesmo tempo resistência, reconhecimento, renúncias e conquistas.

É através das relações de coexistência se formam os “lugares”, elementos definidos como uma ordem, detentora de caráter singular, sendo uma “configuração instantânea de posições”, remetendo a uma característica de estabilidade. O “espaço”, diferentemente, possui uma natureza ligada ao movimento, pelas circunstâncias. Nas palavras de Certeau, “o espaço é um lugar praticado”; em um comparativo “(...) a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” (CERTEAU, 1998, p.202). Através desses conceitos é possível perceber que as zonas ocupadas pelas atividades boêmias são definidas como “espaços”, pois esses são locais

cheios de significados e experiências compartilhadas por um grupo que frequentava esses lugares construídos.

Através da simbiose do conceito de “lugar”, “espaços”, “representações” e “poder” temos a organização desses elementos na construção do espaço urbano, caracterizado pela figura da cidade, um espaço habitado por experiências, ordem e rejeição:

“A cidade”, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas umas sobre as outras. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui, portanto, os “detritos” de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte) (CERTEAU, 1998, p.173).

A cidade recém-modernizada é o lugar onde a boemia do nosso objeto de pesquisa se desenvolveu; território marcado por exclusões e contradições onde os agentes de poder ditavam as ordens no plano urbano:

(...) a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico (CERTEAU, 1998, p.174).

Esse trabalho possui uma abordagem historiográfica, porém utiliza-se de uma bagagem multidisciplinar, em especial em relação ao urbanismo e a sociologia. A utilização de outros campos das ciências humanas foi um instrumento vital para a produção da história cultural. Para Jacques Le Goff (1990), a relação da história política, social, cultural e econômica, entre outras, permitiu a concepção de uma história mais próxima das sociedades, se importando com comportamentos e crenças dentro de uma categorial social, assim como os seus modos de fazer.

O conceito de Memória na história cultural segue a mesma linha, sendo exposta por Le Goff (1990) como uma história produzida através da pressão do coletivo e do reconhecimento de uma problemática contemporânea com base

em eventos retrospectivos. Esses eventos retrospectivos se enraízam no social e no coletivo que os rodeiam, sendo impossível compreendê-los sem um melhor entendimento de fatores diversos como linguística, cultura, economia, demografia, etc. Le Goff ainda afirma que para realizar uma revisita a uma memória, é necessário perceber que os verdadeiros locais da história devem ser reconhecidos através de suas entrelinhas:

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: 'Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória (LE GOFF, 1990, p.473).

A memória não deve ser percebida de modo ingênuo, pois essa “é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder”, sendo essa responsável pela dominação de recordações e tradições na sociedade (LE GOFF, 1990, p.476). O poder é responsável por definir quais manifestações são consideradas convenientes e inconvenientes. Nesse ponto é necessário fazer uma investigação de como a memória da Zona Boêmia se construiu atrás desse conceito de poder, pois por se tratar de uma memória relacionada a conceitos sensíveis a sociedade normativa como sexualidade, liberdade e um modo de vida fora do padrão, pode ser considerada uma memória a não ser digna de perpetuação.

Para a construção da História se aplicam a utilização de uma diversidade de materiais como fonte, os chamados documentos:

Não há história sem documentos, com esta precisão: Há que tomar a palavra 'documento' no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira (LE GOFF, 1990, p.540).

Essa pesquisa se utilizou de diversas fontes com o intuito de revisitar o cenário da boemia aracajuana no seu recorte temporal (dec. 1920-1950), buscando documentos que explorassem o cotidiano desses locais no Centro de Aracaju e ao mesmo tempo servissem de embasamento para uma reflexão crítica sobre o assunto e questões relacionadas.

Para embasar uma reflexão acerca do cenário da zona boêmia de Aracaju, utilizou-se documentos e fontes que apresentassem o cotidiano e o cenário dos lugares boêmios aracajuanos. Entre as obras consultadas se destacam as do autor Murillo Melins com os seus livros de memórias acerca de Aracaju “Aracaju Romântica que vi e vivi” (2007) e “Aracaju: Reminiscências e devaneios” (2020). Mário Cabral em seu livro, “Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade” faz a descrição de diversos locais relacionados a boemia na cidade, assim como João Freire Ribeiro em seu livro intitulado “Curral” (1948). Fernando Porto com seu livro “Alguns nomes antigos do Aracaju” também faz uma revisita ao cenário da antiga Aracaju sob sua visão. Outro importante material foi o artigo da revista Cumbuca, chamado “Os cabarés da Antiga Aracaju”. Nessas publicações encontramos descrição dos estabelecimentos da zona boêmia de Aracaju e de outros locais da cidade, além de relatos sobre o comportamento de frequentadores, funcionários, governo e sociedade da época.

De acordo com Albert e Terrou (1990) a utilização de jornais na historiografia é uma das fontes mais completas e diversas da história do cotidiano, sendo responsável por grande enriquecimento da história moderna e contemporânea. Os periódicos são documentos que ao mesmo tempo se configuram como atores e testemunhas da vida, demonstrando a evolução das sociedades; apesar da complexidade exigida para a sua utilização. Esse trabalho de inquirição de periódicos é explicado por Sodré (2011), que percebia a imprensa como a maior observadora e registradora da história brasileira. O autor explica que esses documentos não devem ser absorvidos de forma ingênua, sempre buscando os agentes por trás dessas publicações, as suas influências, os seus realizadores e o contexto político e social vigente.

Foram consultados como fontes documentais periódicos locais acessados através do acervo digitalizado do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; enquanto no acervo da Hemeroteca digital brasileira foram consultados periódicos de outros estados, principalmente do estado do Rio de Janeiro, estado de maior influência nacional no período. Foram selecionados materiais jornalísticos e publicitários em periódicos como a “Gazeta de Sergipe”, “Folha da manhã”, “Correio de Aracaju”, “O Nordeste”, “A República”,

“Diário da manhã”, “Gazeta Socialista”, “Revista Cumbuca” e “Diário oficial de Sergipe”. De fora do estado de Sergipe os periódicos consultados foram o “Correio Paulista”, “Jornal Cidade do Rio” e o “Diário Carioca”.

Esses periódicos publicavam com maior frequência notícias e artigos relacionados as atividades boêmias, possuindo colunas sobre moralidade, matérias com reclamações da população, denúncias, anúncios e propaganda desses estabelecimentos, entre outros. A utilização de periódicos na pesquisa historiográfica é muito importante por trazer uma perspectiva mais próxima da sociedade e dos acontecimentos corriqueiros dentro desta.

Outra fonte bibliográfica importante foi a referência a obras literárias do autor Jorge Amado, escritor que explora em diversas de suas obras a boemia, com temáticas que exploram o cotidiano desses espaços e suas representações; além da importância de sua obra “Tereza Batista cansada de guerra”, romance de sua autoria ambientado na zona boêmia de Aracaju. Complementando, a literatura de cordel foi outra fonte documental utilizada por apresentar um testemunho das representações envoltas a esses espaços boêmios e pela exposição de memórias relacionadas a cultura popular (em especial da região nordeste). Se destacam nesse trabalho a obra do cordelista cearense Lucarocas e do pernambucano J.Borges, além do Sergipano Zezé de Boquim.

O historiador Kalhil Lucena (2016) defende a utilização da literatura, assim como a literatura de cordel como documento através da interdisciplinaridade entre a literatura e a história. De acordo com o autor a história deve admitir a interseção de conhecimentos, reconhecendo não só a literatura tradicional, mas também a literatura de cordel como uma importante fonte para a história cultural ao expressar o cotidiano da sociedade que a produz:

Os folhetos de cordel compõem o complexo repertório social e cultural brasileiro. É possível concebê-los como um discurso da realidade, como uma prática cultural que pode contribuir para a elaboração de uma série de representações de um período histórico. Nesse sentido, os poetas de cordel produzem em meio as suas práticas, versos rimados que tratam de uma realidade e de um cotidiano, que representam vidas, alegrias, sofrimentos, amor, ódio, riso, fé, cidadania, cultura, política e história (LUCENA, 2016, p.58).

O presente trabalho também se utilizou da história oral como documento no intuito de coletar memórias que apesar de individuais fazem parte da experiência de uma coletividade, auxiliando e adicionando depoimentos válidos na memória de um grupo. O recurso da entrevista é atualmente reconhecido como um documento válido, que como toda fonte deve ser bem analisada. De acordo com o historiador Michael Pollak (1992):

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta (POLLAK, 1992, p.8).

Pollak chama a atenção em relação a crítica que deve ser realizada diante desses depoimentos, sendo imperativo o exame inclusive da subjetividade das fontes, que apesar de sua natureza individual, deve ser sujeita a um cruzamento de informação se utilizando de diferentes fontes.

(...) através da história oral, a crítica das fontes torna-se imperiosa e aumenta a exigência técnica e metodológica, acredito que somos levados a perder, além da ingenuidade positivista, a ambição e as condições de possibilidade de uma história vista como ciência de síntese para todas as outras ciências humanas e sociais (POLLAK, 1992, p.208).

A seleção de indivíduos para a coleta desses depoimentos foi limitada devido à distância do recorte temporal trabalhado, onde poucos dos indivíduos envolvidos ao cenário da boemia dentro do recorte temporal trabalhado continuam vivos; e até devido ao relativo desconforto causado pelo tema que envolvia fatores mal vistos pela sociedade. No total houve a coleta de dois depoimentos que apesar de não ter alcançado um grande número de indivíduos, apresentou uma vastas e rica coleta de memórias.

A primeira entrevista foi realizada com o senhor José Freire de 85 anos, mais conhecido como “Seu Careca”. José Freire é atualmente feirante do Mercado municipal, local que trabalha desde o ano de 1950, além de ex frequentador de alguns dos estabelecimentos boêmios do Bairro Centro

durante sua juventude. [OBJ] O segundo depoente é o escritor sergipano Murillo Melins, cujos seus livros também servem de fonte para essa pesquisa. Nascido no ano de 1928, Melins vivenciou e habitou os mais diversos espaços boêmios de Aracaju, se definindo como um boêmio em sua juventude. Sua ocupação formal era funcionário público dos correios, mas sua paixão era a literatura e a boemia.²

Na análise dessas entrevistas são observadas diversas similaridades assim como especificidades. As perguntas realizadas aos entrevistados expressam de algum modo certas intenções do pesquisador, que deseja alcançar uma área temática, porém a metodologia aplicada permitia a livre discussão dessas memórias, o que aconteceu diversas vezes. Ao mesmo tempo as falas e respostas expressaram muitas vezes conflitos e alegrias nos entrevistados em relação as memórias revisitadas. Essa subjetividade e carga emocional expressa pelo entrevistado não significa um decréscimo do valor desse material na composição do presente estudo.

Em relação aos capítulos, essa pesquisa foi dividida em três. A intenção é trabalhar a memória e o cotidiano se iniciando pela edificação e modernização da cidade projetada de Aracaju, contextualizando o cenário em que a boemia se desenvolveu. É passado então ao período auge da boemia na cidade, buscando se seus principais espaços e experiências, chegando a seu período de declínio e na transformação de seus espaços e valores sociais vigentes:

O primeiro capítulo, “Centro: O coração da Aracaju boêmia” procura proporcionar um melhor entendimento do cenário boêmio surgido em meio a modernidade, apresentando a cidade de Aracaju como cidade planejada influenciada pelo que era ditado nos grandes centros urbanos. A partir dessa conceituação de cidade civilizada, são buscados os personagens que habitavam esses espaços boêmios e como esses se dividiam em diferentes aspectos relacionados ao poder.

² Entrevista à autora em 12/04/23

A segunda parte “O cotidiano da boemia aracajuana” foca nas experiências vividas na boemia da cidade, expondo seus principais espaços nas décadas de 1920 a 1950. É explorada a sua face fora da moralidade, se apresentando as casas noturnas, bares, cassinos e cabarés. Além desses espaços privados também é exposta a relação que a boemia desenvolvia com o espaço público e com o porto da cidade.

Finalmente, o terceiro e último capítulo “O Alvorecer: A boemia e sua ressaca” trata sobre o declínio do estilo de vida boêmio e seus espaços na cidade de Aracaju. Nesse capítulo são expostas algumas das políticas e movimentos organizados contra a boemia, estabelecimentos e comportamentos fora da moralidade ditada. Os percursos desses espaços da boemia foram buscados na intenção de perceber como foram tratados até sua situação na atualidade. Em seguida é apresentado o cenário atual da boemia na cidade.

A construção desse trabalho de pesquisa deseja contribuir para um olhar mais atento as memórias “inconvenientes” na cidade, percebendo os espaços da boemia através de seus personagens e de diversos aspectos da sociedade daquele tempo e então da atualidade. No decorrer dos capítulos há a busca de uma perspectiva mais democrática, se intencionando a investigação de facetas dentro desses espaços da boemia, não apenas buscando sua forma alegre, poética e bela, mas também através de diferentes pontos de vista, incluindo personagens geralmente deixados no “plano de fundo”, se levantando questionamentos sobre questões do poder.

CAPÍTULO 1 – CENTRO: O CORAÇÃO DA ARACAJU BOÊMIA

A área central de Aracaju foi a origem da cidade, mas não somente onde a sua implantação se iniciou, era também nessa área onde pulsava a sociabilidade daquele centro urbano. O Centro foi a região onde se desenvolveu a modernização e a construção de novos hábitos sociais que se configuraram como sinal do desenvolvimento de novos tempos, modificando fortemente o cotidiano do pequeno estado de Sergipe. Foi lá onde aconteceram com maior latência as transformações trazidas pelo liberalismo econômico e a elevação da burguesia em detrimento da aristocracia imperial sob as influências regeneradoras que entravam em ação em todas as partes do país. Aracaju ganhava moldes mais cosmopolitas, trazendo nessa mesma tendência a boemia, um estilo de vida que criava redutos dentro das cidades formando verdadeiras zonas de lazer e entretenimento. Porém é importante frisar que o cenário boêmio aracajuano se apresentava complexo, cheio de representações e peculiaridades.

1.1 DOS ALAGADIÇOS ÀS VITRINES DA RUA JOÃO PESSOA

O período compreendido entre o final do século XIX até a primeira metade do século XX é caracterizado como um tempo de intensa mudança, tanto nos meios sociais como nos modos de perceber o espaço. Foi um período de intenso avanço tecnológico e modificação dos hábitos cuja influência se espalhou por grande parte do mundo, divulgando e apresentando novas ideologias e hierarquias como o capitalismo e a burguesia. A modernidade nascida na Europa espalhava seus preceitos pelo mundo, influenciando países distantes e o cotidiano de diversas cidades, inclusive as brasileiras (SEVCENKO, 2006, p.7-8).

Foi através desse contexto de modernização e cosmopolização que diferentes valores foram importados nesse período, gerindo novas perspectivas sociais, disseminação de comportamentos, hábitos de consumo e lazer, criando categorizações e delimitações que modificaram a forma de interação e

organização das cidades e de seus indivíduos. Foi através desse mesmo fluxo que a modernidade trouxe conceitos relacionados a boemia ao cotidiano de tantas localidades, criando separações territoriais e um novo estilo de vida; por isso é altamente importante a conceituação da cidade de Aracaju e sua modelação como cidade moderna antes de compreender como a boemia se instalou na cidade.

Segundo Sevckenko (2006), a economia capitalista teve como sua maior base a revolução industrial originada na Inglaterra, onde a criação de unidades produtivas revolucionava a forma de fabricação de bens de consumo. Esse novo ritmo de produção se utilizava de uma grande rede de distribuição mundial que se apoiava no sistema de ferrovias e de modernas frotas de navios a vapor. O evento que nos interessa mais diretamente foi o chamado de Segunda Revolução Industrial ou Revolução científico-tecnológica, advento que alcançou sua concretude em 1870 revolucionando o cotidiano e os meios de consumo:

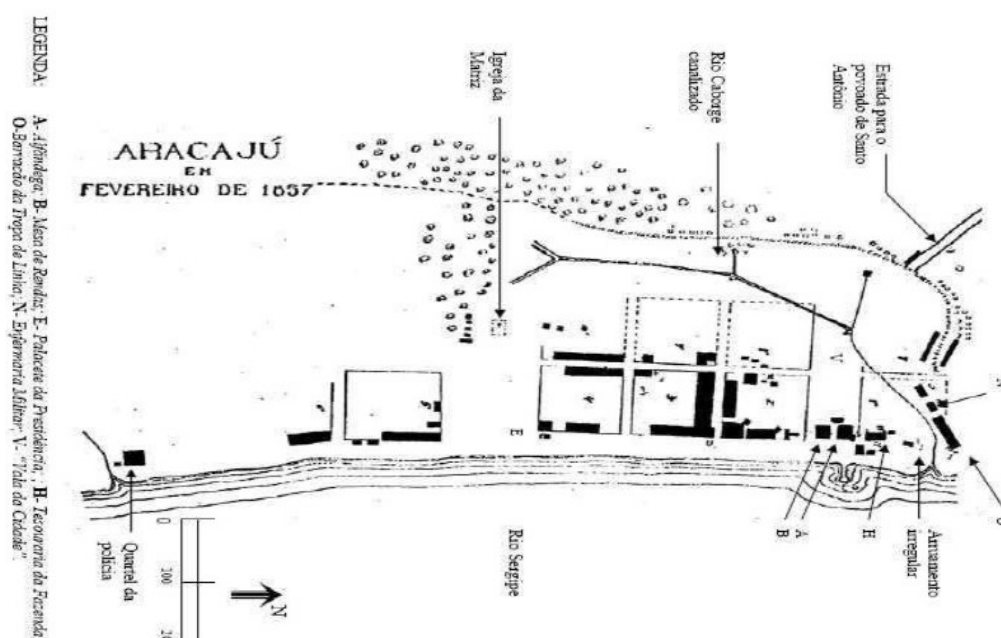
No curso de seus desdobramentos surgirão, apenas para se ter uma breve ideia, os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telegrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários [...], produtos e processos que entravam para o cotidianos, mas o mais perturbador era o ritmo com que essas inovações invadiam o dia-a-dia das pessoas, principalmente no contexto desse outro fenômeno derivado da revolução, as grandes metrópoles modernas (SEVCENKO, 2006, p.9-10).

Sevckenko ainda afirma que devido ao ímpeto burguês e capitalista o desenvolvimento tecnológico multiplicou a força produtiva da indústria, necessitando então de novos mercados onde essa produção pudesse ser consumida e comercializada, destinando o excedente produzido pelos países industrializados. Foi através dessa necessidade expansionista que as tendências e cultura europeia (principalmente a inglesa e francesa) se espalharam pelo mundo com tamanha força.

A ideia da abertura comercial das cidades através do comercio marítimo já era uma tendência antes mesmo da Segunda Revolução Industrial e essa mentalidade refletiu inclusive na formação da cidade de Aracaju.

No ano de 1855 a capital da então província de Sergipe Del Rey foi transferida da cidade de São Cristóvão para a pantanosa Santo Antônio de Aracaju. Na época Aracaju se constituir apenas como um povoado, porém esta possuía acesso ao rio Sergipe que apresentava profundidade suficiente para a navegação de grandes embarcações, o que possibilitaria a realização de um eficiente sistema de transporte de mercadorias em suas águas, principalmente o do açúcar (Figura 1). A presença de um porto facilitaria as atividades comerciais no estado, indo a favor aos preceitos progressistas divulgados pelo liberalismo econômico que já fervilhava em grande parte do país (CRUZ, 2016).

Figura 1- Representação do plano urbano de Aracaju no ano de 1857



Fonte: PORTO, Fernando. **A cidade de Aracaju (1855-1865)**. 2ª edição. FUNDESC, 1991, p.41.

Com a Proclamação da República brasileira no final do ano de 1889 uma nova ideologia tomou vigor no país, trazendo consigo os preceitos da modernidade que se encontrava em desenvolvimento em diversas partes do mundo. O jornal sergipano “A República”, de posicionamento político republicano como anuncia o seu título, escrevera sobre os valores trazidos com o novo sistema, exaltando o liberalismo econômico e o futuro desenvolvimento econômico que deveria ser gerado no estado:

Achamo-nos em pleno domínio da liberdade da indústria e do commercio.

Cortadas as peias que prendiam o espírito de iniciativa e pelo programa político que ser de norma ao actual governador, Sergipe vai gozar das prerrogativas de um Estado livre e autônomo. A formação da riqueza irá ser estimulada pelas medidas que o governo porá em prática, as quaes já se acham em via de desenvolvimento tato mais esperançoso, quanto o governo federado tem em seu favor o apoio e auxílio do ministério que as melhores disposições mostra em favor da prosperidade sergipana, pela descrição real que lhe foi oferecida de nossa decadência, de nossos infortúnios.

Será um impossível a Sergipe federar-se si, durante esse período preparativo, de governo provisório, tão útil para uma reforma, uma perfeita organização política e administrativa, as importantes medidas não forem postas em prática (A REPÚBLICA, nº 51, 10 de janeiro de 1890, p.3).

A mudança para uma política econômica mercantil demandava a aposentadoria do modelo de cidade-forte, dando vez ao modelo de cidade-porto que favorecia as transações de importação e exportação de mercadorias. A primeira capital de Sergipe, a cidade de São Cristóvão, criada no século XVI possuía marcantes traços coloniais e não se enquadrava no perfil de uma cidade progressista e comercial. A mudança da capital deveria ser urgente, pois o centro econômico deveria preferencialmente ser a capital provincial, tendo nesse mesmo polo a concentração do poder administrativo e político:

É nesse novo contexto, que surge Aracaju, já que São Cristóvão, a antiga capital da província de Sergipe d'El Rey, estava no fundo do vale Vaza-barris, à margem esquerda do Paramopama e, ainda, localizada no topo de um morro com encostas íngremes, sendo tipicamente, uma cidade colonial (DINIZ, 2009, p. 71).

Segundo Dora Diniz (2009) o projeto de urbanismo da nova capital sergipana foi encomendado por Ignácio Joaquim Barbosa, presidente da província na época. Para a realização do projeto foram contratados os engenheiros Sebastião José Basílio Pirro e Pereira da Silva, que entregaram um projeto que se configurou como um plano em linhas retas em forma de tabuleiro de xadrez formado por 32 quadras. Devido ao terreno extremamente alagadiço e irregular foi necessário o aterramento do solo para início das obras.

O livreto de Cordel intitulado “História de Aracaju”, ilustra o evento e a polêmica envolta a transformação da cidade de Aracaju em capital:

Quando Inácio Barbosa
Com o seu potencial
Resolveu fazer mudança
Dessa nova capital
De São Cristovão para Aracaju
Foi o maior sangagu
A revolta do pessoal.

Uns queriam outros não
Mas aí não tinha jeito
Porque Inácio Barbosa
Era dono do direito
Mudou a capital
E aí o pessoal
Se deram por satisfeito.

Principalmente usineiro
Queria mudar na tora
Fazer porto marítimo
Para o açúcar ter melhora
É assim que as coisas anda
Quando é o rico que manda
Os pobres ficam de fora.

Era Inácio que mandava
Com força de gente branca
Porque se criou lutando
Nunca correu de carranca
E então seu desafio
Era palmeira no rio
Que nem o vento arranca (BOQUIM, p.2-3).

O trecho destaca a decisão da transferência da capital e a reação de parte da população que não respondeu positivamente a ideia. Por outro lado, a mudança servia aos interesses dos usineiros, que com a implantação do porto marítimo seriam beneficiados com um melhor escoamento de suas mercadorias. Aracaju então se torna a capital, satisfazendo os anseios da elite açucareira do estado em detrimento dos protestos da população. Com o passar do tempo os protestos se dissiparam, pois o projeto foi realizado “Com força de gente branca”, em alusão a elite dominante.

De acordo com Jefferson Cruz (2016) em sua pesquisa sobre o Projeto de Pirro e a Belle Époque aracajuana, os primeiros anos da nova capital não foram muito brilhantes. Para se destacar das demais províncias a nova capital precisaria de uma composição mais racionalizada, fugindo da concepção das antigas cidades coloniais. A partir dessa afirmação já se nota que na segunda metade do século XIX o desejo de criação de um centro urbano a frente do que estava antigamente estabelecido estava presente; se desejava uma cidade que avançasse, porém os obstáculos eram diversos:

O ineditismo do projeto da capital era fator que a tornava diferente das outras cidades sergipanas e quiçá brasileiras, no entanto, as condições naturais seriam um fator que impediria as obras de Aracaju, pois o clima, os pântanos e a infestação de mosquito “marcaram profundamente sua história e a historiografia que a contempla. A natureza se tornou uma constante nos

relatos sobre a cidade, seja nos relatos de época, ou mesmo nos que foram reescritos contemporaneamente” (CRUZ, 2016, p.38).

Nos dois primeiros anos da mudança da capital ainda pairava entre a população um grande rumor de que a transferência seria revogada a São Cristóvão, acreditando-se que “agentes não especificados” teriam influência junto ao governo imperial para a realização de tal ato. Esse seria um dos supostos motivos que retardaram o investimento privado na capital, atrasando o seu efetivo desenvolvimento nos primeiros anos (PORTO, 2011).

As primeiras habitações da nova capital eram pouco estruturadas, sendo essas locadas próximas ao porto; a cidade ainda não possuía sistema de esgotamento, água encanada ou saneamento básico, expondo os novos habitantes a uma baixa qualidade habitacional. Decorrente desse cenário uma devastadora epidemia de malária levou a óbito uma grande parcela da população da cidade, incluindo o próprio Ignácio Barbosa (FRANÇA; FALCÓN, 2005).

O próprio porto de Aracaju, principal motivo para a transformação da cidade em capital, ainda não possuía uma estrutura definitiva e edificada até meados do ano de 1913, como podemos ver na publicação do periódico Correio de Aracaju de 10 de julho de 1913:

Obras do porto de Aracaju.

Ouvimos dizer que s.ex. o sr.general presidente do Estado, recebeu um despacho do Rio, dando-lhe a grata notícia de que em breves dias terão início as obras do porto desta capital, o que é motivo de grande satisfação para o povo sergipano, que graças aos esforços empregados pelo horado general, vae gosar as vantagens desse grande melhoramento (CORREIO DE ARACAJU, 10 de julho de 1913, nº 928, p.1).

No ano seguinte, através de uma matéria encontrada no Jornal Correio de Aracaju temos a confirmação sobre a execução da obra, que ainda se encontrava em processo:

Conforme noticiamos, o exmo. Sr. General Oliveira Valladão visitou, ante hontem, pela manhã, as Obras do Porto desta Capital. [...] Depois dirigiu-se ao local dos trabalhos do caes de protecção, que está sendo construído pela comissão. Esses cães já conta cerca de 100 metros de extensão [...] (CORREIO DE ARACAJU, 19 de novembro de 1914).

Aracaju se encontrava atrasada em relação a outras capitais da república; enquanto em outras localidades as reformas implantadas nas cidades com o intuito de modernizá-las já haviam se consolidado, Aracaju seguia a passos lentos seu processo de edificação, principalmente devido a problemas financeiros gerados pela desvalorização do açúcar, principal produto comercial do estado. Finalmente, mais de 50 anos após a fundação da cidade as obras de sua estrutura urbana progrediram de forma mais concreta. Em razão desse atraso em edificar a cidade, a modernização de Aracaju não realizou o processo conhecido como “bota abaixo” que marcou os projetos de regeneração no Rio de Janeiro, Recife e Salvador, onde as antigas edificações coloniais existentes foram demolidas para a abertura de novas avenidas e edificações modernizadas (CRUZ, 2016).

Se observa então que a mudança da capital para Aracaju nesse aspecto foi ainda mais benéfica, pois a ex-capital São Cristóvão por possuir um forte traçado colonial necessitaria de um intenso processo de renovação. A destruição das edificações preexistente foi uma etapa do projeto de modernização urbana realizada originalmente na cidade de Paris. O projeto de urbanização parisiense foi executado entre os anos de 1853 e 1870, sendo gerido pelo Barão Haussmann (MARINS, 2006).

Influenciados pelas reformas urbanas da cidade de Paris as capitais e cidades brasileiras mais importantes realizaram ações urbanísticas e modernizadoras como a criação de sistemas de saneamento, modernização do porto para a otimização do comércio, remodelação das vias e racionalização do plano urbano e o seu calçamento. Essas ações geralmente se concentravam na área central, onde os antigos e decadentes casarões coloniais/imperiais eram ocupados por múltiplas famílias. O “bota-abaixo” foi uma ação agressiva, demolindo edificações para a abertura do fluxo de circulação e acessos, expulsando a populações que ali residiam. Porém a demolição da antiga cidade não tinha apenas razões práticas, era urgente a eliminação dos resquícios do passado colonial e até seus traços remanescentes do império. Essas heranças tão repudiadas eram principalmente responsabilizadas pela falta de organização e alinhamento dos espaços urbanos, pelo alastramento de epidemias que assolavam a população e pela presença de moradias superlotadas que eram habitadas pela população pobre em algumas capitais brasileiras (SEVCENKO, 2006).

Nas condições em que as cidades brasileiras se encontravam antes das intervenções modernizadoras, essas não eram consideradas propícias para o desenvolvimento e sua transformação em polos de atração de investimentos (MARINS, 2006).

As grandes capitais da jovem República constituíam o horror a qualquer um que estivesse habituado aos padrões arquitetônicos e sanitários de grandes cidades europeias, como Paris, Londres, Viena e São Petersburgo, a Nova York e Washington, ou mesmo às cidades secundárias dos países centrais (MARINS, 2006, p.124).

Na década de 1910 a cidade de Aracaju inicia a aceleração do processo de urbanização da cidade, edificando praças, prédios públicos e calçamento das ruas. A população que habitava a área projetada da cidade “ansiosa por alcançar o status de cidade moderna, inicia uma série de reformas baseadas nos padrões já estabelecidos nos grandes centros brasileiros e europeus” (FRANÇA; FALCÓN, 2005, p.55).

Em mil novecentos e treze
Chegou a linha do trem
O povo se alegrou
Sorriam passando bem
E o que foi interessante
Que nem um dos habitantes
Queixou-se mais de ninguém
(BOQUIM, p.2-3).

Os versos acima ilustram esse período de desenvolvimento da cidade, trazendo para a população aracajuana dispositivos que finalmente fariam os cidadãos desfrutarem de um status de modernização e avanço, o que não havia se concretizado no primeiro momento da execução do planejamento da cidade quando houve somente a construção de poucos prédios públicos como a alfândega, a subdelegacia e o correio (DINIZ, 2009).

Paulatinamente Aracaju vai se consolidando como capital, no entanto a ideia de construir uma cidade moderna, a exemplo das cidades europeias, não ganhou impulso no século XIX. Precisaram de meio século e alguns anos para que o alvorecer da modernidade finalmente o tabuleiro de Pirro, algo que foi desejado por Inácio Barbosa durante a Monarquia, mas só se

configurou na República, quando Sergipe deixa de ser uma província do Império e se torna um estado da República Federativa (CRUZ, 2016, p.43).

Na época foram também instaladas na cidade a linha de trem e a estação telegráfica, facilitando a conexão da cidade de Aracaju com outras localidades:

Estação Urbana

Já foi despachada favoravelmente pelo sr. Dr. Director General dos telégrafos a proposta de criação duma estação telegráfica urbana no Bairro Siqueira Menezes, arrabalde estimadíssimo de nossa capital.

Esta estação que será instalado no começo do próximo exercício trará, de certo, grande incremento ao aprazível bairro, a cujos habitante damos por isso, nosso parabéns (CORREIO DE ARACAJU, Nº930, 12 de julho de 1913).

No mesmo ano o jornal Diário da Manhã noticiava a conexão da cidade à linha de ferro:

Estrada de Ferro de Timbó a Propriá

Ao Diário da Manhã não devia ser indiferente os factos ocorridos por ocasião da inauguração da Timbó a Propriá, no trecho que nos liga a capital baiana, por isso que nossa folha não tem poupado esforços para bem servir os seus inúmeros leitores. Em sendo assim, destacamos um dos nossos redactores para uma enquete com o digno engenheiro dr. Epaminondas Torres, sócio da empresa technica de Aracaju (DIÁRIO DA MANHÃ nº 58, 12 de junho de 1913, p.1).

Nos governos seguintes os melhoramentos continuaram, como por exemplo, a ampliação do calçamento das vias:

Calçamento da cidade

Para ter aplicação no calçamento de várias ruas desta capital, o chefe do Municipio acaba de importar do vizinho Estado da Bahia uma grande quantidade de paralelepípedos que já estão desembarcados no porto desta cidade. Sem palavras para o elogio que merece o operoso sr. Dr. Intendente municipal pelo início do grande melhoramento de que vai dotar a capital sergipana, registramos com todo prazer o facto mencionado (CORREIO DE ARACAJU nº 2659, 10 de agosto de 1919, p.1).

Ao mesmo tempo, na cidade são instaladas indústrias de tecido na porção ao norte do plano urbano do quadrado central, trazendo consigo um novo contingente de moradores a capital, que vinham em busca de trabalho como operários dessas fábricas. Essa nova população de trabalhadores fixou residência em sua maioria nas

proximidades das indústrias, fora da área planejada de Pirro, edificando residências simples feitas de taipa ou supapo (FRANÇA; FALCÓN, 2005) dando origem ao bairro hoje conhecido Bairro Industrial:

O Bairro Industrial (antigamente chamado de Chica Chaves e primordialmente conhecido com o nome de Massaranduba) é o bairro mais romântico da Cidade de Aracaju. Pode não parecer, mas é. Bairro humilde, bairro proletário, bairro de gente pobre. Pela manhã longos apitos chamam os operários para o trabalho. E as ruas se enchem de homens e mulheres a caminho das fábricas enormes (CABRAL, 1955, p.281).

O novo cenário brasileiro iniciado a partir da República veio acompanhado de mudanças demográficas. Uma população que vinha de um passado relacionado a escravidão, uma população interiorana e uma parcela de indivíduos vindos de países estrangeiros, se moviam abastecidos com a esperança de uma vida melhor nas cidades brasileiras que agora se industrializavam. Esse crescente contingente populacional gradativamente se juntava a população que já residia nos centros das cidades imperiais. Diante desse quadro urbano a nova elite republicana elege como necessidade a extinção da tradição do tumulto e do desleixo ao qual o país era conhecido internacionalmente. Organizar as cidades para civilizar a população que agora vivia sob um sistema democrático deveria exigir tantos deveres quando anunciava novos direitos a seu povo (MARIS, 2006).

Para residir dentro do plano central de Aracaju era necessário seguir uma série de diretrizes construtivas como precedentes para a construção de novas edificações na área. Devido a todas essas exigências e normas, a construção e o ato de morar na área planejada se tornaram muito custosos (FRANÇA; FALCÓN, 2005). A insatisfação da população acerca dos altos valores do aluguel na cidade é demonstrada através de um artigo publicado no Jornal Correio de Aracaju do ano de 1919:

Em Aracajú, está constituindo um problema muito sério a exorbitância dos aluguéis de casas, que são aqui relativamente muito mais altos do que no Rio ou em qualquer outra capital dos Estados do Brasil. É certo que a população tem aumentado consideravelmente, mas essa razão não bastaria determinar uma mudança tão brusca, se não influíssem outros factores que apresentam talvez mais decisivos. (...) E esse péssimo precedente não prejudica simplesmente a um particular; vae crear dificuldades a toda população, que, além da casa em que more, tem outros graves problemas a que, em Aracajú, os poucos rendimentos do comum da gente, não lhe permitem essa exorbitância de aluguéis.

(CORREIO DE ARACAJU nº 2659, 10 de agosto de 1919, p.1).

Novamente se notam semelhanças com a situação gerada pelo projeto de remodelação parisiense, onde as áreas submetidas ao processo foram sujeitas a novas regularizações e posturas que aumentaram drasticamente o custo para se edificar dentro na região:

Milhares de unidades habitacionais foram destruídas em Paris à custa de desapropriações, e as muitas remanescentes foram fustigadas pelas posturas cada vez mais ousadas. As novas construções foram submetidas à aprovação governamental, o que restringia intensamente a possibilidade de se construir como se quisesse. A especulação estabelecia uma lógica paralela de exclusão espacial, em que as imediações das grandes artérias foram lentamente impossibilitando o habitar pouco custoso (MARINS, 2006, p.135).

Com o alcance de certa prosperidade econômica finalmente a cidade de Aracaju começa a se estruturar na intenção de seguir os passos das cidades industriais e embelezadas. Na década de 1910 foram finalmente realizados projetos de infraestrutura na cidade e na década de 1920 a modernização já começara a fazer parte da realidade da cidade (CRUZ, 2016).

As primeiras décadas dos novecentos marcariam um período de pouca, porém significativas transformações para a capital de Sergipe, dentre elas destacamos: o calçamento da cidade, em 1900; implantação da água encanada e bondes, em 1908; rede de esgoto e começo de drenagem, em 1913, ferrovia, em 1914, instalação da energia elétrica estatal, em 1916; e da rede de telefonia, em 1919. Com essas obras iniciais de remodelação, Aracaju começa a perscrutar pelos trechos que levam à modernidade. Somente nesse período foi que a capital sergipana “conseguiu criar monumentos, embelezar ruas, praças e prédios públicos.” (CRUZ, 2016, p.46).

O período dentro da modernidade onde novidades, avanço tecnológico, tendências de moda e revolução cultural se misturaram foi batizado como a *Belle Époque*, ou em português, “Bela época” ou “Belos tempos”. Esse evento iniciado na França aconteceu entre o final do século XIX, mais especificamente em 1871 e se findou com o início da primeira Guerra mundial em 1914 no continente europeu. Essas novas ideias e transformações de cunho urbanos, sociais e culturais injetaram um forte sentimento de “avanço como civilizações” nas sociedades ao redor do mundo (CRUZ, 2016).

O enriquecimento baseado no crescimento explosivo dos negócios formou o pano de fundo do que se tornou conhecido como “os belos tempos” (Belle

Époque). A atmosfera da Regeneração era o correspondente brasileiro desse surto amplo de entusiasmo capitalista e da sensação entre as elites de que o país havia se posto em harmonia com as forças inexoráveis da civilização e do progresso (SEVCENKO, 2006, p.34).

No Brasil a Belle Époque pode ser definida a partir da guerra europeia, período ao qual o Brasil, incluindo Sergipe principalmente em relação ao açúcar, exportava produtos para suprir a demanda dos países envolvidos na guerra. Foi a partir desse momento que o país inicia um processo vigoroso de industrialização, abrindo novas fabricas e produzindo internamente parte das mercadorias que anteriormente eram compradas do exterior. Esse período compreendeu no Brasil as três primeiras décadas do século XX, revolucionando a forma de produzir e consumir na sociedade brasileira:

Esse período abrangia grosso modo de 1900 a 1920 e assinala a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente, mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último, mas não menos importante, a popularização do cinema (SEVCENKO, 2006, p.37).

Diversas cidades brasileiras viveram sua Belle Époque, porém muitas em períodos diferentes pois algumas cidades alcançaram sua prosperidade econômica em anos diferentes. É importante destacar que as primeiras cidades a iniciarem seus processos modernização/regeneração, foram Manaus e Belém, iniciados no final do século XIX movido pelo apogeu da cultura da borracha nas suas regiões; e Recife cujas primeiras intervenções se iniciaram ainda no século XIX, porém futuramente ainda passaria por várias outras intervenções modernizadoras até o ano 1926. O Rio de Janeiro, apesar de ser a capital e cidade mais importante da época, só iniciou seu processo de renovação urbana a partir do ano de 1903, pela iniciativa do prefeito Pereira Passos. Foi então com o processo de transformação urbanística carioca que outras cidades brasileiras vendo a capital como modelo de cidade iniciaram também seus projetos modernizadores. Esse foi o caso também da capital aracajuana que vivenciou a sua Bela época nas décadas de 1910 e 1920 (tardamente se comparado com outras capitais aqui mencionadas) (CRUZ, 2016).

A Belle Époque aracajuana, assim como nos diversos casos onde ela aconteceu, veio acompanhada de ideias e projetos de modernização que influenciaram o embelezamento e a remodelação das cidades e de seu cotidiano. Jefferson Cruz (2016) relaciona o início da Belle Époque ao governo do Presidente do Estado de Sergipe José Joaquim Pereira Lobo, sendo continuado por seu sucessor Maurício Graccho Cardoso, compreendendo o período de 1918 a 1926 (porém o período poderia ser oficialmente considerado encerrado junto com o fim da república velha). Dentro desse período houve uma aceleração e reforma urbana da cidade de Aracaju, dinamizando obras de embelezamento que há muito tempo já eram discutidas em governos anteriores, mas nunca realmente concretizadas. O projeto usava como base as transformações realizadas em cidade como o Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e outras capitais brasileiras.

O crescimento industrial de Aracaju foi uma das principais fontes financeiras de investimento para que fosse retomado o desenvolvimento da capital a partir dos anos 1910. Para se ter ideia do crescimento industrial na cidade em 14 anos a cidade passou do número de 41 estabelecimentos industriais a 237 no ano de 1920, dando destaque as grandes indústrias têxteis que se instalaram na capital, sendo essa indústria uma das mais crescentes não apenas no estado de Sergipe, mas em todo o país. Por outro lado, a produção açucareira continuava sendo de enorme importância econômica para o estado, porém agora assumia uma produção mais modernizada, substituindo os engenhos pelas usinas açucareiras e a utilização da mão de obra animal pelos maquinários agrícolas (CRUZ, 2016).

Mario Cabral ilustra bem esse evento em seus escritos sobre o cenário aracajuano, demonstrando o ímpeto da transição econômica e social. Era notável o surgimento de uma nova elite e o esforço da antiga para se encaixar no novo modelo de sociedade moderna e republicana. Para isso grandes investimentos foram feitos por essa elite em busca de um status de sofisticação que os inseriria no topo dos círculos sociais:

Só depois da guerra de 1914 é que surgiu a primeira residência fidalga, o palacete de Adolfo do Escorial, “uma das figuras mais originais da civilização açucareira” em Sergipe. Daí por diante, como observa José Calasans, duas classes disputam a primazia das construções: os novos ricos e os senhores de engenho. Estes abandonando o engenho, o latifúndio, em consequência de causas sociais e econômicas, buscando na cidade a continuação do fausto e do prestígio. Aqueles, edificando, febrilmente, casas luxuosas e de gritante mau gosto, procurando, por este

meio, chamar a atenção da sociedade, forçando a entrada no seu seio, na realização de um sonho há muito acalentado. É uma cidade como outra qualquer, cidade de ricos e de pobres, de patrões e de empregados, de burgueses e de proletários, os palácios e os casebres, os bangalôs e os mocambos, demarcando, nitidamente, o aspecto evolutivo do problema social... (CABRAL, 1955, 42-43).

Em Aracaju a Rua João Pessoa (na época chamada de Rua do Barão) foi a primeira via a ser calçada com blocos de paralelepípedo, tendo toda a sua via alcançada pela obra. Essa foi uma das vias que recebeu mais investimentos privados e edificações, pois o influente empreendedor Barão de Maruim possuía diversos lotes na localização, construindo na área principalmente edificações residenciais. (PORTO, 2011) Além dessas modernidades, futuramente outra novidade foi a instalação de bondes elétricos em Aracaju no mandato do Presidente Graccho Cardoso, no ano de 1925, sendo esses um dos principais símbolos do desenvolvimento da cidade na época (CRUZ, 2016).

Antes da década de 1920 a Rua da Aurora, localizada nas margens do rio Sergipe, concentrava em seus três primeiros trechos o centro da vida social e comercial da cidade; lá se localizavam os principais pontos de entretenimento e lazer da cidade como lojas, bares, restaurantes, pensões, hotéis, teatros, desfiles militares e procissões religiosas. Porém a partir da década de 1920 se nota uma transferência da influência desse logradouro, dando vez a Rua João Pessoa que se tornou o endereço de concentração de entretenimento, vida social e glamour na capital. Para a Rua da frente (apelido popular para a Rua da Aurora) restaram os estabelecimentos comerciais rústicos de ferragem, lojas de implementos para a indústria e lojas de secos e molhados (PORTO, 2011).

O processo de remodelação das cidades brasileiras não foi apenas um ato urbano, mas também de remodelação dos modos e costumes. Para se cosmopolizar e atingir o rótulo de nação civilizada, o próprio brasileiro necessitava se civilizar, ou seja, se afastar dos costumes que não compatibilizassem com o que era feito nas nações modernas, buscando ao máximo a imitação de hábitos europeus. Também nesse quesito a França foi uma das maiores referências brasileiras no processo de renovação dos costumes. O culto ao elegante, a moda e a sofisticação estavam em voga; homens e mulheres deveriam se vestir elegantemente como era ditado pela moda francesa e inglesa. Esse desejo de se europeizar era tão intenso que inclusive

durante um período anterior a primeira guerra mundial as pessoas nas ruas utilizavam expressões e incorporaram ao vocabulário palavras francesas. Uma grande parcela das tradições populares brasileiras se tornava motivo de vergonha para as pretensões da elite que viam nessas manifestações culturais uma forte influência de elementos africanos e indígenas, supostamente se distanciando do que era civilizado e moderno (SEVCENKO, 2006).

A nova elite edificava casas luxuosas dentro da área do quadrado de Pirro, consumia artigos de luxo e o que havia de mais moderno e glamoroso ao seu alcance. A cidade seguia os anseios da modernidade, abrindo avenidas, se racionalizando e construindo praças para os passeios de domingo da população. A cidade moderna deveria trazer o progresso e ao mesmo tempo civilizar o cotidiano citadino. Aracaju se enchia de lojas, cinemas, cafés, sorveterias e alfaiatarias. A rua mais famosa pela presença de estabelecimentos elegantes e belas vitrines de lojas era a Rua João Pessoa que vendia a imagem de glamour ligada ao período da Belle Époque (CRUZ, 2016). De acordo com Melins e Cabral:

(...) a Rua João Pessoa, coração da cidade, sempre agitada e romântica, era o termômetro aracajuano. Rua do Esplendor, do chique, do famoso footing, charmosa, sincrética e maravilhosamente fascinante. Por ela, gravitavam milhares de sergipanos que iam as compras, a passeio ou ao cinema Éden, diariamente assistir as fitas estreladas [...]. Iam ao teatro Carlos Gomes, onde a sociedade aracajuana aplaudia, em soirées de gala os dramas e comédias [...] (MELINS, 2020, p.15);

A Rua João Pessoa, por exemplo, é uma rua tipicamente aracajuana. Chamava-se antigamente, a Rua do Barão. É uma rua em linha reta, como aliás quase todas as ruas da minha cidade. Começa na Praça General Valadão e termina na Praça Fausto Cardoso. A Rua João Pessoa, equivale, em síntese, a Rua da Imperatriz, no Recife, ou a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Lá estão situadas as melhores lojas, os mais importantes “magazines” da capital sergipana. Ali existe o comércio granfino, ali fazem as suas compras burgueses e os “novos ricos” do após guerra. Tudo é mais caro. A classe média e o proletário, fogem, respectivamente, para o comércio da Rua Laranjeiras e da vizinhança do Mercado Modelo (CABRAL, 1955, p.325).

Se tornou hábito na capital a prática do “footing”, que se resumia a atividade de se arrumar com boas roupas para andar nas ruas do centro olhando as novidades a mostra nas vitrines das lojas, exibindo sua figura e seus trajes ao estilo francês/inglês. As ruas mais elegantes do centro aracajuano tinham como clientes de seus estabelecimentos “políticos importantes, fazendeiros e capitalistas” que

usavam esses locais como ponto de encontro onde “discutia-se política, negócios e vida alheia” (MELINS, 2020, p.21). Lá na Rua João Pessoa era onde se encontrava o coração da elegância aracajuana:

Nos domingos e feriados, quando anoitecia, as vitrines das lojas enchiam-se de luzes. Artigos de luxo e novidades eram expostos. Senhoras usando luxuosos vestidos Dior e cheias de joias olhavam as exposições das lojas.[...] estavam mais interessadas no “footing”, quando seriam observadas pelos olhares contemplativos [...] (MELINS, 2020, p.24).

Durante aquele período para entrar em certos estabelecimentos, como por exemplo o Cinema Rio Branco localizado na rua João Pessoa, era obrigatório o uso de paletó e gravata, assim exigido e obrigatório também nos primeiros anos do cinema Vitória. Quando o cidadão não estivesse vestido adequadamente e a altura do local poderia então ser impedido de acessar o local.³ Como Sevckenko (2006) explica, nas cidades foram criados dispositivos de zoneamento para a exclusão da população pobre e indesejada, onde populações de classes sociais diferentes deveriam ser segregadas no meio urbano.

1.2 OS HABITANTES DA BOEMIA

No Artigo *Os cabarés da Antiga Aracaju* da revista Cumbuca, publicação organizada pela editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, temos uma descrição de como se identificava um característico boêmio sergipano:

Os boêmios de ontem, cabelos fixados com Gumes ou untados com brilhantina Coty, vestidos em terno branco diagonal S-120, calçando um sapato de bico fino bicolor, olhar refletido pelo clarão da lua (...) (REVISTA CUMBUCA nº 12, Dezembro 2016, p.5).

A boemia é frequentemente associada ao glamour por carregar consigo as marcas do seu período, quando a modernidade e a Belle Époque trouxeram consigo um novo ideal de consumo e elegância. A boemia é muitas vezes ligada a artistas, escritores, músicos e outras pessoas que trabalham em áreas criativas e que viviam um estilo de vida excêntrico. A ideia de que a boemia é glamorosa foi bastante explorada pelo cinema e livros na época, retratando artistas e escritores rebeldes

³Entrevista à autora em 12/04/23

que frequentavam cafés, bares e clubes noturnos vestidos com roupas elegantes, bebendo e fumando enquanto conversavam sobre arte, literatura e filosofia (SEIGEL, 1992).

Porém de acordo com Murilo Melins a boemia aracajuana na prática tinha um sentido mais próximo de conceitos como “farra” ou “noitada”, onde qualquer pessoa poderia fazer parte da boemia, mas só os que possuíam condições financeiras frequentavam os locais mais requintados. Melins ainda acrescentou que todos poderiam fazer parte da boemia, mas poucos poderiam se intitular como “boêmio”, por ser um rótulo ligado a intelectualidade e de certo modo ao seu status social na cidade de Aracaju.⁴

O boêmio não possui uma definição concreta, esse apenas apresentara algumas características que eram comuns à sua prática; o que absolutamente não fazia do indivíduo um ser pertencente à boemia somente por possuir esses traços ou um boêmio não deixaria de ser por não os possuir:

Roupas extravagantes, cabelos longos, viver o momento, não ter residência fixa, liberdade sexual, entusiasmos políticos radicais, bebida, ingestão de drogas, padrão irregular de trabalho, hábitos de vida noturna – todos eram boêmios ou não, segundo a forma como eram encarados ou assumidos, boêmios em alguns momentos e não boêmio em outros. Os sinais externos da boemia eram importantes, mas nunca foram suficientes para a delimitação de suas fronteiras. Essa incerteza era essencial, adaptando a boemia a tarefa de testar e provar os limites da vida burguesa, não aceitando como algo já conferido nem procurando aboli-los (SEIGEL, 1992, p.20).

O termo “Boemia” em si foi criado a partir da visão romântica dedicada a imagem dos ciganos errantes que viajavam pela Europa. Sempre relacionados a aventura, libertinagem e liberdade, tendo como lema o desfrutar do momento. (SEIGEL, 1992) De acordo o DÍCIO (dicionário online de português), a palavra “Boêmio” possui três significados definidos: “Da Boêmia”, “Raça nômade que se supunha natural da Boêmia; cigano” e “O que leva vida despreocupada; farrista; vadio; estroina” (BOÊMIO, 2022).

Alessa Silva (2014), em seu estudo sobre a boemia afirma que na boemia ao estilo brasileiro há em parte um distanciamento de alguns valores da boemia

⁴ Entrevista à autora em 12/04/23

originária francesa, que se embasava em um estilo de vida subversivo e de discurso anti-burguês. A boemia brasileira, incluindo a exercida em Aracaju, embora também ambientada em cabarés, bordeis e bares, apresentava um discurso baseado na intenção de exprimir a imagem de uma boemia saudável e limpa, se negando muitas vezes a ideia de que a boemia exercida aqui era envolta em vícios, rebeldia e degradação. Nos discursos desses boêmios (geralmente pertencentes a classe média abastada) era exposta a ideia de uma boemia quase inocente, ligada a literatura, a música, o bem-estar e o convívio social. As menções a histórias envoltas a presença de prostituição e excessos que aconteciam nesses meios eram muitas vezes mencionadas de forma recatada ou sigilosa.

Na cidade de Aracaju tivemos alguns exemplos de conhecidos boêmios, alguns mais escandalosos, outros mais ponderados no aspecto público. Como amostra para esse tópico daremos destaque a autores cujo material serve como base para essa pesquisa, em obras que falam do cotidiano da boemia em que esses também se inseriam, também na intenção de conhecer melhor os produtores desses documentos.

Freire Ribeiro nasceu em 1911 na cidade de Aracaju, sendo um exemplo e um representante boêmio local. O escritor vinha de uma família abastada de proprietários de terra, porém desde sua juventude se negou a seguir a carreira acadêmica na medicina ou no direito como seu pai desejava. Nunca exerceu um trabalho definitivo, tendo se dedicado a diversas atividades, inclusive se candidatando a política, porém sem muita permanência ou sucesso (Neto, 2011).

Pode-se dizer que João Freire Ribeiro em toda a sua vida, foi somente intelectual e poeta. Como meio de vida deu-se a outras ocupações nas quais, o seu talento e cultura bem lhe poderiam assegurar apreciáveis êxitos. Sempre lhe faltou, todavia, a necessária vocação para esses outros misteres (Neto, 2011).

De acordo com a biografia escrita por Urbano Neto (2011) seu sonho na realidade era ser um grande escritor, se destacando no cenário artístico sergipano como poeta. Possuía fama de mulherengo e boêmio, sendo uma de suas obras mais conhecidas o livro intitulado *Curral* (publicado pela primeira vez em 1942) obra usada como forte referência nessa pesquisa para revisitar a boemia e a zona de meretrício dos excluídos sociais do período. Se casou, pois naquela época um

homem de certa idade que não se casava e não constituía família era mal visto na sociedade, porém sua fama de mulherengo não cessou após o matrimônio. Em um depoimento de sua própria esposa essa afirmou que “Quando Freire encontrava qualquer tipo de mulher com a tez crestada pelo sol do levante, uma cigana que fosse, não conseguia dissimular bem o interesse que a mesma lhe suscitava.” Porém essa mesma se conformava com a situação por reconhecer e aceitar a natureza boêmia do marido afirmando que “A princípio eu também não escondia o meu desagrado, mas depois, compreendendo que aquilo não passava de devaneios de poeta, dizia-lhe qualquer pilhéria e seguíamos em frente” (Neto, 2011).

Um dos livros mais utilizados como referência nessa pesquisa foi o “Aracaju Romântica que vi e vivi” (2007). Seu autor Murillo Melins nasceu em 1928 na cidade de Neópolis, mas passou quase toda sua vida na capital Aracaju frequentando os espaços da boemia aracajuana das décadas de 1940 e 1950 de sua juventude. Melins foi funcionário público dos correios por boa parte de sua vida, porém desde sua vinda a Aracaju se enturmou com a intelectualidade sergipana. O autor declara que com chegada da juventude seus interesses se tornaram mais fortes: “Depois fui crescendo e passei a frequentar a biblioteca pública, a ler muito, ir aos bares da época, comecei a conviver com filósofos, com poetas, personalidades e artistas” (TAVARES, 2018). Acerca da boemia intelectual presente em sua memória Melins recorda das reuniões com seus amigos:

(...) parlatório da cultura, na qual às tardes, Elpídio Ribeiro Nunes nos falava sobre a filosofia de Nietzsche, também Austregésilo Porto e Robério Garcia defendiam as doutrinas de Marx e Engel, e Garcia Moreno falava sobre Ego, Superego, Id, libido, desejos sublimados, estudados por Freud. Nunes Mendonça aludia a aforismos de Vargas Villa e Pitigrilli. Os poetas: Santo Souza discorria sobre Cidade subterrânea; Clodoaldo Alencar, entusiasmado, recitava A pérola; Eunaldo Costa nos mostrava Poemas da noite; José Sampaio declamava Rua das vítimas; Freire Ribeiro nos apresentava os cânticos e velhos engenhos; Jacinto Figueiredo exibia o seu livro memória O último bonde (MELINS, 2020, p.25).

Melins diz se lembrar de como era forte o delineamento do Quadrado de Pirro naquela época e que hoje tal zona não se destaca, já se encontra misturada com os seus arredores devido à perda de sua importância. Murillo Melins geralmente é definido como um memorialista, tendo como inspiração a obra de Mário de Cabral na década de 1940 sobre a cidade de Aracaju. Melins afirma que escreveu seus livros por sentir falta de obras que revisitassem a memória da Aracaju de seu tempo e que

movido por um forte desejo de não permitir que essa memória fosse perdida, escreveu obras sobre o seu cotidiano na cidade que em vários momentos se misturou a memórias de seu passado na boemia aracajuana. (MELINS, 2020) O autor define sua juventude como “boêmia”, tendo vivenciado não somente experiências na boemia aracajuana, mas também em Salvador onde frequentou “os melhores e piores bares e cabarés da cidade ao mesmo tempo”.⁵

Murillo Melins possui em suas obras capítulos descrevendo estabelecimentos como cabarés, cassinos, boates, cafés e clubes, ambientes comuns pela presença dos denominados boêmios. Além da descrição do ambiente o autor explora em seus textos a presença do meretrício nesses estabelecimentos. No seu livro *Aracaju, Reminiscências e devaneios* (2020), no capítulo intitulado “Cabarés, cassinos e boates de Aracaju”, o autor inicia o texto com os seguintes dizeres: “Não sou falso moralista, muito menos um sensacionalista, que escreve somente para agradar a quem quer que seja. Sou do jeito que sou. Se o título do artigo o agradar, bem-vindo! Pode ler. Agradeço.” (MELINS, 2020, p.143).

Mario Cabral e seu livro *Roteiro de Aracaju* lançado em 1948 é uma rica fonte para o revisitar da memória da cidade de Aracaju. Tal obra se tornou referência no estado ao realizar uma descrição do cotidiano aracajuano através das experiências de Cabral, adentrando também na vivência da noite, dos clubes e das festas, sendo a obra do autor um importante referencial bibliográfico na composição dessa pesquisa. Em 1955 o livro é reeditado e republicado com a adição de seções batizadas como “Flagrantes” que expõem artigos de um cunho mais pessoal do autor, expondo situações vividas e suas percepções, algumas delas envoltas a boemia, apresentando verdadeiro “flagrante da vida aracajuana”.

No pequeno capítulo batizado “Flagrante nº3”, Cabral que já era reconhecido publicamente como escritor, crítico e poeta expressa todo seu repúdio por um tipo humano encontrado em seu cotidiano na cidade de Aracaju; “o tipo poeta”, que ele logo se retifica chamando de “indivíduo que pensa que é poeta.”

De acordo com o autor, ele mesmo se sentia perseguido por esse tipo de sujeito que o rondava em qualquer oportunidade nas ruas da cidade, tentando alguma aproximação e fazendo questão de lhe mostrar suas escritas e pedir sua

⁵ Entrevista à autora em 12/04/23

opinião, seguindo então para a pergunta: “Tem algo de Verlaine, não?” e então Cabral continua pensando irritado “Tudo quanto é verso, tem, para ele, algo de Verlaine.” (CABRAL, 1955, p.90).

Tal “causo” exprime muito do ambiente intelectual ou “pseudo-intelectual” que aclimatava certos círculos da cidade ao demonstrar como escritores ícones da boemia como o poeta parisiense Paul Verlaine inspiravam romanticamente também o círculo aracajuano. O citado poeta Verlaine se tornou famoso por expressar tanto em sua escrita quanto em seu estilo de vida o desregramento frente aos valores sociais:

Seus muitos obituários o descreveram como vivendo “uma vida verdadeiramente boêmia”, caindo na “mais obscura boemia”, “lançado em uma vida de boemia e pobreza”, vivendo sua existência boêmia “até o fim”. Essas imagens de Verlaine se originaram especialmente do período anterior a sua última década, quando ele acampava entre proxenetas e prostitutas em uma das piores esquinas do Quartier Latin, mendigando dinheiro, entrando e saindo do hospital, mas conhecido como poeta de grande talento e como inspiração de muitos poetas mais jovens (SEIGEL, 1992, p.248).

Essa referência a escrita de Verlaine também é percebida na obra de Freire Ribeiro, trazendo temáticas envoltas a prostituição e a degradação humana na já referida obra “Curral”.

No capítulo “Flagrante nº10” Cabral escreve então o que para ele era um autêntico boêmio, descrevendo um personagem anônimo (não se sabe se verídico ou ficcional) que vagava entre os lugares da boemia aracajuana como bares e cabarés; uma figura sonhadora e inconformada, a quem ele batizou de “poeta”:

E enquanto bebia, relembra como vivido, a vida do poeta, os passeios do poeta na Rua da Frente, as bebedeiras do poeta no Bar da Brama, os jantares do poeta na Petisqueira ou no Bar Ideal. Gostava do poeta. Ele sempre fora um poeta por vocação e por temperamento. Não dera para outra coisa. Não conseguia se formar, não conseguia se manter no trabalho. Era poeta, de profissão. Mas, coisa curiosa, o poeta não escrevia. Sonhava, apenas. Vestia-se como poeta, tinha ar de poeta, cabeleira de poeta e olhar de poeta. Mas não tinha pressa em se revelar ao mundo das letras. Vivia em um perene estado de contemplação interior. Imaginava versos, arquitetava poemas, buscando dia e noite, pelas ruas e cabarés, a chave de ouro de um eterno soneto inacabado (CABRAL, 1955, p.272).

Já nos seus “flagrantes” nº2 e nº6 Cabral faz a narração do percurso de uma figura denominada apenas como “o homem”. Nesses capítulos o personagem trajado em um paletó inicia seu percurso em uma noite chuvosa, iniciando pela zona

boemia proletária, caminhando pelas ruas do centro e observando o movimento de alguns dos estabelecimentos boêmios da capital, findando na Rua da Frente, na região portuária. Lá o personagem observa os casais que se encontram na sombra do cais enfrentam a frieza naquela noite chuvosa.

Apesar de pertencer a seção de flagrantes citadinos, o autor se retirou do texto, criando um personagem anônimo para apresentar essa caminhada noturna pela cidade. Tal artifício é compreensível devido ao papel público de respeito que Cabral desenvolvera perante a sociedade sergipana, tendo este encabeçado jornais e revistas de prestígio no estado de Sergipe e inclusive tendo ocupado o cargo de prefeito interino na cidade de Aracaju por um curto período.⁶

Melins em entrevista, afirma que a porta da livraria Regina era o maior ponto de encontro dos intelectuais-boêmios, que se encontravam no local para conversar sobre assuntos de interesse comum como poesia, filosofia, literatura e sobre o cotidiano da cidade. Um dos frequentadores mais marcantes foi o poeta Freire Ribeiro, famoso por seu senso de humor, sempre brincalhão. O poeta compartilhava com os presentes crônicas sobre a cidade. Murillo também se recorda de intelectuais que veneravam e debatiam o pensamento filosófico do escritor alemão Nietzsche e até da presença de Mario Cabral nesses encontros vespertinos em frente a maior livraria do estado na época. Melins ainda adiciona que parte desses intelectuais não frequentava as saídas noturnas para os cabarés, pois “já haviam contraído matrimônio e possuíam família”, fazendo parte de uma boemia envolta a discrição, frequentando geralmente no período vespertino o bar Apollo, o bar Iglu e o café central.⁷

Já o engenheiro, professor e autor Fernando Porto nascido no ano de 1911, contribui com essa pesquisa com um espírito ainda mais recatado, através de sua obra que assim como Mario Cabral buscou descrever a Aracaju. A sua maior contribuição nesse trabalho sobre a boemia do centro aracajuano antes de sua decadência foi a descrição e explicação acerca dos estabelecimentos próximos a região portuária, não se aprofundando no cotidiano do uso daqueles locais (PORTO, 2011).

⁶ cf. BARRETO, Luiz Antônio. Mario Cabral, 90 anos de um escritor. Disponível em: <<https://infonet.com.br/blogs/mario-cabral-90-anos-de-um-escriptor/>> Acessado em: 01/03/2023

⁷ Entrevista à autora em 12/04/23

O celebrado autor Jorge Amado também participou do ambiente boêmio aracajuano. O autor é conhecido pela ambientação de vários de seus romances envolvidos em ambientes da boemia do nordeste brasileiro. Após ter vivido em terras sergipanas e tendo frequentado os círculos da boemia e intelectualidade da capital, em seu livro *Tereza Batista cansada de Guerra* o autor faz uma descrição dos frequentadores e dos estabelecimentos boêmios do porto de Aracaju, citando inclusive nomes de artistas locais que compareciam a zona boêmia na época:

Casa cheia, muita animação, ambiente festivo e rumoroso. O Jazz-Band da Meia-Noite se desdobra, a freguesia gastando na cerveja, na batida, no uísque. No cabaré Paris Alegre a “juventude doirada de Aracaju se diverte a preços razoáveis”, segundo os prospectos fartamente distribuídos na cidade, entendendo-se por juventude doirada de Aracaju empregados no comércio e nos escritórios, estudantes, funcionários públicos, caixeiros-viajantes, o poeta **José Saraiva**, o jovem pintor **Jenner Augusto**, uns quantos formados, outros tantos vagabundos e múltiplos profissionais de ofício de idade variável, alguns prolongando a juventude doirada além dos sessenta (AMADO, 2008, p.17). (grifo nosso)

Em depoimento Melins confirma a presença desses nomes artísticos locais na boemia, inclusive afirmando ter frequentado diversas vezes os cabarés com o artista Jenner Augusto, com quem possuía grande amizade.⁸

Se percebe que os espaços boêmios não eram unicamente frequentados por intelectuais e artistas, existia uma grande variedade de homens que habitavam esses mesmos espaços no intuito de socializar, desfrutar de momentos de lazer ou desfrutar da companhia de meretrizes.

Uma personagem comum nas obras de Jorge Amado é a prostituta, figura comum aos ambientes e estabelecimentos boêmios. Exemplos de livros do autor em que se destacam essas personagens são as obras *Terras do sem fim* (1943), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Tiêta do Agreste* (1977) ou em *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972).

Desde o princípio do conceito moderno de boemia existiu uma relação desta com a prostituição. Esses indivíduos frequentavam áreas boêmias da cidade, como cafés e cabarés onde se reuniam para socializar, beber e conversar. Esses locais eram frequentados por muitas pessoas, incluindo aquelas que trabalhavam como prostitutas, além disso, como reflexo de uma sociedade sexista “mulheres de bem”

⁸ Entrevista à autora em 12/04/23

não eram socialmente permitidas nesses espaços, sendo a prostituta a figura feminina a habitar esses redutos do lazer amoral. Porém é importante ressaltar que nem todos os boêmios eram envolvidos com a prostituição e nem todas as pessoas que trabalhavam como prostitutas frequentavam ambientes boêmios (SEIGEL, 1992).

Observa-se o seguinte trecho da literatura de cordel sobre o meretrício e suas participantes:

O nome de origem é	Para uma elite burguesa
Uma palavra francesa	Na França era popular
Que se tornou cabaré	Tinha comparecimento
Nessa língua portuguesa	Para algum show assistir
E sua significação	No maior contentamento.
Traduzia a diversão	No Brasil houve mudança
	Tanto no nome e função
Virou local de dança	Virou casa de massagem
Teve outra nomeação	Para o jovem e o senhor
Mudou sua freguesia	E mulheres prostitutas
E agora toda a alegria	Que são chamadas de putas
Tomou outra direção	Não tem o mesmo valor (...).
Mudou o nome e imagem	(LUCAROCAS, 2012, p.2-3)
Também seu frequentador	

O trecho da literatura de cordel acima denota as diferenças entre estabelecimentos boêmios que surgiram na França na década de XX, sendo conhecidos pela nomenclatura de “cabaré” e então sua versão brasileira, moderna e “nordestinizada”, onde recebeu diversas outras nomenclaturas e eufemismos locais, como “casa de massagem”. O texto destaca a visão que se era dada pela sociedade às mulheres que trabalhavam nesses locais. De um status de artista e *performers* em seu início em Paris, ao papel de simples serviços do prazer masculino e motivo de escárnio social no contexto brasileiro.

Murillo Melins destaca em sua escrita a memória da forte presença das profissionais do sexo na boemia das suas noites aracajuanas:

Retrocedendo no tempo algumas décadas, proponho sob minha ótica
bordejar de per si, nas noites dos cabarés de Aracaju antiga que com

esplendor, glamour e melancolia escreveram a história boêmia da cidade, até a sua pálida decadência. Em Aracaju tinha cabarés para todos os gostos e todos os bolsos, onde imperavam as “**Estrelas da noite**”, as “**Filhas de Afrodite**”, animando a noite dos notívagos poetas, farristas, bebedores e todos que procuravam diversão e sexo. Para os jovens castos e pudicos, era o espaço de afirmação masculina (Revista Cumbuca, 2016, p.6). **(Grifo nosso)**

Os sinônimos e termos equivalentes para a palavra “prostituta” são inúmeros, e esses vêm sempre carregados de uma forte simbologia. Em diversas obras de Jorge Amado, assim como na literatura de cordel, é comum a presença do vocabulário vernacular, onde é empregado uso de palavras do cotidiano local. No artigo de Rita de Queiroz (2016), “*As designações para “prostituta” em terras do sem fim, obra de Jorge Amado*”, a autora destaca a coleção de palavras que o autor utiliza como sinônimo para o termo “prostituta”:

[...] foram levantadas oito lexias que designam a **profissional do sexo** (termo usado na contemporaneidade para se referir às pessoas que têm como instrumento de trabalho o corpo explorado sexualmente) [...]: **rameira, prostituta, puta, rapariga, mulher da vida, mulher dama, amásia, mulher fácil, mulher de má vida**. A lexia que teve mais ocorrência na obra foi rameira, seguida por puta, rapariga, **mulher da vida** e prostituta. (DE QUEIROZ, 2016, p.135) **(grifo nosso)**

De acordo com Queiroz, tais palavras são expressões ainda utilizadas e conhecidas principalmente em parte da região nordeste do Brasil, incluindo o estado sergipano. A linguagem é uma das esferas mais marcadas pela expressão da cultura, do cotidiano e da vivência dos indivíduos, sendo “o patrimônio vocabular de uma determinada língua, seus elementos imbrincados com a história e a cultura, pois a sua constituição é o reflexo das realidades de mundo e dos fatos de cultura.” (DE QUEIROZ, 2016, p.133).

“A chegada da prostituta no céu” do famoso cordelista pernambucano J.Borges é outro exemplo de literatura de cordel que expressa uma visão acerca da prostituição e da figura da meretriz no cotidiano social:

(...)

Sabemos que a prostituta
é também um ser humano
que por uma ilusão

fraqueza ou desengano
o seu viver é volúvel
sempre abraça ao engano

**Perante a sociedade
ela é marginalizada**
existe umas mais calmas
outras mais depravadas
**e quem tem mais ódio delas
é a própria mulher casada**

Ela vive aqui na terra
enfrentando um sacrifício
se vende para os homens
muitas se entrega no vício

e nova se estraga
e **faz da miséria ofício**

(...)

**Mesmo com as prostitutas
vive cheio de tarado
correndo atrás das moças
e mulher de homem casado
se não houvesse prostituta
qual seria o resultado? (...)**
(BORGES, 1993) (grifo nosso)

Nos trechos destacados da obra fica evidenciada a forma que a figura da prostituta é repudiada na sociedade ao mesmo tempo em que é vista como um mal necessário, pois a prostituta é a mantenedora da paz na sociedade por saciar “tarados”, proteger as “mulheres de bem” e a “mulher de homem casado” das investidas masculinas. É notável um forte sexismo nessas literaturas tradicionais, onde a única figura a ser culpada é a mulher.

O artigo sobre os cabarés da antiga Aracaju abre um parêntese sobre outra função que era dada as meretrizes na sociedade sergipana e tantos outros lugares. Naquele período era comum a utilização das profissionais do sexo não só para conter os “impulsos masculinos”, mas também “Para os jovens castos e pudicos, era o espaço de afirmação da masculinidade.”. Era através dessas mulheres que os jovens rapazes perdiam na maioria das vezes a virgindade, ganhando dessa forma a experiência sexual que era demandada aos homens (REVISTA CUMBUCA, 2016, p.6).

As prostitutas eram as principais figuras femininas das noites boêmias aracajuanas, porém devido aos julgamentos sociais essas muitas vezes tinham na sociedade fora de sua zona um ambiente ainda mais repressor, muitas vezes tornando-se seres que se escondiam da vida diurna. “As casas noturnas de então, eram locais de trabalho para os gigolôs, cafteens, rufiões, músicos, bailarinas e prostitutas que eram as donas da noite, viviam da noite e para noite (...)” (REVISTA CUMBUCA, 2016, p.6).

Porém em certos momentos as misteriosas figuras femininas saíam de seus esconderijos para desfrutar um pouco dos entretenimentos da cidade. Esse evento acontecia geralmente aos domingos à noite. Murilo Melins recorda

do questionamento de seu amigo sobre as mulheres desconhecidas que caminhavam em direção a principal rua do centro:

Um amigo ao lado pergunta:

- “Quem são aquelas mulheres que aparecem sorrateiramente vindas da Praça General Valadão?”
- “São as mulheres da noite, que respeitando uma discriminação não imposta, depois que as famílias se recolhem, saem da pensão de Marieta, do Bela Vista, Xangai e Mira-Mar e também vêm olhar as vitrines no comércio de variedade.” (MELINS, 2007, p.211).

Essas moças trabalhavam nos estabelecimentos da Zona boêmia do porto, sendo elas clientes das lojas que muitas vezes tinham como proprietários alguns de seus clientes do meretrício, o que as dava a oportunidade de serem atendidas de forma exclusiva:

Essas charmosas moças que agora desfilam para um público diminuto, são: Guida, Linda, Princesinha, Tufí, Verdinha, Candelária, Alba, Ivete, Tefinha, Raquel, Lourdinha, Arlete, Fita e Maria Silvia, conhecidas e estimadas pelos donos de lojas de modas, que são boas freguesas e muitos deles são frequentadores reservados das afamadas pensões onde elas moram.” (MELINS, 2007, p.212)

Para frequentar o centro no período diurno as meretrizes muitas vezes se utilizavam de trajes e maquiagem recatadas, sendo então tratadas nos estabelecimentos como “madames” e “senhoritas”, o que não acontecia quando tinham seu ofício descobertos:

Mulheres da vida, mas que devido à discrição dos seus trajes e da maquiagem, frequentavam normalmente o comércio das Ruas João Pessoa e Laranjeiras, iam às matinês do Rio Branco, Rex e Vitória, confundindo-se com as madames e senhoritas (MELINS, 2007, p.365).

As menções deferidas às meretrizes nesses locais boêmios aracajuano serviam para representar um produto de status/sofisticação na descrição desses espaços, se resumindo a descrever a aparência das meretrizes com dizeres como “(...) ali encontravam-se as mais caras e bonitas damas da noite.” (MELINS, 2007, p.365) ou com afirmações negativas sobre a aparência das moças para representar o baixo status do estabelecimento.

Essas mulheres, não simbolizavam na realidade indivíduos detentores de poder, mas sim um produto a ser comercializado. A forma que essas mulheres se portavam no “dia a dia” permitia a elas desfrutassem de certo entretenimento, contanto que essas soubessem obedecer às ordens sociais e a discrição, escondendo publicamente a vida que levavam na prostituição. Melins ainda enumera diversos nome e apelidos femininos na intenção de demonstrar as qualidades das mulheres que trabalhavam no estabelecimento:

Lembrando algumas, que por lá passaram. Linda, a mais bonita de todas; “Princesinha”, “Verdinha”, “Fuenga”, “Tufi” bela morena, bem educada e antiga professora, “Helena Jabá”, “Arlete”, “Maura”, “Maria Silvia” e a formosa e famosa “Gilda” que possuía o maior número de vestidos, sapatos e joias. Esse apelido foi dado, devido à aparência física e porte, com a estrela do cinema americano Rita Hayworth, que desempenhou em um filme a personagem Gilda, título da fita (MELINS, 2007, p.365-366).

Em entrevista Melins relembra que antigamente era um tempo de muito preconceito contra as meretrizes, mas que mesmo assim nutria amizade com algumas das meninas que trabalhavam nas zonas. Na época em que uma das meninas ficou internada devido à realização de uma cirurgia, ele a visitava levando frutas e um pouco de companhia, o que gerava muitas críticas das pessoas ao redor que não aprovavam a amizade e as visitas a uma meretriz.⁹

A comercialização dessas mulheres possui um histórico ainda mais nefasto. A prostituição de mulheres estrangeiras, que aconteceu também em terras aracajuanas nos estabelecimentos de elite, mas com muito maior frequência nas grandes capitais, onde também acompanhavam um conceito relacionado ao status. De acordo com a historiadora Mary Del Priory (2006) em sua obra sobre o cotidiano do amor no Brasil, por volta do final da primeira metade do século XIX, já se nota uma considerável europeização e aumento do mercado de prostituição no Brasil, tendência que alimentaria futuramente alguns dos luxuosos estabelecimentos boêmios da elite, principalmente em polos como o Rio de Janeiro. Primeiramente houve uma grande chegada de meretrizes portuguesas vindas do Açores e depois de europeias de diversos

⁹ Entrevista à autora em 12/04/23

países chegando em busca de melhores chances do que as que encontravam em suas terras.

Ainda segundo a autora, as cidades brasileiras mais importantes da época receberam primeiramente uma maior quantidade de prostitutas francesas, seguidas de mulheres vindas da Europa Central e assim em menor número de outros locais como Viena, Geórgia, Albânia e Itália. Os grupos de prostitutas se dividiam em dois; as “cocotes” e as “polacas”. As cocotes eram prostitutas de luxo e geralmente frequentavam locais sofisticados como teatros e locais da elite. Essa categoria de prostitutas também era comumente chamada de “Francesa”, o que não necessariamente significava que estas haviam vindo da França, mas que eram um “artigo de luxo” e possuíam comportamento e hábitos sofisticados. Do lado oposto ao da Cocote estava a Polaca. Essas prostitutas eram imigrantes, geralmente introduzidas na prostituição pelo tráfico humano internacional, sob a promessa de aliciadores acerca de melhores condições de vida e trabalho digno na nova terra. Na fotografia abaixo há o registro de um grupo de “polacas”; garotas geralmente de origem judia vindo de uma situação de extrema pobreza em seus países de origem. Chegando à terra estrangeira, não falavam a língua e não possuíam contatos que pudessem auxiliá-las (Figura 2). Esse fluxo do tráfico internacional de mulheres para a prostituição no Brasil transpassou o período da Proclamação da República e as décadas de ouro da boemia brasileira, durando até a década de 1960 (DEL PRIORY, 2006).

Figura 2- Um grupo de prostitutas imigrantes chamadas de “Polacas”.



Fonte: Augusto Malta¹⁰

Como fora mencionada, entre fins do século XIX e a década de 1930, haviam prostitutas de origem judaica em ruas de grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Nova York. Tratava-se de judias nascidas no Leste Europeu e conhecidas como “polacas”, pobres, quase sempre analfabetas e sem dote para um bom casamento. Saíram de seus países, ameaçadas por ondas de antissemitismo, sem perspectivas (...) (RECHTMAN, 2015. p.58).

No Jornal Correio de Aracaju do dia 09 de fevereiro de 1938, na matéria nomeada “Exploradores de mulheres”, há a exposição de uma quadrilha internacional organizada que agia explorando sexualmente mulheres estrangeiras:

Intensificada pela polícia argentina a campanha contra exploração do lenocínio.

Buenos Aires, A polícia vem intensificando a campanha contra os cafetões internacionais, em os quaes se encontram alguns argentinos e espanhóis. Essa quadrilha tem por objetivo a exportação de mulheres para a capital, quaes vinham do estrangeiro contratadas a diversas empresas que praticaram o lenocínio (CORREIO DE ARACAJU, 09 de fevereiro de 1938, p.2).

¹⁰ <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-polacas-as-escravas-sexuais-judias.phtml>>, acessado em: 20/03/2022.

A exploração sexual de estrangeiras se tornara uma preocupação nacional. No Jornal Correio Paulistano de 23 de janeiro de 1929 se encontra uma coluna pedindo a repressão ao “lenocínio”, como era chamado o crime na época. A campanha se posicionava contra os exploradores, no intuito de processar e expulsar os estrangeiros em atividade no crime. O lenocínio era tão recorrente que o ministério da Justiça criou 15 portarias de expulsão para homens estrangeiros envolvidos na atividade de exploração de mulheres. De acordo com o artigo a facilidade de acesso ao Brasil pelos portos tornou possível e popular esse tipo de crime em todo território:

Com a falicidade de entrada pelos portos brasileiros, indivíduos destituídos de moral, sem coragem para trabalhar, gastos pelos sofrimentos da guerra europeia, procuram a nossa pátria para se entregarem a esse commercio (CORREIO PAULISTANO, 23 de janeiro de 1929, p.4).

Em entrevista Murillo Melins revela que algumas “polacas”, “francesas” e “espanholas” já frequentaram em curtas temporadas estabelecimentos elegantes e boêmios de Aracaju, porém suas presenças eram muito mais comuns e numerosas em cidades maiores como em Salvador e o Rio de Janeiro. Melins acrescenta que as estrangeiras eram meretrizes bastante procuradas e que essas se destacavam por serem “as mulheres mais safadas que haviam”.¹¹

O destino das meretrizes que “fizeram vida” em Aracaju muitas vezes é desconhecido; as vezes se casavam e abandonavam a profissão ou faziam permuta com cabarés de outras localidades. Murillo recorda se da cafetina chamada Marieta que tinha como procedimento enviar as suas meninas que já estavam na cidade a uma maior temporada para Maceió, trazendo para substituí-las novas meretrizes. A cafetina Dona Iapiula conhecida na época como uma das meretrizes mais antigas de Aracaju tinha uma filial da sua pensão de mulheres também em Salvador que era gerenciada por seu filho João Piula, responsável também pelo envio e recebimento de moças nesse intercambio de cidades. Por essa razão era comum o recebimento de

¹¹ Entrevista à autora em 12/04/23

meretrizes de outros estados do país trabalhando no meretrício da zona boêmia de Aracaju.¹²

É importante lembrar que a imagem glamorosa da boemia pode ser bastante romântica e idealizada, e muitas vezes não reflete as realidades da vida boêmia. Os “bastidores” da boêmia também envolviam cenários caóticos e muitas vezes envoltos a dificuldades, preconceito social e problemas de saúde mental e físico.

1.3 A BOEMIA DO RICO E A BOEMIA DO POBRE

A nova ordem criada a partir da Proclamação da República defendia ideais progressistas que marcaram o início de uma nova fase, inserindo a sociedade brasileira na modernidade. Apesar de todo o discurso positivista trazido com a modernidade, infelizmente na prática a nova ordem não era assim tão democrática. Durante a implantação dos projetos modernizadores nas cidades ficava evidente o processo de exclusão das populações mais pobres, criando uma bolha onde somente a população mais abastada e rica acessava. O refinamento dos hábitos e o ímpeto consumista trazido pelos ideais modernos não beneficiavam os que estavam na base da pirâmide social (CRUZ, 2016).

A boemia como fenômeno trazido pelo modernismo apresentava da mesma forma as suas separações e zoneamentos. Inclusive nesse aspecto os habitantes deveriam ser delimitados em seus devidos territórios e submetidos a códigos e representação que os validavam ou invalidavam. Conceitos aqui explorados como segregação, reafirmação da superioridade da elite através do modo de consumo e comportamento, delimitação de áreas das cidades criando redutos e controle social foram ações que marcaram fortemente a criação das zonas boêmias em Aracaju. A república agora favorecia as novas elites, separando os indivíduos e a cidade em territórios.

O Jornal abolicionista Cidade do Rio, publica uma matéria intitulada “Intolerância positivista” criticando as injustiças sofridas pela população

¹² Entrevista à autora em 12/04/23

brasileira pobre (formada em grande parcela por indivíduos que foram explorados pela escravidão e seus descendentes) diante das promessas de liberdade e igualdade social. A matéria denuncia o favorecimento de oligarquias republicanas mascarado por um discurso e propaganda de modernidade e desenvolvimento econômico ao país:

Verdadeiros filhos pródigos, só a crueldade pode dizer que elles ainda não estão bastante esfomeados e maltrapilhos e que lhes deve deixar no gozo da liberdade, que os reduziu. **Querer convencer o país de que está prosperando** é o mesmo que pretender convencer um cego de que está vendo, quando elle sente era torno de si a noite perpetua. **Qual é o Estado próspero, qual o que está no gozo da tranquilidade, que entre os povos livres se traduz pelo florescimento do commercio e das indústrias e pela serenidade na decretação das leis?** O mal está nos homens e não nas leis, dizem, mas é preciso não querer ocultar que foram as leis que fizeram vir à tona esses homens, que sequestraram todos os direitos e liberdades da nação. Montada como está a **machina política da oligarchia e da fraude, como esperar que ella se preste a movimentar a República no sentido da egualdade** perante a lei, si o seu fito principal, se ella foi preparada adrede para iludi-la e sufocá-la?

(Jornal Cidade do Rio nº 108, 4 de fevereiro de 1902, p.1) (Grifo nosso)

Em um artigo do periódico Correio de Aracaju do ano de 1919 destaca o evento da ocupação da capital e a progressão da elite sergipana que se transferiu para a nova capital sergipana após um período de farto lucro comercial. O principal evento para a ocorrência desse cenário foi “O lustro que durou o conflito europeu, foram os cinco anos de fartura para os engenheiros sergipanos, depois de se enriquecerem, debandaram para a capital (...)” (CORREIO DE ARACAJU nº 2659, 10 de agosto de 1919, p.1).

O trecho da matéria acima representa o fato de que com a concretização das reformas urbanas da capital, beneficiadas pelas atividades comercial e industrial que se fortaleciam, uma população de poder aquisitivo mais alto apresentou forte interesse em residir na capital, iniciando sua migração para a cidade nos anos 1910 e 1920, criando uma nova burguesia e elite em Aracaju.

A presença de pessoas de classe social inferior era incomoda para a elite que detinha o poder e o direito a habitar e usufruir dos benefícios do centro da cidade moderna. O zoneamento da população não era um plano apenas de exclusão, mas também de controle das massas:

Privacidade, portanto, não poderia mais confundir-se com domesticidade, com os simples limites da casa, mas escapava para uma dimensão que abarcava os convívios, os vizinhos - todos sujeitos a uma mesma gramática de comportamento. Harmonizando-se as vizinhanças facilitava-se o conhecimento da fisiologia urbana - e das múltiplas "disfunções" geradas nas clivagens sociais altamente tensionadas nas capitais brasileiras [...] (MARINS, 2006, p.136).

De acordo com Paulo Cesar Marins (2006), a nova elite republicana e burguesa que surgia almejava uma intensa regeneração de sua sociedade e de seu meio urbano na intenção de criar um ambiente cosmopolita e moderno que fosse compatível com os anseios da alta sociedade.

O quadro difuso e instável das cidades brasileiras, já naturalmente hipertensionado pela escravidão e seus processos de exclusão social, tendeu a se agravar com a abolição e com a instauração de princípios democráticos. Surgia então a figura aterradora da massa de "cidadões" pobre e perigosa, viciosa, a qual emergia da multidão de casas térreas, de estalagens e cortiços, de casas de cômodo, de palafitas e mocambos que eram a vastidão da paisagem das cidades herdadas do império (MARIS, 2006, p.133).

Em Aracaju o governo junto ao projeto de edificação planejada do Centro criou um manual com especificações de como se deveria construir dentro do plano de Pirro, o que encarecia muito o ato de edificar. Essa ação serviu principalmente para segregar ainda mais a população pobre da possibilidade de viver dentro da área projetada da cidade, forçando essa população a edificar suas moradias em áreas periféricas onde o valor do terreno era mais acessível e não existiam tais demandas acerca do projeto construtivo (DINIZ, 2009).

Percebemos outro discurso sobre a crescente população que se aglomerava sobre as dunas e baixadas, fora da área determinada pelo plano Pirro. Eram casas baixas, não mais altas que um homem, organizadas entre si em ruelas, chegando a compor vilas e pequenos bairros (FRANÇA; FALCÓN, 2005, p.54).

Enquanto isso o Centro apresentava agora as mais modernas e belas fachadas, lampiões de iluminação elétrica e lojas de artigos de luxo e importados. Na cidade do Rio de Janeiro, maior referência para a modernização de Aracaju, os indivíduos que não possuísem traje compatível com a elegância demandada para frequentar o centro, como por exemplo,

sapatos, meias, colarinho, casaco e chapéu, podiam ser impedidos de acessar a área modernizada e podendo inclusive ser autuados pela polícia por essa razão (SEVCENKO, 2006, p.26).

A partir desse contexto a separação dos indivíduos por classe social se torna uma característica predominante no tecido urbano, locais da boemia destinados para os que possuíam certos privilégios econômicos e sociais eram locados dentro do plano mais centralizado da cidade, em estabelecimentos como cafés, cassinos e cabarés de luxo. Enquanto isso a boemia dos desafortunados ocupava as periferias, em locais de baixa infraestrutura e sob forte perseguição policial, sendo alvo de intensa crítica social.

No jornal O Nordeste, na edição do dia 26 de janeiro de 1939 é possível observar uma matéria intitulada “Rua do Bomfim” onde se apresenta uma descrição da região onde se localizava a primeira zona que existiu na cidade, nas periferias da área central.

A Rua do Bomfim é um mau fim para todos. É a rua do frege, da pancadaria, do pinga-tostão, do mulhero de terceira classe. Bafons cavernosos, centros da mais perigosa sífilis nacional, abrem dentro da noite as suas portas de fogo. São os “Moulin Rouge” da arraia miúda.

Violões caboclos e doloridos derramam a dolência de uma valsa ou o ritmo picante de uma marchinha. Tilintam sobre as mesas toscas copos imundos cheios de cachaça e a fumaceira dos “brevas de vintém” entorpecem o ambiente morno e lascivo. Uma harmonia geme num salão enfeitado de bandeirolas de papel seda: num desvario pagão de faunos alucinados os “bambas” da zona se esfregam acompanhando o compasso do “reco-reco”. É a eterna ronda do vício, o desejo carnal coivarando o sentido (O NORDESTE nº196, 1939, p.1).

Além de todos os adjetivos negativos deferidos acerca da zona do Bomfim, ainda há a referência negativa a elementos da cultura raiz brasileira como o violão caboclo, a marchinha e o reco-reco, que por se tratarem de manifestação com influências africanas e indígenas eram consideradas expressões animais e pouco civilizadas (SEVCENKO, 2006).

Ainda no mesmo jornal e no mesmo ano, no dia 02 de agosto, foi novamente publicada uma nota sobre a entrada e intervenção da polícia na zona do Bomfim:

Falta de Moral. Uma leva de meretrizes foi 'abocanhada' pela nossa Polícia de costumes a fim de dizer por que não respeita as famílias que também residem a Rua do Bomfim (O NORDESTE nº340, 02/08/1939).

Mario Cabral faz uma descrição da mesma Zona do Bomfim, na região periférica do Centro destacando uma visão grotesca sobre o cenário observado: “Os casebres, apertados uns aos outros, tinham uma aparência humana de miséria. As lâmpadas anêmicas, com grandes olheiras de névoa, deixavam ver pequenas, que, sob o açoite da chuva, pareciam feridas pululantes de germes.” (CABRAL, 1955, p.53).

Já Murilo Melins (2007) fala sobre o “Curral”, um trecho da Zona do Bomfim onde cabarés e bodegas se concentravam. Para o autor ali residiam as pessoas que foram expulsas da “real cidade”, sem auxílio das autoridades e sociedade. O ambiente era preenchido por casebres e a iluminação era a base de candeeiros a querosene, não havendo infraestrutura ou saneamento básico na área. Esse trecho da Zona do Bomfim era o mais famigerado da cidade, se destacando o estado de degradação das pessoas que lá habitavam:

[...] o Curral era habitado por prostitutas decadentes, tubérculos, sífilíticas carcomidas pelas doenças venéreas e maus tratos. Aportavam ale trazidas pelas mãos de engraxates alcoólatras, de um também fracassado ex-carregador de malas, ou pelo soldado “Canhão”, que morava nas imediações (MELINS, 2007, p.373).

No Bomfim era onde se encontrava a Zona boêmia da população mais pobre, localizado no Morro, onde a população de maior poder econômico não se fixava, preferindo os terrenos planificados na porção leste da área central. Apesar de se localizar numa área mais pobre do Centro, os estabelecimentos do Bomfim também eram frequentados por indivíduos boêmios de condições sociais mais elevadas a procura de diversão, porém não era um local para os “granfinos”. Quem possuía mais condições comprava bebidas e consumia os petiscos comercializados nos estabelecimentos. Para ambientar a noite, havia o som de radiola tocando e o encontro de indivíduos para a boa conversa e

descontração, porém no Bomfim a maior parte dos locais também oferecia o serviço do meretrício.¹³

No depoimento do senhor José Freire, este relembra que no Bomfim existia uma grande zona de cabarés, sendo a maior concentração desses lugares em uma rua transversal quase em frente a padaria que existia no local. Seu José Freire ainda completa que tinha o costume de se dirigir aos cabarés sozinho e que esses estabelecimentos eram frequentados em sua maioria por rapazes jovens e que apesar de não ter tanto dinheiro na época, era o suficiente para se divertir naquela zona de meretrício. Em relação as prostitutas o entrevistado disse que lá todas as meninas eram igualmente procuradas porquê de acordo com ele “não existe mulher feia e nunca existiu”.¹⁴

Em contrapartida os clubes eram um dos tipos de estabelecimentos mais frequentados pela elite aracajuana, possuindo uma diversidade de temas. O Clube Legendários foi o clube que marcou mais fortemente a boemia Aracajuana:

O Clube Legionários era o reduto dos boêmios, profissionais liberais, comerciantes, industriais e rapazes endinheirados, muitos dos quais faziam parte da diretoria, ajudando financeiramente junto com outros sócios, a manter aquele alegre e simpático clube e a proporcionar as festas mais quentes da cidade (MELINS, 2007, p.216).

O clube de associados Legionários era privilegiadamente localizado na Avenida Rio Branco e entre suas peculiaridades destacava-se de forma polêmica por possuir em seu estatuto social uma cláusula racista e segregatória proibindo o acesso de pessoas de cor em sua associação. Apesar disso, devido à grande diversidade étnica da sociedade aracajuana, tal clausula não era de fato cumprida (MELINS, 2007).

Os cafés também eram ambientes habitados pela boemia intelectual e privilegiada. Esses estabelecimentos transmitiam sofisticação, reproduzindo o glamour exaltado pela Belle Époque, trazendo para a cidade aracajuana novos locais de sociabilidade:

¹³ Entrevista à autora em 12/04/23

¹⁴ Entrevista à autora em 10/03/23

Os cafés se tornaram espaço para pensar em um novo Sergipe, voltado para a modernidade e a civilização. [...] Podemos dizer que esses estabelecimentos eram frequentados por intelectuais e outras pessoas que aproveitavam esses momentos para compartilhar suas experiências de vida (CRUZ, 2016, p.164).

Melins (2007) afirma que Cafés como o “Café Ponto Central” na Rua Japaratuba (Figura 3) e “O Ponto Chic” (Figura 4), localizado na Rua João Pessoa serviam de ponto de encontro para a sociedade de médio e alto poder aquisitivo. O “Café Ponto Central” era considerado a cafeteria mais luxuosa da cidade, onde se encontrava uma grande variedade de bebidas importadas da melhor qualidade, além de uma variedade de cafés, sorvetes, cigarros, charutos e frutas importadas.

Figura 3- Anúncio do Café Central.



Fonte: MELINS, 2007.

Já Fernando Porto (2011) descreve sua experiência ao recordar da impressionante inauguração do Ponto Chic no Centro aracajuano:

Enquanto a banda da polícia militar tocava na porta, lá dentro o champagne era servido as autoridades e demais convidados (bons tempos aqueles, em que champagne francês corria solto e bacalhau servia para dar esmola). O ambiente era muito mais bem tratado que nos seus congêneres: mesas de tampo de mármore e pés de ferro fundido e na lateral, uma barra de azulejos coloridos, terminando uma fiada de peças com relevo, de fabricação inglesa, segundo constava (PORTO, 2011, p.107).

O autor destaca que o local “Funcionava como café, bar e sorveteria, com grande movimento e contínuo que se estendia até alta noite. O cafezinho era servido na mesa e a frequência quase que totalmente masculina.” Percebe-se aqui que o café Ponto Chic não era um estabelecimento voltado para damas, possuindo uma atmosfera inadequada para as senhoras; o autor completa que “Para a ala feminina e uma frequência mais selecionada, tínhamos o Café Universal [...]” (PORTO, 2011, p.107).

Como freguesia do estabelecimento Melins (2020) destaca o escritor Amando Fontes, o juiz e político sergipano Adroaldo Campos, o jornalista e político Lourival Dantas, entre outros nomes que faziam parte da alta sociedade sergipana.

Figura 4- Anúncio do Ponto Chic

Sorveteria, Bar, Café Expresso “Ponto Chic”

Saborosas e inimitáveis Saladas, Cremes, Sorvetes naturais, Refrescos, Ponches soda, Composição Chic, Banana Real, Crespo Paulista, Sulsos e Russo, Polar Leite Maltado, Nescau Milk Shaker, e muitos outros (Vide Carta) últimas criações de S. Paulo e Rio, em lindo Serviço de Christal, produtos exerpulosamente manipulados e rigorosamente esterilizados, fabricados de acordo com as exigências da Saúde Publica, em maquinariõ apropriado, esplendido e variadissimo sortimento de mercadorias novas recentemente chegadas. Unico estabelecimento que oferece conforto e absoluta confiança na pureza de seus produtos capazes de satisfazer ao mais exigente paladar. Constantemente frequentado pelas Exmas. familias e preferida pelos cavalheiros de mais fino trato de nossa Capital.

Frequentar o Ponto Chic é demonstrar bom gosto e passar momentos de satisfação gostosos serviços de Aperitivos, Bebidas nacionais e estrangeiras, frutas secas e cristalizadas, Biscoitos finos, doces em massa e calda, Bomboniere, Presentes, Mostardela, Selame Paio e etc. Finalmos artigos para fumantes.

Solicitem Carta, fornecemos a domicilio sem alteração de preço.

A VISAMOS MAIS: quem quizer adquirir um estabelecimento capaz de satisfazer em resultado, ja pelo seu acreditado Ponto como pela sua esplendida montagem e excelente organização, procure seu Proprietario.

Fonte: O NORDESTE nº284, 1939, p.4.

Foi nesse ambiente de sociabilidade e descontração, do período vespertino para o noturno, que a boemia se instalou na cidade. Quando se desejava que os limites sociais fossem expandidos, uma boemia não só constituída de poesias e sociabilidade surgia com o anoitecer:

É interessante frisar a existência de clubes voltados apenas para o público masculino, as casas de diversão noturna ou cabarés, para os rapazes solteiros em busca de uma aventura sexual e homens casados que desejavam deixar o recôndito dos lares, a fidelidade matrimonial e se entregarem aos prazeres da noite (CRUZ, 2016, p.166).

Se pudermos definir uma zona boêmia de público misto em Aracaju seria a zona localizada nas proximidades do porto. De acordo com os relatos de Murilo Melins (2007), Jorge Amado (2008) e Mario Cabral (1955) tanto os

conjuntos de sobrados e edificações do Vaticano, quanto do Beco dos Cocos e no Mercado existiam estabelecimentos acessíveis a diferentes classes sociais. Existiam na mesma área estabelecimentos para os trabalhadores do porto, para os comerciantes e trabalhadores braçais e outros cuja elegância e preço só podiam ser acessados por parte da população de maior poder financeiro.

Já no começo da década de 1950, no jornal O Nordeste, vemos a matéria intitulada “O Desembargador presidente do tribunal eleitoral exerce simultaneamente a função de Juiz do Lupanar do 'Beco dos Cocos'”, contando o caso em que o desembargador em exercício da época se encontrava em um cabaré no Beco dos Cocos, tendo a polícia chegado ao local e flagrado o funcionário público no estabelecimento devido a uma chamada pela ocorrência de um caso de homicídio que acontecera no local:

O fato escabroso que enlutou a sociedade sergipana, já do conhecimento da secretaria de segurança, ocorrido recentemente no “Lupanar” do “Beco dos Cocos”, bem no coração da nossa Capital, é desses que deprimem, desonram, diminuem, enxovalham, ultrajam e envergonham a um povo, por mais displicente que seja este mesmo povo, cumprindo-nos, como um dever, denunciá-lo a Nação e ao mundo.

Precisamente em dia da semana passada, a cidade de Aracaju que sempre primou pela paz, pela ordem e respeito, atualmente transformada num centro de cangaceirismo e de corrupção, onde os crimes - o morticídio vem sendo constantemente executado, fora abalada as horas mortas da noite, por estampidos de armas, que se faziam ouvir, nas imediações do “Beco dos Cocos”, onde existe um “Lupanar” de mulheres decaídas, despertando de logo a atenção da polícia, que ao aproximar-se do local para identificar o estranho acontecido, fora surpreendida com os seus protagonistas.

Tratava-se do Desembargador Presidente do Tribunal Eleitoral do Estado de Sergipe, que naquele momento exercia a função de “Juiz” do “Lupanar” do “Beco dos Cocos”, em estado de embriaguês e abraçado com uma meretriz, palmilhava o solar daquele “conventilho” tripudiando sobre o cadáver, já em estado de putrefação, da Justiça que representa, achincalhando a sociedade em cujo convive, e encarniçando a moral, mostrando ao mundo de quanto é capaz um homem destituído de pudor, quando perde a noção da responsabilidade... (O NORDESTE, n.722, Aracaju, 1952, p.1).

Na continuação da matéria também são feitos diversos ataques ao Governador do Estado, sendo esse também responsabilizado pela falta de moral no estado e pela disseminação da prostituição. Tratando-se de um jornal de cunho político, observa-se que o periódico se utilizava da matéria para atacar seus adversários políticos e/ou promover apoiadores de sua causa,

provavelmente não estando realmente preocupado com a moralidade dos funcionários públicos em sua vida privada por frequentar um prostíbulo. Esses cabarés mais requintados eram frequentados inclusive por homens que eram autoridades da justiça, enquanto as zonas boêmias da periferia sofriam forte repressão.

Outro caso polêmico sobre um frequentador da boemia aracajuana foi o do frequentador apelidado de Pititó. O rapaz vinha de uma família rica, de pai usineiro e costumava frequentar os cabarés do Beco dos Cocos e o cabaré Brahma. O rapaz havia ganhado fama no estado de Sergipe pela sua crueldade e mortes que este havia executado a sangue frio. Mas o mais interessante sobre a situação era o fato de que “tanto aqueles cabarés como o bar da madrugada eram frequentados assiduamente por policiais, alguns com fama de violentos, mas Pititó nunca era incomodado.” A explicação para a inação policial seria que “Poderia, tudo isso, configurar uma prosaica existência boêmia” (REVISTA CUMBUCA nº8, Dezembro de 2014, p.57). Fica então explícito a condescendência policial a esses espaços da boemia aracajuana frequentado pelos poderosos do estado. É notável uma forte diferenciação do que era descrito sobre a zona boêmia que existia no quadrado de Pirro, dentro da cidade projetada e a dessa outra localizada na periferia dela, na porção não urbanizada.

Retoma se aqui a ideia de que na boemia ao estilo brasileiro há um distanciamento de alguns valores da boemia original europeia que se embasava em um estilo de vida subversivo e de discurso anti-burguês. De acordo com Seigel no conceito europeu os boêmios eram descritos como indivíduos que não se encaixavam no padrão da sociedade, não seguiam os caminhos marcados, não possuíam residência ou trabalho fixo, eram indivíduos de futuro incerto. Poderiam viver uma vida de forma romântica, na perseguição de seus ideais ou em alguns outros casos, viver beirando a criminalidade. Eram vistos por alguns como criaturas livres e por outros como suspeitos, já que “A Boemia nada possui e vive do que tem. A esperança é sua religião, a fé em si mesma seu código, a caridade é tudo o que possui como orçamento” (SEIGEL, 1992, p.12-13).

Já na boemia brasileira a figura do boêmio possuía um viés muito mais elitizado e excludente. No Brasil certos códigos de condutas eram necessários para diferenciar um “boêmio” de um “malandro”. O indivíduo deveria saber se portar, evitando más condutas que envergonhariam o rótulo em público, geralmente formado por indivíduos “considerados” e “bem vistos” na sociedade. Os que não sabiam moderar o seu comportamento, eram chamados de “malandros” e eram convidados a se retirar dos estabelecimentos de elite da boemia:

No mundo boêmio, os códigos sociais deviam ser compreendidos e respeitados por todos que frequentavam aquele determinado ambiente, caso contrário, [...] referindo-se aos frequentadores dos bares e cafés elegantes de Copacabana da década de 1950 [...] os “indesejáveis” eram “convidados” a se retirarem do local porque, além de não respeitarem o ambiente, quebrando os códigos de sociabilidades, estas pessoas estavam sendo “inconvenientes” (NASCIMENTO, 2014, p.5).

Figuras boêmias tão admiradas pelos poetas aracajuanos como o francês Paul Verlaine que possuía um comportamento indisciplinado e durante parte de sua vida sobreviveu de mendigagem dormindo nas ruas parisienses provavelmente seria excluído do rótulo de boêmio no cenário brasileiro.

É notada aqui uma divisão de categorias de tipos humanos na boemia. Frequentemente os personagens da boemia eram separados em “boêmios” e “malandros”. No caso do Bairro da Lapa no Rio de Janeiro, Silva (2014, p.57) afirma que “Essa discrepância na construção de imagens sobre o mesmo lugar ocorre pelo fato de o bairro apresentar territorialidades distintas.” Ambos possuíam hábitos comuns, porém eram figuras que se separavam por delimitações e classificações criadas no mundo social, cada um pertencendo a diferentes territórios.

Roger Chartier (2002) destaca a questão dessas diferenciações sociais, reconhecendo-as como estratégias partilhadas em um grupo buscando o reconhecimento de um conceito como algo “baseado na razão”. O autor, porém, revela que essas categorizações nas sociedades são forjadas pelos interesses de seus autores:

[...] embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p.17).

Em Aracaju além do termo “malandro” encontramos outras designações para essa figura da boemia menos elitizada e sem refinação, sendo encontrados na literatura local os termos “bambas” e “maloqueiros”.

Após a apresentação e o desenvolvimento das questões desse capítulo acerca das interpretações e valores da boemia aracajuana, no próximo capítulo serão exploradas ainda mais profundamente questões do cotidiano e da vivência no nosso cenário boêmio.

CAPÍTULO 2- O COTIDIANO DA BOEMIA ARACAJUNA

A boemia na cidade de Aracaju está relacionada a espaços e territórios onde memórias distintas foram criadas, sendo esse um estilo de vida associado ao prazer, à liberdade e também à cultura. No cotidiano da boemia, é comum que os indivíduos envolvidos nesse ambiente buscassem experiências que envolvessem música, poesia, amores voláteis e bebidas, geralmente em ambientes descontraídos, como bares, cafés, cassinos e cabarés. Por ser muitas vezes associada a um estilo noturno e fora da normativa social, parte desses frequentadores adotavam um estilo de vida envolto a um senso de comunidade.

Nesse capítulo serão exploradas as minúcias do cenário boêmio de Aracaju, havendo uma aproximação a esses espaços.

2.1 A BOEMIA ARACAJUANA APÓS O CREPÚSCULO

Ao anoitecer a boemia ganhava uma conotação ainda mais polêmica e controversa se tornando mais ativos estabelecimentos como cabarés e a atividade do meretrício. Nesse período do dia a quantidade de álcool e outras substâncias psicoativas eram maiores e consumidas mais livremente, a música se tornava mais alta e os ânimos mais exaltados.

Foi a partir da década de 1920, quando a Belle Époque aracajuana se consolidava que a boemia se instala na cidade de Aracaju; no período noturno, próxima ao porto, das águas do rio Sergipe e dentro das quadras urbanizadas do centro da cidade era onde se localizava a principal zona boêmia da cidade; porém essa não era a única. Nesses territórios de descontração se formava um reduto, uma forma de fuga da sociedade padrão:

Em contraste à imagem de cidade onde as famílias se apropriavam das ruas, em momento de confraternização, temos a imagem de uma cidade onde se instalavam cabarés, bares e casas de jogos. À noite a cidade se reveste com outros significados, modifica-se o seu caráter. A diurna imagem de "cidade progresso", passa a mostrar sua face transgressora ao crepúsculo (CHOU, 2005, p.58).

De acordo com Luiz Antônio Barreto (2005) em seu artigo *O cotidiano do lazer nos bares, cinemas e cabarés*, o Centro de Aracaju era o território principal da boemia no estado e isso se dava pelo fato dessa área ser a principal porta de entrada e saída da capital:

O Centro de Aracaju concentrava os navios e todos os tipos de embarcações, os trens, os caminhões que abasteciam o Mercado, as marinetes, sendo por isso mesmo área preferencial dos boêmios, notívagos, personagens que a noite consagrou (BARRETO, 2005, p.1).

As zonas boêmias que existiam no centro de Aracaju e suas imediações eram diversas nas décadas de 1920 a 1950. Esses espaços da boemia não possuíam uma única finalidade de entretenimento, eram locais de encontro e intensa sociabilidade, mas seria ingenuidade não falar que esses locais apresentavam uma forte conexão com a prostituição. Todos (os homens heterossexuais) independente de classe social tinham o seu lugar na boemia devido à variedade de estabelecimentos boêmios existente na cidade de Aracaju.

Melins em depoimento afirma que inclusive nos cabarés era comum não apenas a frequência para a prática do sexo, mas também o divertimento da dança, da música e a socialização, diferente do que muitas vezes é imaginado. De acordo com o entrevistado frequentemente nos cabarés ou nos bares eram tratados apenas de assuntos de filosofia ou era comum os jogos de palavras, na intenção de desafiar os colegas sobre o conhecimento de palavras eruditas. Um jogo muito popular entre os frequentadores era conhecido como “Jaleco” realizado com cinco dados estampados com as figuras do baralho. O jogo estava sempre à disposição dos clientes e quando requisitado era trazido a mesa junto as bebidas pelo garçom, sendo uma espécie de “poker de dados”.¹⁵

No processo de coleta de oralidades foi afirmado que não haviam casas de entretenimento ou prostituição voltadas ao público gay na cidade de Aracaju (de acordo com o conhecimento do entrevistado), porém a presença de homens gays nos cabarés era constante em prestações de serviços como porteiro e outras funções dentro de cabarés. Inclusive um desses funcionários

¹⁵ Entrevista à autora em 12/04/23

abriu o seu próprio cabaré, ficando conhecido como “Tonho do Miramar”. Tonho era conhecido por ser homossexual e por ter ganhado muito dinheiro com seus cabarés, chamando atenção na cidade pela posse de um deslumbrante carro Cadillac e pela sua apresentação, sempre bem trajado e cheio de adornos como anéis de brilhantes e pulseiras de ouro. O que se ouvia falar é que haviam pontos de encontro de homens homossexuais em locais ermos e inóspitos dentro da capital, locais conhecidos como “Coqueirinho” ou a “Areinha” conhecidos como ponto de encontro de “viados”, não sendo de conhecimento do entrevistado um local ou estabelecimento para recebimento desse público naquela época.¹⁶

No Artigo *Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas*, encontramos as seguintes declarações sobre a dinâmica social dos espaços boêmios de Aracaju e quão complexas essas eram:

Sendo assim, os bordéis, os cabarés, os cassinos, os territórios da prostituição, os redutos da "arraia miúda" findavam constituídos enquanto espaços importantes na dinâmica da sociedade aracajuana. [...] o bordel era antes de tudo “um espaço de convívio, os homens liam poemas, discutiam política [...]. Isso envolvia sociabilidade, troca de experiências.” Sendo assim, os cassinos, os cabarés eram locais de encontro de pessoas atrás de bebidas, conversas e mulheres. As casas de diversão nem sempre eram locais inteiramente dedicados à prostituição. Mesmo que esta fosse presente, muitos procuravam tais espaços para encontrar os amigos, conversar, dançar e, por vezes, ao fim da noite, caíam no colo de algumas mulheres (SANTOS; LEÃO, 2011, p. 8-9).

Apesar da grande variedade de públicos, os territórios da boemia eram segregados. Próximo ao porto se encontravam o Vaticano, o Beco dos Cocos e o mercado, uma zona de freguesia mista. Ainda dentro do bairro central, mas distanciando-se do porto encontravam-se os cassinos e os clubes de associados, sendo esses os estabelecimentos mais elitizados da boemia aracajuana. Já nas periferias oeste e norte do centro eram onde se encontravam os cabarés e clubes de dança da população mais simples. As zonas de meretrício em geral, independente da classe social do público alvo, eram conhecidas como o principal território dos boêmios inveterados (MELINS, 2007).

¹⁶ Entrevista à autora em 12/04/23

Nos cafés, cassinos e clubes elitizados existia um discurso equivalente ao da civilidade da “Boemia saudável”, entretanto também nesses ambientes seus frequentadores realizavam atividades envoltas aos exageros e a companhia de profissionais do sexo da mesma forma que os frequentadores menos privilegiados, que geralmente eram relacionados a “Boemia suja” e “vulgar” sofrendo por essa razão intensa perseguição moralista. Nas palavras de Freire Ribeiro (1948, p.69) sobre um cabaré de Aracaju, “O cabaré, no dizer de um malandro, ‘é cada dia mais respeitável’. Gente chique, advogados, médicos, jornalistas, banqueiros, povoam as noites maravilhosas (...)”.

Os cassinos eram um dos locais boêmios ditos como os “mais bem frequentados”, sendo reconhecidos entre os estabelecimentos noturnos mais elegantes da Aracaju. Nos cassinos a clientela recebia tratamento especial e tinha a disposição a companhia das meretrizes associadas ao estabelecimento. Em um texto do jornal Correio de Aracaju é feita a descrição de uma das mesas de um cassino e seus frequentadores:

Em uma mesa, três funcionários públicos federais, com cara de quem volta de um enterro discutem a possibilidade do reajustamento, enquanto as desconsoladas decaídas nacionais que lhes ficam ao pé fumam tristemente cigarros Melba (CORREIO DE ARACAJU nº419, 1935, p.1).

Outro local da boemia que era ligada ao público abastado era a “Pensão da Marieta”, estabelecimento localizado nas proximidades do porto, onde segundo Melins era o local onde se encontrava a casa de prostituição “mais elegante, frequentada por banqueiros, comerciantes, industriais e rapazes da elite. Ali se encontravam as mais caras e bonitas damas da noite.” (MELINS, 2007, p.294).

Como parte da memória envolta a zona boêmia do porto, relata-se a visita do ilustre Rei do baião Luiz Gonzaga, que apesar de ter visitado a zona boêmia do porto em busca de entretenimento, passou por uma situação não muito agradável na Boate Miramar no Beco dos Cocos:

Lembro que uma dessas noites quando o famoso Luiz Gonzaga visitava o Miramar. O Rei do Baião foi surpreendido quando Núbia, a alegre dançarina, sentou-se ao seu colo. O fotógrafo “Canto do Rio” aproveitando a ocasião armou a câmera fotográfica e tirou uma foto. Luiz Gonzaga não gostou. Levantou-se e partiu para cima do pobre

fotógrafo, alcançando-o já na calçada onde lhe tomou a máquina e destruiu o filme-prova do crime (REVISTA CUMBUCA, 2016, p.10).

A zona boêmia do porto era frequentada tanto pelos jovens quanto pelos “veteranos”; por artistas e funcionários públicos até simples trabalhadores braçais. Segundo o poeta João Freire Ribeiro (1948), existia uma ligação muito forte do porto com a boemia aracajuana. Era lá onde se reuniam os “maloqueiros” que se juntavam à sombra da ponte do entreposto para fumar maconha e sonhar com poemas nas estrelas do céu noturno. O porto também trazia os marinheiros e os seus passageiros para o cais, desembarcando homens de outras localidades, que buscavam nas mulheres da rua companhia e na boemia divertimento:

O navio é a alegria do cais, a festa colorida dos "maloqueiros", grande esperança das mulheres da rua. (...) Automóveis correrão nas estradas da noite, buzinando mais forte, cheios de mulheres alegres, de marujos felizes. A roleta dará mais sorte (RIBEIRO, 1948, p.16).

Comerciantes, industriais, funcionários públicos e rapazes da elite; poetas, artistas e intelectuais; Marinheiros, viajantes, maloqueiros e maconheiros; operários e trabalhadores humildes. Todos esses tipos eram encontrados nas Zonas boêmias de Aracaju. Apesar dessa variedade e deslumbramento perante a boemia, “nem tudo eram flores”. A sociedade aracajuana normativa tinha uma impressão bastante negativa em relação a boemia, principalmente sob a influência dos ideais moralizadores vigente da época.

Os cabarés geralmente eram locados numa porção mais periférica no traçado urbano do bairro Centro, com o objetivo de se afastar da área de concentração das residências familiares na tentativa de “esconder” o que acontecia nesses ambientes, de acordo com o decoro mínimo exigido. Os cassinos ainda possuíam uma maior proximidade a área residencial, mas devido a “discrição” de seus estabelecimentos que não possuíam rótulos que explicitavam a atividade de meretrício que lá também eram ofertados, esses eram socialmente tolerados.

Estabelecimentos boêmios que não “respeitavam” essa prerrogativa de distanciamento espacial da sociedade normativa eram severamente criticados. Em uma matéria do Jornal O Nordeste de 13 de maio de 1938 foi publicado um artigo de repúdio acerca da presença do estabelecimento boêmio “Brahma”, local que funcionava em uma das ruas mais nobres e bem localizadas da área central de Aracaju, a Rua João Pessoa:

No cenário da vida de Aracaju, tão cheio de coisas belas, onde os forasteiros encontram sempre motivos que atestam o cuidado e o zelo das autoridades públicas pela elegância da cidade, a “Brahma” incrustada como se encontra, constitui uma mancha negra no coração de Sergipe, que a civilização de hoje não permita a sua perpetuidade. A “Brahma”, localizada como está em pleno centro comercial, na rua mais elegante desta terra e tendo como designação o nome de um dos vultos mais respeitados da nossa política, João Pessoa, além de constituir um ultraje à sociedade pela sua frequência duvidosa.

Não mantendo instalações que justifiquem o título pomposo de “cabaré” que lhe emprestam os seus frequentadores, a “Brahma” de cabaré assim mesmo de 5ª classe só possui a devassidão, o deboche, o vício e a irresponsabilidade; (O NORDESTE nº1, 1938, p.4).

O cabaré Brahma não perdurou, recebendo o repúdio da população que não aceitava a presença das atividades naquela rua nobre (RIBEIRO, 1948); (BARRETO, 2005).

Nas proximidades do “cabaret” Brahma, ainda na Rua João Pessoa, também se encontrava outro estabelecimento frequentado pela boemia, sendo referenciado como “Café e bar”, um local bastante frequentado pela elite e intelectualidade aracajuana: “O Ponto Chic era o ponto preferencial da elite de Aracaju e onde também se reúnem os políticos, intelectuais, músicos, artistas, boêmios, tipos sóbrios, maliciosos e alguns ordinários.” (MELINS, 2007, p.231-232). Após certa hora do período noturno, parte desses frequentadores se locomoviam para outros estabelecimentos da área central:

Diariamente, o Ponto Chic fechava suas portas com a saída dos últimos boêmios que iam presos de uma gostosa expectativa e excitação em procura do Cassino 5 de Julho ou do Brahma. Tudo isso fazia parte do dia-a-dia do ponto mais querido da cidade (MELINS, 2007, p.233).

Os bares localizados na Rua João Pessoa muitas vezes serviam de “esquenta” antes do período de abertura dos cassinos e cabarés. Nesses estabelecimentos além de ser ponto de encontro eram locais de socialização e lazer:

Espaço memoráveis nos quais os boêmios marcavam suas presenças, eram inspirados pela ingestão dos aperitivos; a cada tragada de um cigarro Continental, Astoria ou Liberty, dos fumos Half and Half, Irlandês, Capitão Black, queimados em um cachimbo de caule de roseira, que, esvoaçando fumaça aromatizada naquele ambiente, desnudavam sentimentos e desinibidos falávamos coisas de amor, literatura, política e sobre o corrigéuri que agitava a vida social da nossa cidade. Muitas histórias passadas nos bares permanecem no imaginário dos remanescentes de uma fiel clientela (MELINS, 2020, p.29).

Porém não se descarta a ideia de que nesses ambientes também eram desenvolvidos contatos com meretrizes que se dirigiam a esses cafés/bares na intenção de captação de clientes, como é frisado nas memórias sobre o “Ponto Chic”, sendo que lá também aconteciam “os esperados encontros com elegantes senhoritas trajando os seus deslumbrantes vestidos godê e penteados à la garçonnette”, sendo esse um estabelecimento não recomendado a frequência de moças e damas “direitas” (MELINS, 2020, p.26).

Na crônica abaixo publicada no Correio de Aracaju vemos o percurso de três amigos boêmios que se encontram no Café Ponto Chic e no período noturno encaminham-se para um dos cabarés da zona portuária. Nas linhas encontramos fatos como a frequência dos poetas, os intelectuais da cidade na boemia, a bebida como elemento de socialização e a descrição do ambiente do cabaré e das meretrizes que habitavam aquele lugar:

(...) Estava no Ponto Chique. Curvado sobre a mesa, a cabeça grande, os olhos pregados no café pequeno:

_José Maria Fontes.

O grande poeta continuou envergado como se um pensamento lhe arrastasse a cabeça pro chão. O queixo fino caído no peito magro.

Falamos. Ficou combinado. De noite. Os pés se sumiam na areia frouxa. Casas tortas aguentadas em muletas como aleijados. E fileiras de casas velhas como grupos de monstros se esfregando na sombra. E formava uma grande mancha escura na areia alva. O poeta Fontes meteu o cotovelo na minha costela:

_É só observação.

E caminhamos os três para o Miramar.

_Mais uma cerveja. É só hoje.

No meio do salão dançava uma negra de rosto papudo. O batom na pele escura dava uma cor arroxeadada como se tivesse levado uma dentada no beijo. Outros com uma porção de noite perdidas nos olhos mortos. Tinha as que cantavam e sorriam. E a casa cheia de alegria delas. As mais velhas ficavam nos cantos escondendo a magrém dos rostos cansados. Outras dançando, boliam o corpo todo no samba, remexendo os quadris, enfiando a cadência, o suor desmanchando as rosas do rosto. (...)

A garçonete enchia os copos da minha mesa. O poeta J.M. Fontes pregou os olhos em cima da moreninha jeitosa:

_O poeta aventura, Lindolfo! (CORREIO DE ARACAJU, 19 de fevereiro de 1938, p.4).

De acordo com Mario Cabral (1955) anteriormente aos estabelecimentos de natureza boêmia que foram instalados dentro da área projetada de Aracaju, já havia a presença de atividades desse gênero na cidade. Botecos e prostíbulos de uma natureza menos sofisticada encontravam-se em áreas periféricas, possuindo características suburbanas e uma freguesia de baixo poder aquisitivo. O maior exemplo desses estabelecimentos ficava ao Oeste do quadrado, onde se localizava as imediações da Zona do Bomfim, mais especificamente no trecho da Rua Siriri, sendo essa uma boemia considerada não intelectualizada. A posterior criação da zona boêmia localizada na porção do porto tinha como intuito abrigar estabelecimentos de melhor qualidade e serviços, onde a nova classe de moradores, agora abastada, pudesse se entreter.

O escritor João Freire Ribeiro foi um dos principais autores sergipanos a descrever as cenas da Zona do Bomfim. Freire Ribeiro frequentou a boemia de Aracaju e os seus cabarés com amigos; entre eles, revolucionários, poetas e intelectuais (Neto, 2011). Em sua obra de 1942 traz a história verídica, porém romantizada do triste destino de uma prostituta que conheceu em um café de Aracaju, tendo se tornando famosa em prostíbulos de sucesso em sua juventude, porém caindo em desgraça e então findando nos casebres da região da zona do Bomfim. Segundo o autor, nas imediações do Bomfim era onde estavam os prostíbulos e bares fora da lei, descrevendo a localidade como “a

rua dos humildes, dos homens que carregam os pesos da vida. A rua dos operários...” (RIBEIRO, 1948, p.47).

Os cabarés da zona do Bomfim eram espaços ligados ao submundo da cidade. Locais de sexo, bebida, jogo onde a poeira era levantada com o arrastar dos pés em danças cheias de volúpias nos salões cimentados, enchiam de pó nossas narinas e a fumaça dos charutos e cigarros nublavam as luzes tênues do ambiente. (REVISTA CUMBUCA nº 12, 2016, p.12).

No Bomfim as prostitutas mais conhecidas eram “Bereu, Maria Alice, Eulina, Amizade, Ditô, Elze, Manga Rosa, mulheres maquiadas exageradamente, escondendo olheiras bem pronunciadas a arrodar os olhos cansados pelas ruas em busca dos cabarés Stalingrado de Zé Fogo, O Fla-Flu de Otávio, o Pinga-Pus, o cassino Esperança, o Vinte e Um [...]”. Em relação a seus frequentados esse foram definidos como “otários, gigolôs, bambas, proxenetas e boêmios.” (REVISTA CUMBUCA nº 12, 2016, p.12).

Em depoimento Murilo Melins relembra sobre sua amizade com a prostituta Branca, amiga que inclusive todos os anos o convidava para seu aniversário no cabaré que trabalhava no Bomfim. Melins recorda que certa vez sua mãe ao recolher sua roupa suja notou em seu bolso do paletó o convite de aniversário de uma “Tal de Branca na localidade do Bomfim”, ela sem conhecer a aniversariante ou a localização da festividade mostrou o convite para o seu marido perguntando se conhecia a aniversariante. Poucos minutos depois seu pai devolve o convite ao filho, pois já sabia do que se tratava.¹⁷

Melins afirma que como bom boêmio, também frequentava os bares e estabelecimento do Bomfim, sendo o cabaré de Pedro Bigodão um dos mais completos e populares da área, possuindo sinuca, espaço de dança, bar e jogos. Melins acrescenta ainda que em geral os cabarés ofertavam uma variedade de gêneros de diversão, apesar desses locais serem imaginados somente como espaços de meretrício.¹⁸

¹⁷ Entrevista à autora em 12/04/23

¹⁸ Entrevista à autora em 12/04/23

Essas zonas mais humildes se estendiam além do atual Bairro Centro, sendo registrada a presença de estabelecimento do tipo nos bairros vizinhos, seguindo a direção oeste ao plano:

Ao Oeste estão os bairros proletários, o Bairro Joaquim Távora e o Bairro Siqueira Campos, populoso, imenso, intrincado, zona da oficina da estrada de ferro, zona das festas de São João, zona do barulho, com seus cafés dançantes, seus cabarés de ínfima categoria, cheios de soldados, de estivadores, de marinheiros e de prostitutas (CABRAL, 1955, p.48).

Na direção noroeste, nas imediações do atual bairro industrial, na esquina das Avenidas Coelho e Campos e João Ribeiro, localizava-se um dos estabelecimentos mais populares do bairro proletário; um clube de dança conhecido como “Fresca”:

A Fresca era um clube de público popular que se instalava em um prédio conhecido como Nicola Mandarino. Era um estabelecimento geralmente frequentado por Garotas que vinham de partes mais afastadas da cidade, de bairros mais periféricos. Era conhecido pela presença de prostitutas e pela frequência de um público masculino diversificado. A presença da patrulha policial no estabelecimento era constante, por isso era raro a ocorrência de maiores perturbações. O local funcionava com mais entusiasmo nos dias de sábado e domingo, quando eram realizadas gafieiras organizadas pelo saxofonista e dono do estabelecimento. A Fresca era “o local mais animado para os amantes da dança e para os que desejavam um romance passageiro.” (CABRAL, 1955, p.226).

A Fresca foi aberta após a segunda guerra mundial e lá frequentavam moças humildes que utilizavam o espaço para dançar e muitas vezes trabalhar de forma esporádica na prostituição. Essas moças não possuíam muita sofisticação, trajes elegantes ou perfumes franceses que eram requisitos para se trabalhar nos cabarés mais renomados (REVISTA CUMBUCA nº 12, 2016, p.11).

A Fresca era frequentada por meninas muito jovens e muito humildes que não possuíam roupas e nem condições para frequentar locais mais sofisticados, então muitas vezes aquele estabelecimento era o primeiro degrau para a carreira da meretriz na cidade de Aracaju. Muitas vezes essas mesmas

meninas trabalhavam no meio da semana realizando serviços de limpeza e cozinha em casas de família.¹⁹

Foram nas décadas de 1920 e 1930 que os grandes cassinos, cafés e cabarés se popularizaram na cidade, porém já no final da década de 1940, Mario Cabral (1948) recordava com saudade dos anos dourados da Boemia em Aracaju, destacando o declínio desses estabelecimentos na cidade. As matérias e anúncios nos periódicos acerca dos estabelecimentos boêmios foram encontrados apenas até o começo da década de 1950, evidenciando ainda mais o declínio da boemia na década de 1950.

No artigo da Revista Cumbuca, ao encerrar o texto foi dito que os boêmios “desapareceram do cenário noturno. A boemia, no bom sentido, acabou...” (REVISTA CUMBUCA nº 12, Dezembro 2016, p.5).

De fato, a dispersão desses territórios da boemia se deu a partir da perda de importância da área central aracajuana. Na década de 1940 e principalmente na década de 1950 houve uma maior dispersão da população do centro de Aracaju para outras áreas adjacentes, principalmente para as áreas mais planas. Parte da burguesia que vivia na área nobre do quadrado de Pirro migrara para a porção sul fora do plano, edificando casarões em estilo moderno nos bairros vizinhos, a exemplo do Bairro São José (DINIZ, 1963).

Aqui foram citados alguns estabelecimentos e lugares da boemia que fizeram parte do cotidiano da cidade moderna de Aracaju; porém esses espaços eram diversos. Além dos nomes aqui citados ainda foram mencionados nos materiais de pesquisa o Bar Pombal, o Café París, o Petit Café, a Gruta Sergipana, o Bar Apolo, Alabama e Pensão As 5 Letras Vogais, entre outros.

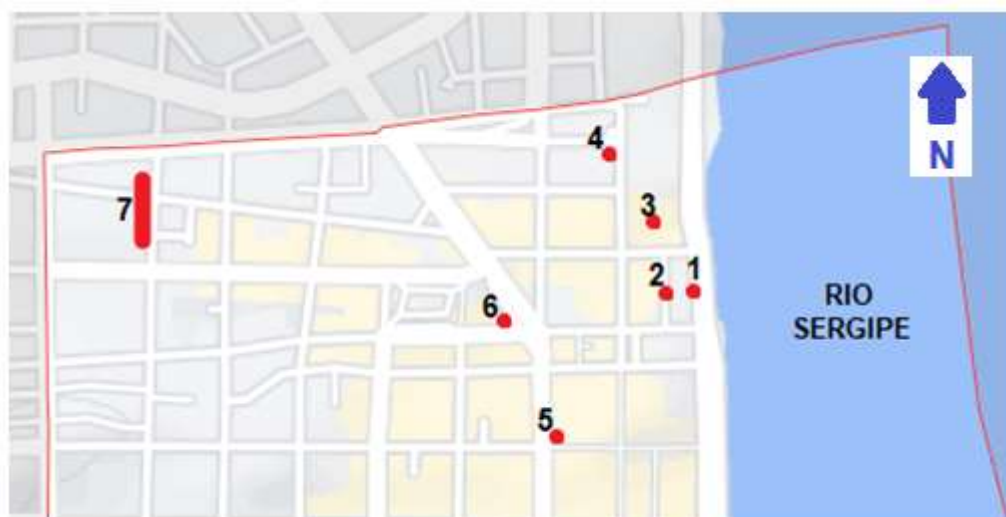
2.2 O ESCONDERIJO DA VIDA

Nesse tópico destacaremos alguns dos principais estabelecimentos e locais boêmios que existiram no bairro central de Aracaju (Figura 5). De acordo com a relevância demonstrada a partir do material coletado alguns locais da

¹⁹ Entrevista à autora em 12/04/23

boemia foram selecionados por demonstrarem maior relevância na memória popular, porém há a ciência de que muitos outros desses locais existiram na capital. Outro fator importante para a escolha dos monumentos das zonas que compreende esse trabalho é a proximidade dessas edificações, consistindo em um circuito de estabelecimentos dentro do perímetro central que constituíam zonas com usos afins naquela área, onde um estabelecimento suplementava o outro (com exceção do caso do local conhecido como o “Zona do Bomfim”, que se localizava em uma área mais afastada, porém mesmo assim foi considerado de extrema importância a inclusão deste lugar boêmio na pesquisa devido a sua importância historiográfica e ao forte contraponto que esse apresenta em comparação aos outros lugares boêmios do Centro aracajuano).

Figura 5- Localização dos principais estabelecimentos boêmios de Aracaju.



Fonte: Google Maps (houveram marcações e enumerações para fins indicativos realizados pela autora.)

A zona delimitada nesse estudo denota as edificações do:

- 1- O “Vaticano” (conjunto arquitetônico constituído por sobrados localizados majoritariamente na Avenida Otoniel Dória e em parte na Rua Santa Rosa)
- 2- O Beco dos Cocos (conjunto arquitetônico de sobrados e sua via, atualmente chamado de travessa Silva Ribeiro).
- 3- O Mercado Municipal de Aracaju (Avenida Otoniel Dória)
- 4- O Cassino Atlântico (Sobrado na Rua João Pessoa, esquina com a Avenida Coelho e Campos).

- 5- O Cassino 5 de julho (Rua São Cristovão com Itabaininha)
- 6- O Cassino Imperial (Localizado na esquina da Avenida Carlos Firpo com a Rua Divina Pastora)
- 7- Zona do Bomfim (conjunto de casas localizadas na Rua Siriri, entre a atual Avenida Carlos Burlamarqui e Mamede Paes Mendonça).

Nas primeiras décadas da cidade de Aracaju, mais especificamente em 1873 o local que hoje ocupa os sobrados do Vaticano era o local onde se instalou uma das primeiras organizações teatrais da cidade, chamada grupo São Salvador. As apresentações teatrais eram uma das mais populares formas de entretenimento da capital, sendo frequente o esgotamento de ingressos dos espetáculos do grupo.

Edificado em 1926 por José da Silva Ribeiro, o Vaticano teve como diferencial construtivo a criação de fachadas com aspectos diferentes para cada uma das edificações de seu conjunto de sobrados. Foram construídos dez sobrados que inicialmente possuíam como finalidade o arredamento para estabelecimentos comerciais. No ano de 1919 o trecho da Avenida Otoniel Dória onde seria construído o Vaticano ainda se apresentava como uma região inóspita, porém já haviam sido realizados aterros na região. Seu idealizador caracterizara aquela como uma área “fora do perímetro urbano”, pois assim alegando não pertencer a área regida pelos códigos de postura estaria livre das regras e requerimentos exigidos para a construção na área central. Entretanto o governo considerou a área como parte do perímetro urbano, o que demandaria um maior investimento para a edificação, desanimando José da Silva que retardaria a construção de seus sobrados em alguns anos (PORTO, 2011).

Essas edificações quando concluídas passaram a se caracterizar pelo uso misto (tipologia comumente utilizada nas edificações da época), sendo a atividade comercial exercida no pavimento térreo e a residencial no pavimento superior. Essas lojas comerciais térreas do Vaticano tinham como grande parte de sua clientela operários das fábricas da região que vieram para a capital em

busca de trabalho; entretanto com a decadência da atividade industrial e a baixa procura da clientela naquela região houve uma diminuição da lucratividade dos estabelecimentos do Vaticano (NOGUEIRA. et al., 2013).

Na sua origem o Vaticano foi considerado uma construção grandiosa, se firmando como um dos principais pontos de destaque no cenário da cidade quando alcança por via fluvial. Porém ainda demorariam alguns anos para os melhoramentos urbanos chegarem à área, por isso o desempenho comercial dos estabelecimentos não foi a esperada pelo seu investidor; além disso, dizia-se que a estrutura do local possuía diversas falhas construtivas, o que desvalorizou os estabelecimentos:

As esperanças todavia, não se materializaram, pelos menos na medida imaginada por José da Silva. Não houve a grande afluência comercial, o local ainda era carente de melhoramentos urbanos, que só chegaram na segunda metade da década seguinte. Além disso, alegava-se que havia defeitos de projeto, cerceando uma melhor utilização dos edifícios, que foram alugados por economias elementares e durante algum tempo os andares ocupados por meninas da mais antiga profissão (PORTO, 2011, p.184).

Os quartos do pavimento superior do Vaticano então foram alugados em sua maioria a trabalhadores braçais que exerciam atividade na região e a prostitutas para a atividade de meretrício, tornando o Vaticano um local conhecido por abrigar pensões de “mulheres da vida”. No interior do conjunto do vaticano se encontravam dois cabarés, possuindo também bar e salão para dança (MAYNARD; MAYNARD, 2009).

A curiosa alcunha de “Vaticano” sem dúvidas causa certa contrariedade devido a presença dos cabarés na edificação. Porém, o apelido surgiu em consequência do fato desta ser uma das mais grandiosas edificações da época na capital, sendo por isso comparada as edificações da cidade sede da Igreja Católica Romana. O conjunto arquitetônico se localiza na Avenida Otoniel Dórea também se estendendo em parte a Rua Santa Rosa, se ligando ao Beco dos Cocos e se posicionando em frente ao Mercado municipal. O estabelecimento mais conhecido do local era a Boate Miramar que possuía palco para apresentações musicais, orquestra e atrações artísticas com apresentação de mulheres nuas (MELINS, 2007).

O cabaré Miramar possuía um grande salão ambientado por um som de vitrola, onde os fregueses poderiam dançar. Quem quisesse contratar o serviço das mulheres do local haviam ligados ao salão os quartos para os serviços das meretrizes.²⁰

Mario Cabral (1948), em sua obra *Roteiro de Aracaju*, dispõe de um capítulo exclusivo sobre a edificação do Vaticano, apresentando uma descrição do conjunto arquitetônico:

Você penetraria um longo pórtico de museu ou de igreja. E subiria logo depois uma escada imponente. Ao chegar no primeiro pavimento você estaria perdida, completamente perdida, desorientada, em um terrível meandro de salas, quartos e corredores, sem saber recuar ou progredir.

Você atravessaria dezenas de salas, dezenas de quartos, dezenas de corredores, você subiria e desceria centenas de pequenas escadas, mas ao fim de ingente esforço, você necessitaria o auxílio de um morador afim de acertar com a porta de saída.

Eis o Vaticano, minha amiga.

Uma multidão de seres vive ali, naquele labirinto intricado. Operários, canoeiros, soldados, prostitutas e marinheiros.

Em baixo, no andar térreo, ficam os bilhares, as casas de jogo, os bares frequentados pela gente do caís, pelos estivadores e pelos maloqueiros (CABRAL, 1955, p.114).

O empresário Júlio Prado Vasconcelos, famoso no estado de Sergipe pela sua rede de supermercados, deu seu depoimento ao jornalista sergipano Osmário Santos, relatando suas memórias acerca da abertura de seu primeiro armazém de venda de secos e molhados na Rua Santa Rosa, entre o Beco dos Cocos e o Vaticano no ano de 1928. O empresário recordou em seu depoimento da sua vida de solteiro, quando participada das noitadas que aconteciam na zona boêmia do porto, tendo inclusive acompanhado a edificação do Vaticano:

Quando cheguei na rua de Santa Rosa, José da Silva Ribeiro estava construindo o Vaticano. A intenção dele era fazer funcionar ali um hotel. A parte de baixo foi alugada por diversas pessoas, para lojas. Já em cima, não deu para alugar para hotel. Os salões bonitos foram alugados para cabaré. Era uma coisa de classe. Tinha conjunto

²⁰ Entrevista à autora em 10/03/23

musical e as lindíssimas mulheres vinham de fora. Vinham de trem e de navio, um verdadeiro luxo.²¹

No mesmo artigo Júlio Prado menciona que o proprietário Silva Ribeiro trocou partes das edificações que possuía na zona por propriedades de João Cardoso Nascimento na cidade de Ilhéus na Bahia e as lojas que este alugava foram vendidas em sua maioria aos seus inquilinos.

Em sua origem o Beco dos Cocos não recebia as atividades boêmias que popularizou o local a partir da década de 1930. A versão mais disseminada seria a de que seu nome havia surgido devido ao fato de sua via ter sido utilizada como corredor para a passagem de carregamentos de cocos em Aracaju, para sua comercialização na feira. Realmente algumas das edificações do beco foram usadas para armazenar frutas e mercadorias que seriam comercializadas na feira nos dias de domingo e segunda nas imediações. Porém a quantidade de cocos comercializada na feira da época era baixa, tendo diversos outros produtos estocados em maior quantidade e volume que o coco (PORTO, 2011).

Porém, o verdadeiro motivo para o nome “Beco dos Cocos” que se popularizou na via se deu devido a uma fábrica de leite de coco que se instalava em uma de suas edificações e que pelas pequenas dimensões e espaço do estabelecimento fazia com que parte do carregamento do fruto ficasse exposto nos leitos da rua, ficando à vista do público que passava pelo local (PORTO, 2011).

O Beco dos Coco também foi edificado por José Silva Ribeiro em 1927 (que no ano anterior já havia finalizado a edificação do Vaticano) e se constituía como quatro sobrados e vinte e seis casas menores de pavimento térreo. Anteriormente era utilizado apenas como uma via de ligação entre a Praça General Valadão e a Rua Santa Rosa sendo oficializado como logradouro apenas após a construção no local. Primeiramente foi chamado de

²¹ O artigo original de Osmário Santo da data de 21/12/2002 foi republicado no endereço eletrônico <http://grupominhaterreaesergipe.blogspot.com/2016/02/a-vida-de-julio-prado-vasconcelos.html> em 01/02/2016 devido ao encerramento da página original.

“Travessa Santa Rosa” e então em homenagem ao construtor se transformou em “Travessa Silva Ribeiro” (PORTO, 2011).

O Beco dos Cocos realmente se configurava como um local ideal para a instalação dessas atividades boêmias, pois além de sua configuração estreita e fechada, o beco se localizava em uma área mais afastada das casas de família do centro (PASSOS, 2013).

De acordo com Melins (2007), eram nas edificações do Beco dos Cocos que se encontravam a maior concentração e variedade de estabelecimentos boêmios da cidade, possuindo casas noturnas, cassino, danceteria, pensões e quartos utilizados na profissão pelas meretrizes. Foi acerca do Beco dos Cocos que o autor descreveu como o local onde se podiam encontrar as mais belas prostitutas da cidade.

As atrações dos estabelecimentos do Beco dos Cocos também eram as mais inovadoras e ousadas; utilização de luz negra, pista de dança, música ao vivo, shows, jogos de roletas, dançarinas e show de topless. O cassino Belavista era um dos primeiros estabelecimentos a abrirem as portas, tendo como público homens que tinham a intenção de voltar cedo para casa ou fazer um “esquentar” antes de se dirigir ao Cassino Imperial (MELINS, 2007).

O BelaVista foi o cabaré mais resiliente de toda a zona boêmia aracajuana, funcionando ininterruptamente da década de 1930 até se arrastar a década de 1970 onde funcionava já precariamente. Apesar de sua longevidade o estabelecimento passou por diversos donos, temas e direções (REVISTA CUMBUCA nº12, 2016, p.7).

Já na opinião de Mario Cabral, o Beco dos Cocos não era um local tão sofisticados assim, fazendo uma negativa descrição acerca de um dos estabelecimentos do local, descrevendo-o como “uma baiúca, uma espelunca, na qual se entra sem a certeza de se sair vivo, ou, pelo menos, com todos os ossos inteiros...” (CABRAL, 1948, p.74).

Oficialmente o Mercado não é um estabelecimento que se constitui em primeiro plano como um local da boêmia. Obviamente o uso principal do Mercado é fornecer suplementos para os consumidores que se dirigiam ao

local em busca de variedades alimentícias e utensílios, principalmente os de natureza doméstica. Porém se nota que o Mercado também se constituía como um local onde havia traços de uma sociabilidade típica da boemia.

O Mercado está incluído nesse circuito da Zona boêmia por sua interação e proximidade ao Beco dos Cocos, ao Vaticano e ao porto. Essas mesmas atividades que eram encontradas nesses outros estabelecimentos também se estendiam ao mercado, principalmente no período noturno onde as prostitutas que possuíam quartos alugados no Vaticano “faziam vida na zona portuária e levavam os embarcações e homens da noite para os bares da rua da frente e Mercado, ou para dançarem no Cassino BelaVista” (MELINS, 2007, p.363).

Através de uma publicação do Diário Oficial do estado de Sergipe sobre a finalização e inauguração do edifício do mercado no ano de 1926, nota-se que desde seu projeto inicial se foi idealizada a instalação de um bar e restaurante no local:

A cerimônia da inauguração affectuou-se no ângulo norte da fachada da rua Japaratuba, no pavilhão em que vai ser instalado o Bar Restaurante Magnifico, o qual se achava ornamentado de bandeiras e crótons, apresentando festivo aspecto (DIÁRIO OFICIAL DE SERGIPE, 09 de fevereiro de 1926).

Era também no mercado onde se encontravam os poetas, trovadores e cantores. Na voz cantada, as poesias eram espalhadas aos interessados que por ali passavam. Junto desses poetas populares um copo de cachaça também era comum de se ver:

A cachaça também está ligada, na cidade de Aracaju, à poesia popular. A fabricação sendo grande é grande o consumo local. Os cantores invocam sempre a cachaça, porque, inegavelmente, a cachaça exerce uma poderosa influência sobre o povo (CABRAL, 1948, p.60).

Melins então resume as suas memórias sobre o mercado: “Era esse o cotidiano do Mercado Municipal dos anos de então, com feirantes, cantadores, cordelistas, violeiros carregadores de cestos, malandros e bambas e outros tipos populares que escreveram sua história.” (MELINS, 2007, p. 356).

Vários dos elementos comuns a boemia se encontravam presentes no mercado: A poesia, a socialização da mesa do bar, a música, o álcool e as “mulheres da vida”.

O cassino Atlântico (Figura 6) se instalava em um sobrado, comportando bar, restaurante e pista de dança. Apresentava uma orquestra nas noites de funcionamento e em eventos especiais cantoras e show vindos de outras localidades.

Figura 6- Anúncio do Cassino Atlântico no ano de 1938.



Fonte: Jornal O NORDESTE nº132, 31/10/1938, p.3.

Foi o mais amplo cassino a ser instalado na capital na década de 30, trazendo uma propaganda que dizia trazer modernidade e sofisticação ao conceito da cidade de Aracaju, se apresentando também como uma nova opção de entretenimento turístico na Capital. (Figura 7)

Figura 7- Anúncio do Cassino Atlântico no ano de 1939.

Aracaju já tem o seu Casino

Ha dias que vem funcionando o CASINO ATLANTICO, que está magnificamente instalado, não se comparando já vê, com os Casinos de cidades de maior movimentação, mas, para o Aracaju, já temos um local onde o viajante e o turista podem passar um pouco de tempo.

A direção do CASINO ATLANTICO, anuncia para breve, a chegada de artistas de nomeada que virão trabalhar no seu elegante *Grill*, devendo estréar por esses dias, a *Embaixatriz do Samba*—Lupe Ferreira, chegada hoje pelo *Itabaré*.

Está portanto de parabens, Aracaju, por possuir também o seu Casino.

Fonte: Jornal O NORDESTE nº196, 25/08/1939, p.4.

O Cassino Atlântico foi instalado na década de 1930 em um grande sobrado eclético muito elegante conhecido como edifício Macedo. No estabelecimento os clientes tinham a disposição jovens mulheres para conversar ou para acompanhá-los a pista de dança. Se desejassem um serviço a mais das companhias femininas, o cassino disponibilizava um serviço de meretrício diferenciado para sua clientela. O Atlântico contava com “as putas internacionais polacas, espanholas e francesas que aqui desembarcavam dos navios do Loyde para fazer temporada naquele feérico Cassino” (REVISTA CUMBUCA, 2016, p.6).

Murilo Melins se recorda que o cassino 5 de julho teve sua origem na década de 1930, localizado na Rua São Cristóvão com Itabaianinha, ao lado da residência do Ilustre Dr. Nabuco, onde anteriormente se localizava um banho público de água muito boa, o que tornou a área bastante popular entre a população abastada da cidade que se dirigia ao local para se banhar. Em Cabral (1955, p.169) há a confirmação sobre o prestígio da área onde se localizava “o banheiro da elite”, tendo inclusive um dos banheiros pintado com temas pelo pintor boêmio Zeca Paca.

Após sua abertura o Cassino 5 de julho se tornou um dos estabelecimentos mais elegantes e exuberantes da capital sergipana, possuindo restaurante, bar, atividades de jogatina/apostas e orquestra (Figura 8). Era nos cassinos da capital que diversos músicos como cantores boêmios e

pianistas faziam suas estreias, devido a demanda por atrações musicais ao vivo que esses estabelecimentos ofertavam (Revista Cumbuca nº12, Dezembro de 2016). De acordo com Freire Ribeiro (1948) era de conhecimento geral de que entre todos os estabelecimentos boêmios da cidade “O piano será mais sonoro no ‘5 de Julho’”.

Figura 8- Anúncio do bar do Cassino 5 de julho.

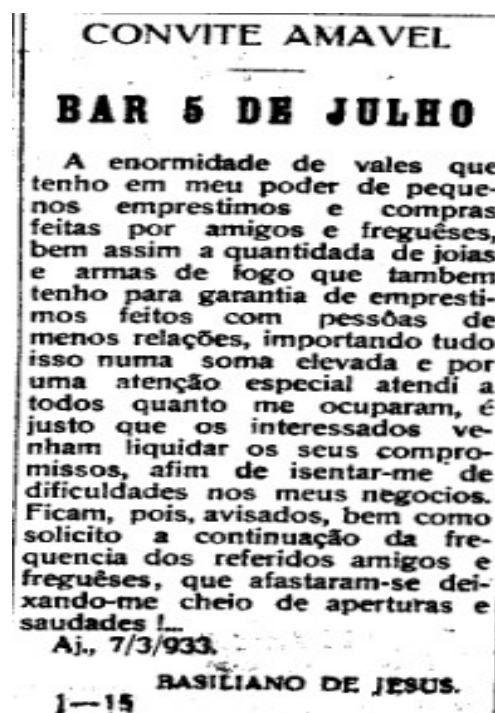


Fonte: Jornal A REPÚBLICA nº144, 1932.

De acordo com Freire Ribeiro (1948, p.67), “O 5 de Julho, se tornara o ponto predileto dos granfinos de Aracaju.”. Era lá também que aconteciam shows pomposos, aonde “Grandes atrizes chegaram de outras terras, de avião, para o cassino Basiliano.”.

Porém já no ano de 1933 foi publicada uma nota de apelo de autoria do próprio proprietário, Basiliano de Jesus, no jornal O Estado de Sergipe, a fim de solicitar aos clientes que estavam inadimplentes com as contas do bar do estabelecimento que quitassem seus débitos (Figura 9).

Figura 9- Nota de apelo aos inadimplentes do bar do Cassino 5 de julho.



Fonte: Jornal O ESTADO DE SERGIPE nº6, p.6, 08/03/1933

O Cassino permanece, pois no dia 9 de setembro de 1935, O correio de Sergipe publica um texto intitulado “Flagrantes em uma noite de insônia”, narrando o cotidiano de uma noite no Cassino 5 de julho:

A entrada principal do “5 de julho” está feericamente iluminada. À porta, estão uns doze carros de modernas marcas, espelhantes, à espera dos bohemios e cocotes de alto e baixo bordo.

[...]

A orchestra sob a direção do maestro Plach, ataca com furor um tango apimentado.

Rodopiam os pares com arrancos lúbricos.

Alguns empregados do commercio, cacheiros viajantes e profissionais do jogo engolem, com volúpia, sucessivos cálices de conheque com uma mistura efervescente de cor achocolatada.

[...]

Júlio Moreno, o simpático barítono português, anuncia com estardalhaço novidades sensacionais em canto.

Apagam-se as luzes de repente.

Um forte projetor lança um esbranquiçado fecho de luz no piso das exibições.

Leila Verbema – um dos números anunciados – aparece seminua. Essa senhora me faz lembrar algumas figuras dos fantásticos contos de Hoffman. Magra, desnalgada, tem a semelhança de uma ave depenada. É, entretanto, bem simpática.

Felizmente a canção “Lua que ela assina” acaba logo.

Júlio Moreno concita o público a bater-lhe palmas (CORREIO DE ARACAJU nº419, 1935, p.1).

Freire Ribeiro, ainda afirma que o sucesso do Cassino e Bar fez com que outros estabelecimentos concorrentes fechassem, informando que “A Brahma, do Oscar, não resistiu ao 5”. (1948, p.68) Lembrando que o Bar Brahma já era odiado por parte da sociedade normativa por sua presença extravagante em uma das mais consideradas ruas da capital, a rua João Pessoa²²:

(...)embora sob protesto de alguns chibantes morados que se sentiam ofendidos com a presença de um cabaré em lugar impróprio “enodoando a cidade”, como diziam incomodados com a aglomeração dos boêmios, meretrizes e bêbados, com suas estrepitosas gargalhadas e os gritinhos das “meninas”, pelas imediações. Apesar de tudo, o Brahma continuava a ser a casa noturna preferida dos rapazes folgazões, boêmios da cidade e cocotes de luxo que ao som do Jazz-Band do pianista Carlo Rubem, dançavam animadamente o samba, o Fox, o Bolero e paravam para assistir ao show de rumbeiras ou para ouvir valsas e modinhas cantadas pelos seresteiros Moraes, Britto ou Madureira (REVISTA CUMBUCA nº12, 2016, p.6-7).

A substituição do Brahma pelo Cassino 5 de Julho, era dos males o menor, pois esse era mais afastado da área mais badalada do centro comercial e ao mesmo tempo apresentava o título suavizado de “Cassino”, possuindo instalações destinada a elite sergipana (apesar de que na realidade, no cassino as atividades realizadas não se diferiam do famigerado cabaré Bar Brahma).

Mario Cabral (1948) em sua obra se queixa da escassez de entretenimento noturno na capital sergipana já notável no final da década de 1940. Cabral se recorda de outrora, quando a cidade possuía diversos estabelecimentos boêmios ao qual o autor cita com saudade o Cassino 5 de julho e o Cassino Atlântico:

²² Cf. O Nordeste nº1, 1938, p.4

Mas às 22 horas, genericamente, cai o silêncio sobre a cidade deserta.

Apenas, do lado do rio, cega a melodia de um fox-blue, o saxofone gemendo dentro da noite estrelada.

É a orquestra do Cassino Bela Vista, o único cabaré da cidade, uma coisa sórdida, escura, malcheirosa.

[...]

Recorda, ainda, o Cassino 5 de julho e o cassino Atlântico, luxuosos e bem decorados, boa orquestra, shows artísticos que interessavam, que distraiam e faziam esquecer as canseiras do dia, casinos com ótimos serviços de bar e restaurante.

Então o movimento era bem maior, bem mais intenso (CABRAL, 1948, p.74).

O prédio do antigo Cassino Imperial era ocupado no primeiro andar pela área dos bares e restaurantes (Figura 10); no segundo andar se encontrava o palco para as apresentações e shows musicais, além do salão de dança. O espaço era elegante, o serviço e as bebidas de qualidade, possuindo também a sua própria orquestra, o que atraíam um público mais requintado e de maior poder aquisitivo ao estabelecimento. A presença das profissionais do sexo também era uma das atrações do local, porém de forma não oficial (MELINS, 2007, p.298).

Figura 10- Cassino Imperial na esquina a esquerda.



Fonte: Prefeitura de Aracaju²³

Apesar da popularidade do local, eventos dramáticos se sucederam no cassino. Por duas vezes tiroteios aconteceram dentro do estabelecimento, findando em um deles no assassinato de um tenente da polícia (REVISTA CUMBUCA, 2016, p.9).

Era na Zona do Bomfim onde estava o famigerado conjunto de casas ocupados por cabarés e bares localizado nos limites do bairro Centro, mais especificamente na Rua Siriri. A faixa da Rua de Siriri compreendida pela Zona do Bomfim passava perpendicularmente pela Rua Vitória (atual Carlos Bulamarque), Rua do Bomfim (atual Avenida 7 de setembro), a Rua Divina Pastora e o Alto da Borborema (Rua São Cristóvão). Os estabelecimentos dessa zona muitas vezes também se estendiam a essas ruas que a cruzavam, mas apenas nas regiões mais próximas. Um dos trechos mais populares do Bomfim era conhecido como “Curral” (SANTOS; LEÃO, 2011).

Acerca do Curral do Bomfim Murillo Melins o descrevera da seguinte forma:

Cercado por arame farpado, dezenas de casebres e algumas bodegas, o Curral era habitado por prostitutas decadentes, tuberculosas, sífilíticas carcomidas pelas doenças venéreas e maltratos. Aportavam ali, trazidas pelas mãos de engraxates alcoólatras, de um também fracassado ex-carregador de malas, ou pelo soldado “Canhão” que morava nas imediações (MELINS, 2007, p.373).

Os estabelecimentos mais conhecidos da zona do Bomfim eram “o bar de Humberto Corcunda, o Sinuca de Sizenando, o ‘Clube República’, ‘Casino Esperança’, os cabarés ‘Stalingrado’ de Zé Fogo, o ‘Fla-Flu’ de Otávio, o ‘Pinga-Pus’ e o famoso ‘Moscou’ de Pedro Bigodão [...]” (MELINS, 2007, p.361). Lá no Bomfim ainda era possível encontrar estabelecimentos que após a proibição continuavam a oferecer o jogo de azar e a roleta clandestinamente.

²³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/aracaju/historico>>, acessado em: 01/07/2022.

Melins destaca que para identificar as casas onde eram realizadas atividades de meretrício, eram colocadas em suas fachadas lâmpadas de luz vermelha, pois na região também moravam famílias humildes, que por falta de condições residiam dentro da zona. Muitas vezes para não ter suas residências confundidas com prostíbulos, os moradores colocavam placas nas frentes das casas com o dizeres “Aqui mora família” (MELINS, 2007, p.360).

Na área do Curral do Bomfim apelidado na cidade pelo nome de “Pinga Sifilis”, as meretrizes foram descritas por Cabral como “Mulheres feia, magras, cobertas de farrapos, corroídas pelas moléstias mais graves e mais vergonhosas, vendem, ainda, por um prato de comida, o seu corpo doente, em um arremedo de amor que causa nojo e piedade” (CABRAL, 1948, p.75-76).

Segundo Mario Cabral, “O meretrício, antigamente, por determinação policial ficava circunscrito à Rua Siriri” informação que revela que os cabarés do Bomfim foram os pioneiros na cidade (CABRAL, 1948, p.74). Ainda de acordo com o autor “Hoje não há zona determinada para a prostituição que se espalha, insidiosamente, por todos os cantos da cidade” (CABRAL, 1948, p.75). Apesar disso, a Zona do Bomfim não recebia a mesma condescendência que era notada nos outros estabelecimentos da zona boemia, tendo sofrido várias intervenções policiais durante o seu funcionamento.

Na edição do O Nordeste nº196 de 26 de Janeiro de 1939, na matéria sobre a Rua do Bomfim, se descreve a entrada da polícia nessa zona onde “Patrulhas armadas de “rabo de galo” entram pausadamente recinto adentro, sob a indiferença dos convivas da morte que esvaziam no tempo que passa a garrafa da vida...”(O NORDESTE nº196, 1939, p.1).

Na edição de 10 de junho de 1939, na Folha da manhã foi publicada uma reclamação em relação a importunação da paz pública:

(...)

Pedimos a Polícia uma providencia para o batuque do nº 288 da Rua de Maruim de Salvador marceneiro, em nome da tranquilidade das inúmeras famílias que fizeram chegar até nos seu protesto.

Se seu Salvador quiser batucar, vá batucar na Rua da Vitoria, no Bomfim... Mas fazendo onde faz não está direito. Deixe o batuque, seu Salvador... (FOLHA DA MANHÃ nº397, 1939, p.1). (grifo nosso).

No depoimento é percebido que a população que residia nas proximidades considerava a região da zona do Bomfim uma pária para onde o inoportuno deveria ser varrido e isolado.

O Bomfim era uma área ocupada pela população proletária e de baixo poder aquisitivo e era justamente lá que a polícia concentrava a sua repressão moral, apresentando uma evidente maior tolerância aos estabelecimentos boêmios frequentados por uma clientela de alto poder econômico.

2.3 O PORTO, AS RUAS E A BOEMIA.

Após as dez horas da noite os aracajuanos já estavam recolhidos a suas casas, as ruas se silenciavam. A esse horário os últimos estabelecimentos a se encerrar no centro eram os cinemas; os bondes também eram paralisados e os operários das fábricas estavam no caminho de retorno ao lar. As únicas criaturas que permaneciam nas ruas e na noite eram o guarda noturno com seu apito, os notívagos e o tocador de serestas com seu violão rumo às noites de boemia (MELINS, 2007).

O porto se localizava na chamada “rua da frente”, uma das principais vias da cidade, sendo bastante movimentada no período diurno. Já no noturno, as calçadas e a pontes do porto se transformava em território livre para as prostitutas, que se deslocavam tanto da zona próxima ao porto como do Morro do Bomfim para realizar suas rondas para a captação de clientes:

Altas horas, as “damas da noite” desciam o Morro do Bomfim, ou vinham das pensões do Beco dos Cocos, fazer o “trottoir” na zona portuária, tentando oferecer o prazer dos seus corpos aos embarcadiços, em troca de algum dinheiro, um corte de tecido, uma “cuba libre” ou uma caixa de sabonete (MELINS, 2007, p.91-92).

Em entrevista Murillo Melins relembra que as imediações do porto era o território das “mulheres-damas”, que esperavam no período noturno a visita dos marinheiros das embarcações que passavam longas temporadas no mar sem a companhia de mulheres. Os marinheiros com grande frequência contratavam os serviços das meretrizes, muitas vezes dando como pagamento perfumes franceses e outros importados, produtos que eram frequentemente requisitados

pelas moças da época. Do porto as meretrizes levavam os clientes para os quartos do Vaticano ou para as pensões de mulheres no Beco dos Cocos.²⁴

Também em entrevista o senhor José Freire “Careca” conta que não participava dessas “farras” na rua, pois além de se dirigir sozinho aos locais de boemia, não bebia, nem fumava, além de ser uma pessoa de personalidade mais discreta, preferindo ir diretamente para os cabarés que eram locais fechados. Seu José recorda que não se via as moças caminhando pela área de fora no período diurno ou mesmo indo as compras no mercado, pois provavelmente vinham de outras áreas da cidade. As meretrizes geralmente trabalhavam na zona no período noturno, porém a qualquer hora do dia era possível encontrar uma ou outra à espera de clientes nos estabelecimentos no período vespertino.²⁵

No periódico Correio de Aracaju no ano de 1938 encontramos mais uma crônica do cotidiano boêmio da cidade de Aracaju. No texto nos deparamos com os personagens em visita a um dos cabarés da cidade e lá observam a interação de marinheiros recém chegados do porto com as meretrizes que naquela noite trabalhavam no estabelecimento do Beco dos Cocos:

(...) Homens de bordo, sorrindo com elas, batendo nas espáduas nuas das mais interessantes, porque vieram do mar e queriam brincar com mulheres. Gente que chega de dois em dois meses, gasta dinheiro sem pena com elas. Escolhe a mulher, beija, ama e vai embora depois sem se lembrar do nome delas. Por isso gostam dos homens de bordo. No fundo dos navios chegam muitas esperanças e se vão muitas alegrias. As vezes tem mulheres passeando no cais. Fazem que estão passando. Mas elas vieram ver o navio (CORREIO DE ARACAJU, 19 de fevereiro de 1938, p.4).

No artigo do periódico O Nordeste de 1939 a Rua da Frente é chamada de a “Rua dos namorados”. Era lá nas imediações do cais que os casais se encontravam no período noturno em meio as sombras da ponte:

O caminho dos namorados é o caminho da vida. Mas, em Aracaju, nessa nossa Arenópolis feiticeira e linda, o caminho dos namorados é a Rua da Frente. Mal se dependura do céu a noite estrelada sobre a terra silenciosa, a Rua da Frente enche-se de mil pares de amor. Uns ficam coladinhos a amurada do cais, cochichando palavras que só as estrelas e os peixes entendem; outros, vão se escorregando por

²⁴ Entrevista à autora em 12/04/23

²⁵ Entrevista à autora em 10/03/23

sobre o passeio amaldiçoando a ligeireza das horas felizes. E dentro da noite morna, sensual e dolente, como no maravilhoso poema de Menotti. [...] Respeitáveis comerciantes, incorruptíveis criaturas, pretos, brancos mulatos, todos se confundem dentro da noite sergipana, na Rua da Frente (O NORDESTE, 10 de janeiro de 1939, p.1).

É interessante perceber que as principais zonas boêmias nas cidades em geral se instalavam em zonas de passagem das cidades, como por exemplo em Belo Horizonte onde a ferrovia passava na principal Zona boêmia da cidade, no conhecido “Baixo Centro” da cidade, sendo esse o ponto de acesso a cidade. Já a zona boêmia da Lapa no Rio de Janeiro era marcada pela presença do porto, assim como outros inúmeros exemplos de zonas boêmias presentes em cidades litorâneas (FERREIRA, 2014). Em Aracaju não foi diferente, a principal concentração de estabelecimentos boêmios se localizava nos arredores do porto, assim como nas imediações da estação de trem que se localizava ao lado do mercado (CABRAL, 1955).

Não só o porto como as ruas das imediações também possuíam uma ligação muito forte com a boemia. Em relação a prostituição, as ruas ficaram marcadas pela atividade conhecida pela palavra francesa “trottoir”, que dava nome a ação das prostitutas em andar pelas calçadas e pela região do porto exibindo seus atributos a potenciais clientes, utilizando a via pública como vitrine para seus serviços. As ruas também eram os locais dos encontros, das conversas noturnas entre os grupos de amigos enquanto bebiam diretamente do gargalo, das conversas nas calçadas e da serenata improvisada (MELINS, 2007).

De acordo com Sevckenko (2006), a partir da modernidade a relação dentro do território da cidade se dividiu concretamente entre o que era privado e público. Essa foi uma reação a forte interação que existia entre a moradias multifamiliares da classe baixa que muitas vezes entendiam sua ocupação ao espaço público, situação essa muito comum nas cidades do período colonial/imperial. A distinção desses espaços tinha como objetivo organizar, moralizar e controlar os indivíduos citadinos. Acentuada por essa mentalidade os indivíduos que tinham como hábito vagar nos espaços públicos por mais que um determinado período de tempo e ainda mais, no período noturno, hora

que deveria ser dedicada ao descanso para então se revigorar para a labuta matutina, não eram bem vistos. O espaço privado seria considerado o espaço para a mulher, a família e ao descanso, enquanto o espaço público seria para atividades coletivas e civilizadas. Através desse conceito se nota uma maior vigilância acerca do que era praticado nos espaços comuns das cidades.

Os notívagos eram figuras frequentemente relacionadas a boemia. Muitas vezes eram indivíduos que saíam caminhando no período noturno em busca de entretenimento e diversão, muitas vezes eram boêmios que passavam de zona boêmia em zona boêmia olhando o que acontecia na cidade.

O senhor José Freire em entrevista recorda que saía de seu trabalho no mercado de onze a doze horas da noite devido a organização da loja, voltava para casa, se banhava e percorria a pé as ruas centrais até o cabaré do Miramar no Vaticano a procura de companhia feminina. Este afirmou que naquela época (década de 1950) raramente algum crime acontecia nas ruas, crê ele que devido a presença do policiamento no local, que de acordo com o entrevistado eram autoridades muito mais respeitadas e temidas na época, o que trazia confiança ao hábito de vagar solitário a noite naquela região da cidade. O entrevistado também afirma que havia certo movimento de pessoas nas ruas do entorno do mercado, do Beco dos Cocos e na Rua da Frente, nas proximidades do rio, mas que como ele frequentava os estabelecimentos sozinho e não bebia, não participava da socialização, preferindo apenas frequentar os estabelecimentos.

No depoimento de Murilo Melins foi descrito um cenário parecido. Ele se lembra de suas caminhadas na madrugada a caminho de sua residência localizada na Rua de Estância após as noites de boemia. De acordo com o entrevistado naquela época as ruas eram mais seguras, não ocorriam roubos ou tráfico de drogas e o esquadrão policial as vezes o acompanhava até as proximidades de sua casa apenas por cortesia. Os maiores tumultos que aconteciam naquelas áreas boêmias eram as brigas causadas por bebida ou os crimes passionais. Deixando esses problemas de lado, eram espaços praticamente sem criminalidade.

Se percebe que a prostituição e a cafetinagem realmente não eram consideradas “crime”, desde que tudo fosse mantido com discrição em espaços privados. Melins também se recorda do caso quando o Chefe de polícia da época entrou na boate do Miramar em seu período à paisana; na ocasião para surpresa de ambos, encontrou seu filho no mesmo estabelecimento. Como parte da cumplicidade e discrição que envolvia aquele meio ficou acertado que “ninguém havia visto ninguém naquela noite”.

Um dos trechos do livro de memórias de Murillo Melins reafirma a presenças da patrulha militar nos arredores das zonas boêmia na cidade, que percorriam as ruas em rondas em busca de desordeiros:

As patrulhas da Polícia Militar e do Exército brasileiro passavam procurando soldados à paisana ou os que estivessem provocando desordem. O temido “Esquadrão da cavalaria”, que era composto por soldados escolhidos pela disposição e valentia, comandado por Simeão, auxiliado pelos temidos: tenentes Justo e Elias, sargento “Ferrugem” e cabo “Vira Mundo”, que fazia ronda, armados com “parabeluns” e portando enormes espadas. Era o terror dos desordeiros e a tranquilidade para os que iam se divertir (MELINS, 2007, p.36).

Mário Cabral descreve uma cena no seu mini capítulo sobre os flagrantes citadinos das noites de Aracaju. No texto um boêmio notívago caminha solitariamente pela cidade passando por diferentes lugares da boemia da cidade:

Ficou ali, na Rua da Frente, sentado sob um ficus. A noite estava escura, de uma escuridão sinistra, prometendo chuva. Levantou a gola do paletó e acendeu um cigarro. O céu sem estrela derramava, na terra, um sopro de desalento e de desespero. O homem chupou o cigarro com ânsia, embora o fumo lhe amargasse na boca. Viera sem destino. Descera a Rua do Bomfim, a areia fina entrando pela borda de sapato cambaio. O cassino Imperial brilhava dentro da noite, o som do pistón saltando pelas janelas iluminadas. Afinal penetrara na grande sombra do cais do porto (CABRAL, 1955, p.163).

Uma pequena coluna no Jornal Correio de Aracaju intitulada “Desocupada” exemplifica esses boêmios notívagos que saíam pelas ruas da cidade a procura de novas experiências. A população muitas vezes não se agradava desses hábitos que eram contrários aos mandamentos a moralidade e a ode ao trabalho que tanto se fazia campanha naquela época:

Em toda parte existem indivíduos que, não tendo o que fazer durante o dia, não se cansam, e como não sentem necessidade de dormir aproveitam a noite para perambular pelas ruas, para fazer ronda nos cafés e nas esquinas e perturbar o sono dos que trabalham e precisam de descanso noturno. Como consequência estragam a própria saúde, além de prejudicarem a existência dos pobres mortais que levam a vida a sério (CORREIO DE ARACAJU nº 1353, 1939, p.3).

O combate a desordem em espaços públicos foram ações levadas em consideração desde o projeto original de modernização de centros urbanos. Os códigos urbanísticos criados não abrangiam somente o aspecto físico, mas também uma legislação moralizadora para a cidade. De acordo com Marins “O âmbito privado deveria ser explicitamente deferido do público (...)” (2006, p.147).

Diana Helene (2014) afirma que a maneira como o espaço público é tratado a partir da modernidade faz parte do novo cenário construído sob influência da burguesia e seus ideários de ordem e moralidade. Foram então consultados estudiosos e médicos para lidar melhor com a situação da promiscuidade, prostituição e dos maus comportamentos nas ruas dos centros urbanos. Apesar da prostituição dentro da cidade ser vista como um problema a ser mais bem administrado, era também considerado como um mal necessário, pois o meretrício tinha a função de saciar os impulsos sexuais dos homens. Na situação da prostituição anterior a reorganização urbana, as meretrizes se espalhavam nas ruas em diversas regiões das cidades, não havendo legislação em relação a esse cenário, onde era inclusive comum avistar prostitutas seminuas, bêbados e mendigos pelas ruas em plena luz do dia. O que a nova administração propunha era na verdade a domesticação do meretrício e a limpeza do espaço, em especial o público.

Em Aracaju o relativo a essa legislação com a intenção de educar a população no âmbito público e privado era chamado de “Código de Posturas”.

No Jornal Diário da Manhã de 26 de outubro de 1911 se pode ler uma coluna onde se divulga o capítulo 1 da seção do Código de Postura da cidade de Aracaju intitulado “Costumes”. Nessa seção são explanas comportamentos incompatíveis com a prática pública:

Art.118 São proibidos em todo o município as vozerias, sambas, cantadas, gritos, salvos invocando socorro, alaridos que perturbem o sossego público. Pena de prisão por 24 horas.

Art. 119 É proibido pessoas adultas, durante o dia, banharem-se no rio da cidade e seus arrebalde, sem estarem convenientemente vestidas; lavar roupa e animaes, ou qualquer outro objecto nas fontes públicas; cercar ou impedir por qualquer modo que o povo absteça nas que existirem em terrenos particulares, uma vez que tenham-se tornado de servidão publica. Pena a mesma do artigo anterior.

Art. 120 É proibido proferir palavras obscenas ou injuriosas, em logar público, ou particular, actos e gestos offensivos da moral e bons costumes

Art. 121 É proibido apresentar de público, sem estar-se decentemente vestido.

(DIARIO DA MANHÃ, 16/10/1911, p.3).

Nota-se através dos relatos de Murillo Melins a incompatibilidade entre os códigos de postura da cidade e as “noitadas” da boemia, que envolviam a rua da frente, o porto, as áreas de meretrício e a exposição dos corpos das prostitutas, as caminhadas noturnas, a cantoria, música...

À noite, após o encerramento das atividades comerciais, começava no mercado a intensa e animada noite boemia e luxuria. Da Rua da Frente e do Beco dos Cocos ouvia-se o som dos altos falantes das boates “Alabama”, “Miramar” e “Xangai” e a orquestra do “Casino Bela Vista”. O movimento de boêmios e prostitutas, que vinham do Bomfim e de outras pensões do meretrício, era intenso. “As mulheres de vida livre” iam fazer o “trottoir” nas imediações da zona portuária, tentando vender seu amor aos marinheiros que desciam dos navios cheios de expectativa e excitação (MELINS, 2007, p.354-355).

Os lugares da boemia não se limitavam aos estabelecimentos, aos cabarés, cafés, clubes, cassinos, prostíbulo; a boemia raramente respeitava os limites impostos. Essa mesma conexão entre os espaços acontecia por exemplo na praça General Valadão:

As noites, principalmente, nos fins de semana, a praça era frequentada pela boemia da cidade. Prostitutas faziam o “trottoir”, atraindo os marinheiros de navios, saveiros e barcas que estavam ancoradas nas velhas pontes do “Brown” e do “Lima”. Por ali também passavam os noctívagos que demandavam aos cabarés e pensões de mulheres da vida, e às boates do Beco dos Cocos e Rua da frente (MELINS, 2007, p.190).

O cais e as pontes eram os principais pontos de encontro dos “bambas” e dos “maloqueiros”, figuras menos afortunadas e de menor prestígio social que habitavam a boemia, essas são figuras típicas dos espaços públicos. Nas Pontes do Brown e do Lima esse grupo de homens se reunia, bebiam, fumavam e muitas vezes pernoitavam no local. Melins descreve um caso sobre o líder dos bambas que residia na ponte do Lima em uma noite a procurar por sua mulher em um boteco:

Pela madrugada, Baiano, chefe dos bambas e dos maloqueiros entra em um bar cheio de bêbados e mulheres sonolentas, procurando sua amante a linda Maria Rosa. Não a encontra. Atendendo alguns pedidos, solta sua bela voz canta algumas canções que ecoam pela redondeza. Toma uns aperitivos e sai perambulando pela noite escura.

A essa hora, nas ruas silenciosas, os passos dos raros transeuntes nas calçadas. Ele vai andando tranquilo e descuidado com airoso balanceio de corpo, cantarolando uma modinha de amor. No Beco dos Cocos agora deserto, iluminado apenas por luz tênue que refletia nas pedras do calçamento, encontra seus companheiros “Palito” e “Coruja”, e se dirigem a Ponte do Lima onde moravam. Enquanto os colegas dormiam, Baiano olhava a lua que derramava sua luz nas águas do rio e pensando no seu amor Maria Rosa, assovia baixinho a canção que ela gostava (MELINS, 2007, p. 355-356).

Quando questionado sobre qual seria o seu entendimento sobre o que seria um “Bamba”, Murillo Melins afirmou que um “Bamba” seria uma figura muito próxima de um “malandro”. Era um indivíduo geralmente conhecido pela sua coragem e desenvoltura, tendo habilidade para se livrar dos infortúnios da vida através da esperteza. Ainda de acordo com o depoimento, muitos desses bambas eram exibicionistas e conhecidos por sua valentia e notável talento natural para a música e poesia.

Um dos bambas mais lembrados por seu Murillo era conhecido pela alcunha de “Favela”. Favela era um rapaz “bem-apessoado” que se sustentava por meio de apostas e vitórias no jogo de sinuca. Porém a sua controvérsia se baseava no fato de que Favela vinha de uma família de boas condições; mas não quis estudar ou trabalhar como seus irmãos e preferiu viver da malandragem e de apostas, chegando muitas noites a pernoitar na ponte do Lima. Era um rapaz muito amigável e extrovertido, ganhando a simpatia de muitos na cidade. Apesar dos recursos limitados, Favela só se vestia

elegantemente, sempre com os cabelos bem penteados e vestindo um elegante terno branco que ganhara de presente de alguns de seus amigos boêmios.

O entrevistado se recorda também do escândalo que se passou quando a família de uma moça da sociedade descobriu que esta estava de namoro com Favela. Os irmãos da moça também eram boêmios e conheciam Favela e sua reputação apesar do seu bom histórico familiar. O casal foi prontamente separado pela família para surpresa da própria moça que não conhecia a real situação de seu namorado.

Os bambas eram notáveis não somente por seu talento musical e bela voz, a personalidade marcante e o jeito peculiar de levar “uma vida livre” tornava-os personagens marcantes da boemia e dos espaços públicos.

O porto de Aracaju, apesar de toda importância que esse retinha na construção da capital, ficou fora das rotas internacionais na maior parte de sua existência, recebendo apenas um pequeno número de embarcações estrangeiras em seu porto durante a segunda grande guerra. Segundo Murillo Melins (2007), anos depois da guerra, o destaque veio com a chegada da draga San Pablo trazendo dezenas de marinheiros filipinos ao porto de Aracaju. A chegada dos marinheiros aumentou o movimento no cais, o que beneficiou a abertura de um bar e restaurante em um dos atracadouros do porto, sendo esse bastante frequentado pelos estrangeiros e pelos locais para o consumo de drinks. Porém em maio de 1950 a draga e seus tripulantes partiram de Aracaju devido às más condições dos mares. (Figura 11)

Figura 11- Nota acerca do destino da draga San Pablo.

2. Solicita ainda o signatário do telegrama a transferência para aquele porto, da draga "San Pablo" que, na ocasião, havia deixado o porto de Aracajú com destino ao Rio.

3. Informando o telegrama em apreço, cumpre-me dizer, preliminarmente, que a draga "San Pablo" não pode operar satisfatoriamente na barra de Aracajú devido à agitação do mar, como, pelo mesmo motivo, não poderia operar em Ilhéus, no mesmo período do ano.

Fonte: DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL nº3687, 1950, p.7.

Outra nacionalidade de visitantes que esporadicamente desembarcara no porto aracajuano foram os americanos. Murillo Melins em depoimento recorda da presença de alguns poucos oficiais da marinha americana em visita a cidade, inclusive tendo desenvolvido amizade com um dos escafandristas estrangeiros. A chegada de estrangeiros na época também marca um momento decadente da época, quando epidemias de sífilis e gonorreia se alastravam pelas cidades, principalmente entre os frequentadores da boemia, tendo os estrangeiros e prostitutas sido responsabilizados pela disseminação dessas doenças no país durante a segunda guerra. Esse momento será melhor trabalhado no próximo capítulo onde serão focados na decadência e perseguição em relação a boemia.

3. O ALVORECER – A BOEMIA E A SUA RESSACA

Nesse capítulo são tratadas a decadência e a reformulação da boemia em seu novo formato. Se destacam as ações que de alguma forma iam de combate ao estilo de vida da boemia que perdurou no Centro de Aracaju até a década de 1950, tratando as ações e campanhas que na época a reprimiram e estigmatizaram. Há então um levantamento das transformações dos principais espaços e marcos da boemia aracajuana que se concentravam no centro. Encerrando, se apresenta o quadro atual da boemia em decorrência das transformações socioculturais, se destacando a transferência da vitalidade dos antigos espaços da boemia (e do Bairro Centro em geral) dando lugar a uma nova forma de boemia que ocupa novas áreas de importância na cidade de Aracaju da atualidade.

3.1 POLÍTICAS MORALIZADAS E HIGIENISMO CONTRA A BOEMIA.

A Boemia enfrentou diversos embates e perseguições de ideologias moralistas durante o seu decorrer, sendo muitas vezes um estilo de vida considerado sob estas visões uma má influência para a civilidade e a saúde física e psicológica do povo brasileiro, destacando nesse trabalho o sergipano. Dentre os principais períodos e ações em que políticas contrárias às práticas da boemia se intensificaram se destaca a Era Vargas, o governo subsequente, o governo Dutra, os Códigos de posturas municipais e o higienismo.

Furquim (2017) comenta que os conceitos divulgados na sociedade e mídia brasileira acerca do estilo de vida boêmio foram muitas vezes baseados na ideia de uma vida levada de maneira incerta e desregrada, uma vida sem laços e sem as amarras sociais, onde os indivíduos envolvidos muitas vezes eram definidos como vagabundos e desordeiros, consolidando essa imagem no imaginário de parte da população. É interessante perceber que a represália contra a boemia brasileira se apresenta contrariamente à visão romântica que foi muitas vezes dedicada a esta, repudiando a ideia da boemia como uma

atividade recreativa e inofensiva. Durante a Era Vargas (1930-1945) foram realizadas ações onde a boemia foi politicamente e socialmente reprimida, principalmente após a realização de campanhas para banir locais e comportamentos “libertinos” e “vadios”. Se sentindo ameaçado por esse perfil de comportamento, a política varguista tomou medidas para não permitir que esse estilo de comportamento se popularizasse, preparando uma intensa ofensiva para freá-lo.

No ano de 1941 Getúlio Vargas instaurou por decreto a lei que ficaria conhecida como “Lei da vadiagem”. A lei punia indivíduos que se encontravam em situação física e mental própria ao trabalho, mas que não exerciam atividade laboral de forma oficializada, sendo esses indivíduos quase que diretamente considerados como criminosos pelo governo. Esse era definido como sendo um crime contra os costumes, presente nos postulados das Leis das Contravenções. Tal lei é apresentada no periódico *Diário Carioca* no ano de 1941 na coluna intitulada “Contra a paz pública, contra o trabalho, o jogo de Azar e o Jogo do Bicho”. Nela temos um artigo de lei definindo uma situação em que um indivíduo poderia ser punido sob o crime de vadiagem: “O condenado por motivo de contravenção cometida em estado de embriagues pelo álcool ou substâncias de efeito análogos, quando habitual a embriaguês; II – o condenado por vadiagem ou mendicância;” (*DIARIO CARIOCA* nº 4081, 5 de outubro de 1941, p.8).

No mesmo periódico, ainda em relação a lei varguista contra a vadiagem, temos uma nota sobre a denúncia do crime na cidade do Rio de Janeiro, onde é solicitada a ação da polícia:

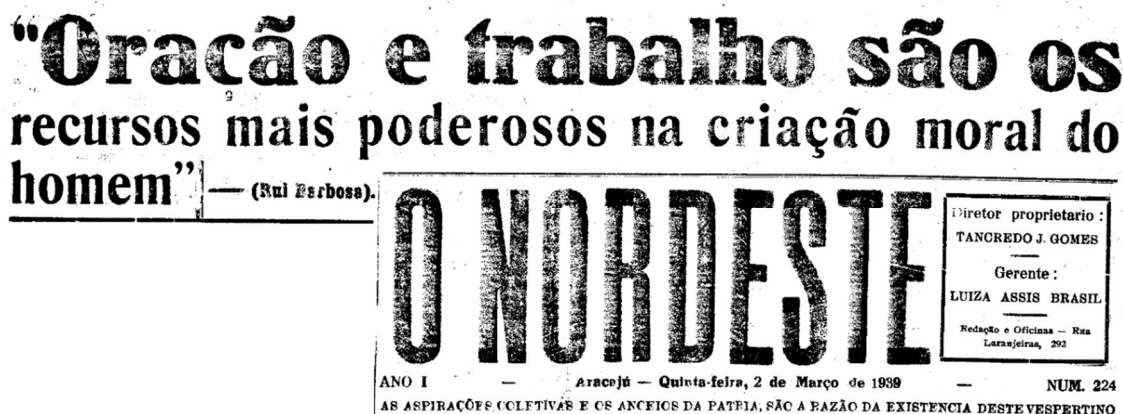
Os moradores da Rua Derby Clube, no Engenho Velho, reclamam por nosso intermédio, providencias da polícia, no sentido de ser reprimida a vadiagem naquela artéria, onde inúmeros desocupados fazem o seu reduto, perturbando o sossego e dirigindo impropérios as pessoas que por ali passam. (*DIARIO CARIOCA*, 3 de maio de 1942, p.5).

O escritor e historiador Nelson Werneck Sodré (1999) afirma que em 1937 com a instauração do autoritário Estado Novo sob a liderança de Getúlio Vargas uma nova onda moralista se espalhava pelo país. Junto ao Estado

Novo foi criado o Departamento de Imprensa e propaganda (DIP) com a intenção de regular as atividades sociais, políticas e culturais que não condiziam com a ideologia de sociedade proposta pelo governo, fazendo “jornais passaram, assim, por gosto ou a contragosto, a servir à ditadura”. (SODRÉ, 1999, p.558) O DIP era um instrumento governamental que não apenas suprimia os opositores ao governo, mas também regulamentava diversas atividades, inclusive divulgando listas de temas proibidos a serem publicados pela imprensa ou produzidos por artistas e escritores.

No Estado de Sergipe um dos periódicos que mais se destacaram na campanha para a disciplinação moral foi o jornal “O Nordeste”. Durante o Estado Novo eram publicados no período slogans no cabeçalho das primeiras páginas de suas edições com dizeres como “Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem”, como podemos ver na edição do periódico de 02 de março de 1939 (Figura 12). Tal posicionamento faz sentido quando nessa mesma edição é anunciado o diretor do O Nordeste como o novo Diretor do Departamento de Propaganda e Divulgações do Estado de Sergipe, órgão do DIP.

Figura 12– Cabeçalho do Jornal O Nordeste



FONTE: Jornal O NORDESTE nº 224, 02/03/1939

Poucos dias antes da nomeação do diretor do periódico para o cargo de chefia do DIP no estado, mais especificamente na edição de nº217, de 22 de

fevereiro, o Nordeste publica após o término das festividades uma nota sobre o carnaval em tom moralista e repressor:

As máscaras da realidade exprimem maior dose de verdade porque foram feitas para o Carnaval torturado da existência. A caravana do Momo passou e com ela os Pierrots e Colombinas que trocaram ardentes beijos de volúpia em estremecimentos pecaminosos de carne que reclama beijos e idyllos. Passou o Carnaval. Cessaram as gargalhadas dos que procuram esconder a mágoa que não existe. Estamos agora em pleno reinado da realidade. O Evangelho de Jesus eternamente proclama o pó a que nós reduzimos (O NORDESTE, 22 de fevereiro de 1939).

Segundo Ana Paula Corti o Estado Novo se constituía como um regime ditatorial brasileiro, sendo reconhecidamente inspirado no modelo nazifascista europeu e precursor da ditadura militar no Brasil. A criação do regime trouxe o enrijecimento e a centralização do poder político, tendo como ação o fechamento do congresso nacional. O governo do Estado Novo foi marcado por um autoritarismo exercido através do poder do exército, da censura e da manipulação da imprensa, além de outras características como o incentivo ao nacionalismo, o contra comunismo, uma política social moralista e para os bons costumes da população. Foi nesse período que se tornou obrigatória a disciplina Educação Moral e Cívica nas escolas, por exemplo (CORTI, 2013).

Novamente no jornal O Nordeste, na edição de 24 de fevereiro de 1942, se encontra uma coluna intitulada “A Educação Sexual nas Escolas”, divulgando os benefícios da incorporação do tema ao conteúdo da matéria de história natural, além de sugerir a abordagem de outros temas relacionados como “higiene sexual” e “higiene mental”, porém sem maiores explicações sobre a abordagem. Anteriormente, no ano de 1941, foi publicada uma matéria chamada “Educação Sexual e inteligência”, onde no texto é apresentado um artigo de suposto cunho científico apontando os males gerados pelo denominado “estado mórbido sexual”, defendendo que a atividade sexual causaria algum tipo de prejuízo a inteligência dos indivíduos e até de seu caráter:

As funções mentais da criatura humana submetidas, de uma forma muito mais intensa do que muita gente talvez suponha à esfera de sua sexualidade. Nada melhor para nos certificar disso, do que compararmos a atividade mental de uma determinada pessoa, que sabíamos dotada de inteligência privilegiada, balanceando a

qualidade e quantidade de suas produções mentais, nos períodos anteriores ao estado mórbido sexual. O brilho das ideias, a vivacidade com que elas se apresentam a segurança do raciocínio, a pronta associação de imagens mentais, a rapidez na elaboração dos processos de análise e síntese, a capacidade de bem induzir, a memória, tudo enfim que se prende a vida intelectual dos indivíduos sofre profundamente em consequência das alterações mórbidas de sua vida sexual.

Conforme a natureza do estado mórbido sexual e sua duração, varia a intensidade de sua repercussão sobre a carabração. Toda uma gama de cambiantes se apresenta, desde os levíssimos distúrbios da vida mental do indivíduo até as mais profundas e integrais modificações de seu psiquismo e de seu caráter, dos portadores de estados mórbidos da sexualidade, quer se trate do sexo masculino como do feminino. Quando as perturbações mórbidas da sexualidade se verificam na juventude, é com tristeza que constamos o progressivo abatimento das faculdades intelectuais até caírem num estado de torpor e obnubilação absolutos e pesados é que acompanhamos o gradual aniquilamento de jovens que deixavam antever um esplendido futuro e que se eclipsam no meio de seus triunfos, por os distúrbios de sua sexualidade reagirem sobre seus centros nervosos e embotaram suas faculdades mentais (O Nordeste nº 626, 18 de Dezembro de 1941, p.3).

Um exemplo da moralização e censura de produções de livre expressão é encontrada na edição número 926 de 10 de fevereiro de 1938 no periódico Correio de Aracaju. No pequeno artigo intitulado “Músicas Carnavalescas proibidas” são divulgados os nomes das composições proibidas de serem executadas publicamente e nome de seus respectivos autores, sem maiores esclarecimentos sobre a ação:

Atendendo à comunicação da polícia do Distrito Federal a Delegacia Especial de Segurança Policial e Social desta capital proibiu em todo o estado a execução das marchas carnavalescas “Diabo sem rabo” da autoria de Haroldo Lobo e Milton Oliveira, “Perna cabeluda” de J Luiz Calasans e Vicente Paiva, “Você Perdeu”, de Benedito Lacerda e Darci de Oliveira e do batuque denominado “Mulungú” (CORREIO DE ARACAJU, 10 de fevereiro de 1938, p.2).

No ano de 1941 novamente o periódico “O Nordeste” apresenta uma coluna intitulada “Conduta Sexual” onde dá conselhos sobre comportamento e sexualidade, com textos apresentados supostamente sob uma ótica científica e positivista. No artigo se fala da má influência envolta a bebidas alcoólicas, bordeis, filmes e romances, sendo esses considerados grandes perigos para a sociedade. Ao mesmo tempo se percebe um tom ameaçador como artifício de convencimento:

O ser humano, que procura conduzir sua vida inspirado nos ditames da lógica e da razão norteando seus atos de conformidade com as determinações científicas, despreza tudo isso para cair no mais absurdo empirismo, quando trata de escolher a norma de vida sexual a seguir. **Aqui é o conselho do amigo inexperiente, ali a palavra do companheiro libertino, acolá, o exemplo bebido nos bordeis e lupanares, etc,** que vai influir na determinação de sua conduta sexual. Se assim é para o sexo masculino, **situação idêntica se verifica em relação ao sexo feminino, em que a palavra da criada de quarto, da colega de escola ou o exemplo dos personagens vividos nos romances que lê ou nos “films” cinematográficos que assiste, é que vai influir sobre a conduta sexual da mulher.** Não se pode esperar de uma vida sexual conduzida a matroca, deixada ao sabor das **ocorrências ocasionais, abandonada à mercê das condições que só forem apresentando, senão os mais desastrosos efeitos as mais calamitosas consequências.** O ser humano precisa ser orientado de uma forma mais racional, no que se refere a sua sexualidade, para que possa discernir da conduta sexual a seguir nas diversas circunstâncias, muitas das quais difíceis, que a todo instante se apresentam no decurso de sua vida.

As religiões, o sentimentalismo piegas, a fantasia de romances bem engendrados, **o sonho dos poetas, etc, tudo isso vai cedendo seu lugar a voz fria e implacável da ciência. Além do manual religioso, do romance, de livro de versos, os pais devem pôr nas mãos de seus filhos os livros de pedagogia sexual,** porque só no dia que sua leitura for familiar aos jovens de ambos os sexos, poderão eles saber orientar racionalmente sua conduta sexual! (O NORDESTE nº 589, 28 de outubro de 1941, p.2). (grifo nosso).

A ciência tendenciosa serviu como arma aos objetivos as políticas moralistas. Os jornais não poderiam ir contra os mandos e desmandos do governo que prontamente fechavam periódicos, exilava e prendia pessoas “subversivas” ao governo. A boemia envolta a noites em claro, bebida e sexo fora do casamento trazia um modo de vida que iria contra os preceitos de saúde física e moral da população e o DIP usou a imprensa como uma arma para combater esses hábitos desde a raiz através de uma forte propaganda a favor da moralização desde o seio familiar. O trecho do texto abaixo é um artigo direcionado aos pais e mães de filhos pequenos, tendo como objetivo servir de alerta sobre os perigos que determinados fatores como o álcool e as perversões sexuais poderiam influenciar o caráter pessoal das crianças, podendo transformá-los em adultos “degenerados”:

Quando esta se encontra longamente ou de súbito em face de dificuldade e exigências sociais que a perturbam o sentimento de que não está a altura da circunstância, o sentimento da inadequabilidade para aquelas situações levam-na a procurar sob uma forma qualquer um meio de evadir-se. **Este meio podem ser os tóxicos, o álcool, as perversões sexuais, se alguma profunda ligação afetiva ou se**

uma irreprimível inclinação religiosa não a salvar dessas misérias extremas. Desse modo, que formidável importância não apresenta para a saúde física e moral a educação dos primeiros anos e dos anos da mocidade. De uma criança pode se inconscientemente fazer um monstro, um degenerado. (FOLHA DA MANHÃ, 14 de abril de 1939, p.3). (grifo nosso)

Anteriormente a Era Vargas, na edição do Diário da manhã de 27 de outubro de 1911 é encontrada a publicação dos códigos de postura da cidade de Aracaju vigentes naquele ano, tendo como tema locais e casas de aposta, se referindo a estas como atividades fora da legalidade e cabíveis de penalidade, incluindo multa e reclusão:

Art.137 É proibido manter casa de jogo, e passar rifas de qualquer espécie de objectos, seja qual for o valor. Pena de 40\$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Art.138. São prohibidos em casa publica de tavolagem os jogos de parada, aposta ou azar, por meio de cartas, dados, búzios, roletas ou qualquer outro aparelho ao mesmo fim destinado. Pena de 40\$000 de multa ou 8 dias de prisão.

1º Considera-se jogo em casa publica de tavolagem, o que tiver lugar em casa, cujo dono, locatário ou empresário aufira dos jogadores qualquer interesse; bem como o que verificar-se em hotéis, botequins, barracas, armazéns, tavernas, cortiços, kiosques, mercados, depósitos ou fabricas de cerveja ou em qualquer outros lugares a estes equiparados; (DIÁRIO DA MANHÃ, 27 de outubro de 1911, p.3).

Mais de 10 anos após a publicação dos códigos de postura, no ano de 1923, o Jornal Correio de Aracaju também publica uma matéria contrária a prática da jogatina, divulgando para a população os perigos e danos causados pela prática:

Combate ao Jogo

Será possível que o vício não envergonhe os viciados, quando tenham estes um momento de lucidez de espírito? Não é de crer. O moral, por mais abatido e rebaixado ergue-se embora retorne ao ínfimo ponto da degradação. O jogador é também um homem, e todo homem, mesmo os criminosos, tem amor próprio. É lá possível que não se envergonhem do Vício os viciados? Não é de crer. No Jogo, ninguém os ignora, exercitam-se os cérebros na execução das trapaças, não podendo julgar-se bom jogador quem não tenha aptidão para ser bom trapaceiro. O jogo seria um divertimento inofensivo e útil se não tivesse como escopo o arruinamento do parceiro e como meios a dissimulação e a trapaça; mas falar em honestidade em tal criação diabólica é desprestigial a e tirar lhe o <facies> característico... De sorte que os bem intencionados,

seduzidos pelo perigoso vício ou se arruinam por não querer lançar fora a moral, ou conseguem triumphar abraçando e adoptando de corpo e alma a imoralidade- como único meio de assegurar a conquista dos dinheiros alheios. Moralíssimo, o jogo! (CORREIO DE ARACAJU, 29 de outubro de 1923, p.1).

Em contradição a maioria das ações do Estado Novo, foi nesse regime que os cassinos após um longo período de proibição puderam funcionar legalmente no país. A abertura de cassinos no Brasil foi uma atividade proibida desde os tempos do Império, possuindo algumas exceções na década de 1920 (WESTIN, 2016).

Apesar do quadro negativo, com a legalização dos estabelecimentos de aposta na década de 1930 os cassinos foram finalmente legalizados no país, gerando emprego para a população mais pobre e lazer para a elite, arrecadando para o governo um bom montante em taxas sobre esses estabelecimentos de jogatina. Os cassinos não eram apenas simples casas de jogos, comportando também restaurantes, orquestras, salão de dança, bar, teatro, etc. Foram nos grandes cassinos do país que a cantora Carmem Miranda se apresentou, se lançando ao sucesso internacional através das suas apresentações nesses estabelecimentos de luxo. Durante esse período diversas medidas e normas fecharam cassinos e os reabriram, sendo esse cenário drasticamente alterado em 1945, após a queda de Vargas do poder (WESTIN, 2016).

Em depoimento Murillo Melins se recorda que após uma das inúmeras medidas temporárias contra os estabelecimentos de apostas, os cassinos foram fechados em Aracaju; porém na Zona do Bomfim ainda continuaram com a atividade da jogatina e aposta devido ao maior afastamento desses estabelecimentos da área mais relevante da cidade. Os jogos mais populares no Bomfim eram as roletas de apostas, o baralho (mais frequentemente encontrado nos estabelecimentos do baixo meretrício) e o jogo de dados conhecido como “piu”, também bastante popular no Bomfim, além da sinuca. De acordo com ele “Com o jogo de azar proibido em Aracaju, algumas roletas funcionavam clandestinamente em alguns pontos da cidade, dentre eles o Cabaré de Pedro Bigodão, com duas mesas.” (MELINS, 2007, p. 361).

A seguir é narrado um caso em que houve a entrada da polícia no estabelecimento de Pedro Bigodão devido a ocorrência de uma briga. No local um grande número de indivíduos apostava na roleta, também conhecida na época pelo termo “pano verde”. A chegada repentina da polícia fez com que os presentes corressesem em fuga por conhecerem a natureza ilegal das atividades ali desenvolvidas (MELINS, 2007).

No Jornal O Nordeste de 02 de agosto de 1939 é encontrada uma nota com a notícia da convocação de Pedro Bigodão a polícia pelo oferecimento ilegal da prática de jogo de aposta no seu estabelecimento:

Jogos proibidos

Por praticarem jogos proibidos foram detidos vários contraventores, sendo intimado para comparecer a delegacia o indivíduo Pedro de Tal, por alcunha Pedro Bigodão, a fim de prestar esclarecimentos visto a nossa polícia ter feito a pescaria na residência do Bigodão (O NORDESTE, 02 de agosto de 1939).

Após o fim do governo de Vargas, no governo Dutra (outro governo de base conservadora e moralista), diversos cassinos foram definitivamente fechados (Figura 13). De acordo com a percepção do novo governo, se tratavam de estabelecimentos que iam contra a moral e os bons costumes da sociedade. A ação ocorreu no ano de 1946, no auge desse tipo de estabelecimento. Somente no Rio de Janeiro existiam mais de 70 cassinos e casas de jogo. O ato foi fortemente apoiado pela imprensa da época, o que não poderia ser diferente, já que os jornais e a mídia estavam nas mãos do governo e serviam mais como um meio de propaganda governamental do que como um meio de informação para o povo. O ato também recebeu forte apoio no senado, pois de acordo com a maioria, a jogatina seria um veneno para a alma do trabalhador, que em vez de ser produtivo, trabalhar e ganhar o sustento para a família se viciava na jogatina como meio medíocre de obtenção de renda (WESTIN, 2016).

Figura 13- Nota no jornal acerca da proibição dos jogos de azar no Brasil.



Fonte: Jornal DIÁRIO CARIOCA nº4575, 01/05/1946, p.1.

É importante lembrar também de um dos principais movimentos que serviram de base para intensas ações moralistas; a doutrina higienista. O higienismo surgiu no Brasil durante o período imperial quando diversos surtos e epidemias como a febre amarela, varíola, malária e tuberculose assolavam a população, sendo responsável por altas taxas de mortalidade na época. A medicina científica foi indicada como a solução para esse quadro, culpando a disseminação dessas doenças a população mais pobre e ao seu meio de vida promíscuo. De acordo com os médicos higienistas, essas epidemias urbanas tinham origem em fatores sanitários, sociais e espaciais (MARINS, 2006).

O higienismo foi marcante na cidade do Rio de Janeiro desde o período de transição republicano, influenciando então o resto do país. Nessa época a população pobre da cidade se concentrava na região central, habitando casarões superlotados já em estado de degradação onde diversas famílias compartilhavam o mesmo espaço de forma precária. Essa situação iria contra os preceitos de urbanismo e sanitismo defendidos pelo ideal de cidade moderna. Tal situação foi definida como resultado do meio de vida indecoroso em que a população vivia, devendo esse quadro ser combatido com veemência, pois o Rio de Janeiro como capital federal era o cartão postal do Brasil. Além de uma questão urbanística, sanitária e social, o alastramento de endemia vitimava a população local e ainda mais rapidamente os estrangeiros pouco acostumados com o clima e sem imunidade as doenças, fato que muitas vezes causava suspeitas e repelia investimentos estrangeiros ao país (SEVCENKO, 2006).

No final da década de 1930 e durante toda a década de 1940 uma das principais epidemias na cidade de Aracaju ainda continuava a ser a tuberculose, mas agora se adicionavam ao quadro de prioridades do departamento de saúde as doenças venéreas. A sífilis e a gonorreia se alastravam pela cidade rapidamente. Era possível encontrar nos jornais locais da época uma infinidade de propagandas de remédios para o tratamento dessas enfermidades (Figura 14).

Figura 14– Propaganda de remédios para tratamento de doenças venéreas.

SYPHILIS, RHEUMATISMO?
Cura certa e rápida com o
grande depurativo do sangue
Elixir de Marinheiro
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Aracaju 17 de Janeiro de 1938.
 Ilmo. sr. Helvecio Maia. — Nesta.
 Prezado senhor:

Tenho imensa satisfação em vos comunicar que, sofrendo há mais de oito annos de terrivel reumatismo, que além de me causava dores horriveis, ainda me tolhia os movimentos, resolvi fazer uso do vosso milagroso "E LIXIR DE MARINHEIRO", por conselho de um amigo.

Apesar de descrente, confesso, tive, logo nos primeiros dias a felicidade de ver amenizadas as dores que me atormentavam para, logo depois, desaparecerem totalmente.

Atualmente, com a disposição que tenho e ainda, com o apetite de que disponho, sinto-me perfeitamente curado, rendendo, em primeiro lugar, graças a Deus e depois, ao vosso "ELIXIR DE MARINHEIRO".

Satisfeito por vos fazer essa comunicação, autoriso-vos a fazer uso da mesma, que vos convier.

Vosso amigo grat.,
Pedro Silva

Rua S. Christovam, 343 — Aracaju



ELIXIR DE NOGUEIRA
PODEROSO
ANTI-SYPHILITICO
ANTI-RHEUMATICO
ANTI-ESCROPHULOSO
— GRANDE —
Depurativo do Sangue

Blenorragia
 E' doença que se deve evitar uzando
GONOPIRINA
 Não tendo evitado, aplique
Gonopirina
 Vende-se em todas as farmacias
 Distribuidor:
Normindo Menezes

FONTE: Jornal Correio de Aracaju, 06/01/1940, p.4; Jornal Correio de Aracaju 10/01/1940, p.2. (compilação do autor)

No periódico Folha da manhã de 29 de novembro de 1938, temos a notícia de que no dia anterior havia sido inaugurado o Centro de Saúde de Aracaju, localizado no Palácio Serigy, nas imediações da Praça General Valadão. Entre os setores do novo centro médico, se destacam os departamentos especializados em doenças venéreas e a polícia sanitária. No artigo também há a apresentação dos setores da instituição:

O Centro de Saúde, nas organizações modernas apresentada um núcleo de serviços de assistência médico sanitária cuja mecânica racional atende a todas as necessidades do público. Abrangendo essas atividades, dispensários, estatística e administração externamente, inspetor, vigilância sanitária, visitas domiciliares (...) (FOLHA DA MANHÃ nº245, 29 de novembro de 1938, p.1).

Murillo Melins em entrevista se recorda que no mandato de Eronides de Carvalho (02 de abril de 1935 a 30 de junho de 1941), quando este ocupou o cargo de interventor federal de Sergipe na era Vargas, o governo estadual passou a criar medidas acerca dos cuidados da saúde pública e mental. Como uma de suas medidas se iniciou a exigência de uma carteira de saúde as prostitutas, onde era imposta a realização de exames médicos devido a epidemia de gonorreia, sífilis, cranco mole e a tuberculose, além de visitas aos locais de meretrício para a identificação de mulheres contaminadas. Essa ação foi realizada em nível nacional, sendo bem ilustrada na edição de 6 de outubro de 1940 do jornal Correio Carioca, na Coluna chamada “Delicto de Contágio”. A coluna fala de um projeto de lei nacional que visava punir quem contaminasse outro indivíduo com sífilis ou outras enfermidades contagiosas. A proposta afirmava que deveria ser punido quem “Contaminar ou expor a outrem ao contágio, em virtude de relações sexuaes ou immoraes; (...)”. Em seguida o artigo afirma ser “em geral fácil se determinar com precisão a fonte do contágio” e que uma ação penal frearia os “inescrupulosos”. Com a lei, a polícia de costumes teria maior liberdade e acabariam os empecilhos em relação as intervenções em locais de meretrício, podendo ser assim criada uma caderneta de acesso público com o nome das infectadas e seu internamento compulsório:

Por outro lado, se houvesse essa lei, dado que a Polícia de Costumes é obrigada a não ignorar a existencia do meretrício, pois que o localiza e lhe estabelece regras de viver, a autoridade policial estaria legalmente habilitada a submeter, as que vivem disso, a exames médicos frequentes. Nenhum impedimento legal haveria mesmo, a despeito da ausência de regulamentação da prostituição, a que a própria Polícia de Costumes instituísse uma espécie de Caderneta Sanitária, onde seriam inscriptos os resultados desses Exames médicos. Desde que o público soubesse da existência dessa caderneta, poderia exigir vê-la, como cautela prévia contra as possibilidades de contágio (DIARIO CARIOCA, 6 de outubro de 1940, p.4).

No Jornal O Nordeste foi publicado um artigo com a divulgação dos trabalhos do Departamento de Saúde Pública de Sergipe. Dentre as atividades realizadas se encontram as visitas aos locais a procura de infectados e então o seu internamento no Palácio Serigy:

A Tuberculose e a Sífilis, -- a “peste branca” e o cranco social” são combatidos com energia invulgar dentro do “Centro de Saúde” concorrendo assim o Departamento de Saúde Pública do Estado para a fiscalização em nosso meio dessas calamidades que devastam e corroem os músculos do mundo. Outros problemas importantíssimos concernentes à saúde pública são resolvidos pelo “Centro de Saúde” como a fiscalização dos gêneros alimentícios, saneamento geral e o relevantíssimo trabalho do combate as moléstias transmissíveis. Pelotões de Saúde compostos de enfermeiras dedicadas a causa da higiene, percorrem todos os dias a cidade localizando doentes e ensinando-lhes os caminhos do “Centro de Saúde” onde encontrarão o alívio seguro para os seus sofrimentos (O NORDESTE, 2 de Abril de 1939, p.9).

Os cabarés e as prostitutas foram os principais responsabilizados pelas epidemias de doenças sexualmente transmissíveis. As campanhas antivenéreas possuíam um cunho extremamente misógino, moralista e tendencioso, culpando também a baixa condição social das mulheres envolvidas na atividade como é possível se notar no trecho do artigo jornalístico a seguir:

À primeira vista parece que o problema das doenças venéreas não tem também suas origens no pauperismo, senão numa falta de educação sanitária. Pensamos ao contrário. Começamos pelo problema da prostituição, único fator da transmissão das moléstias venéreas. Decorrente exclusivamente do problema econômico é a prostituição uma nodosa na sociedade de uma Nação, mercado da carne para o sustento de infelizes criaturas. Chamam-nas de livres quando são realmente as mulheres mais oprimidas. Bastaria este só exemplo para a prova fundamental de que as moléstias venéreas aprofundam as suas raízes na pobreza do povo. Quantas vezes, sentindo a realidade da sua doença e a certeza do contágio, mercadeiam o corpo para ganhar o sustento daquele dia? (CORREIO DE ARACAJU, 22 de setembro de 1945, p.2).

A Era Vargas no Brasil (1930-1945), o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), os códigos de postura e o movimento higienista, se definem como ações responsáveis por reprimir a boemia de diversas maneiras.

Durante o governo de Getúlio Vargas foi estabelecido um regime autoritário que restringia a liberdade individual e as atividades culturais que considerava imorais ou subversivas. A boemia, com sua associação a comportamentos considerados devassos e vícios como álcool, drogas e promiscuidade, foi uma dessas atividades culturalmente reprimidas. As autoridades policiais realizavam batidas em bares, casas noturnas e bordéis, e os frequentadores desses locais eram frequentemente detidos e punidos. O governo do presidente Gaspar Dutra, seguiu o mesmo tom moralista do governo Vargas, destacando em ambos os governos postulados cristãos e em favor de valores familiares.

Em resumo, tanto a Era Vargas e o Governo Dutra quanto os códigos de postura e o movimento higienista reprimiram a boemia por considerá-la uma ameaça à ordem pública, à moralidade e à saúde da população. As consequências dessas medidas foram significativas para a vida cultural e social do país, especialmente durante as décadas de 1920 a 1940. Os códigos de postura atuavam como um manual de como habitar no território da Aracaju moderna, inclusive a respeito da moral, reprimindo o que não compatibilizava com seus preceitos civilizatórios. O movimento higienista, por sua vez, buscava promover a saúde pública e a higiene por meio da regulação e do controle dos hábitos e comportamentos considerados insalubres ou perigosos. A boemia, por sua associação com comportamentos que consideravam prejudiciais à saúde era vista como um inimigo da higiene pública. O movimento higienista promoveu a ideia de que a boemia era uma ameaça à moral e à saúde da população e propôs medidas como o fechamento de bares e casas noturnas, a proibição de bebidas alcoólicas e a promoção de atividades mais saudáveis e produtivas.

3.2 OS MONUMENTOS DA MEMÓRIA DA ARACAJU BOEMIA

Após a apresentação do cenário da boêmia que existiu na cidade de Aracaju no recorte temporal (1920-1950) fica a pergunta, “Que rumo a boemia aracajuana tomou?”, “O que aconteceu com os seus espaços de maiores

manifestações?”, “Como esses locais foram tratados?”. A partir desse tópico é realizada uma conexão mais intensa com a atualidade através do presentismo, que de acordo com Adam Schaff (1995) defende uma “realidade histórica” que não é alcançada através de uma exposição apenas objetiva, ou alcançada pela acumulação dados como era defendido no positivismo. Através desse regime de historicidade o Schaff afirma que há a quebra da ideia de uma história engessada e finalizada e “considera a história como uma projeção do pensamento e dos interesses presentes sobre o passado.” (SCHAFF, 1995, p.101).

Se admite então uma “reforma” da história de acordo com o tempo em que ela foi escrita, tirando a história de um pedestal intocável. O presentismo defende que o historiador e a história possuem um relacionamento íntimo, “agindo um sobre o outro e vice-versa”, através da ação do sujeito que a conhece e produz, admitindo que o historiador não possui neutralidade sobre sua historiografia (SCHAFF, 1995, p.105).

A partir desses conceitos é que esse tópico e o próximo realiza a busca de uma conexão da boemia de modo mais direto com o presente, apresentando um vislumbre dos monumentos e locais da boemia memorável do Bairro Centro aracajuano. A pesquisa foi realizada com o apoio de fotografias históricas dos locais boêmios para ilustrar esse paralelo, se utilizando por outro lado de fotografias autorais do estado de conversação atual desses lugares.

Uma grande parte das fachadas dos edifícios do Vaticano ainda conserva características das edificações ecléticas originais construídas em 1926 por Silva Ribeiro (Figura 15), porém é possível verificar um grande descuido com a manutenção e conservação de alguns desses sobrados, principalmente a edificação que há anos atrás abrigou a sede maçônica de Sergipe, onde é possível se ler as inscrições “Grande Oriente de Sergipe”²⁶ em sua fachada (Figura 16).

²⁶ “Grande Oriente” é uma nomenclatura comum dada a casas maçônicas no Brasil.

Figura 15- Sobrados do "Vaticano".



Fonte: *Anna Guimarães*²⁷

Figura 16- Sobrados do "Vaticano" na atualidade.



Fonte: Própria autora.

No fim da década de 1950, o conjunto do Vaticano sofreu um terrível golpe, quando um incêndio se iniciou e se espalhou, destruindo três dos

²⁷ Disponível em: <<https://www.destaquenoticias.com.br/o-glamour-do-vaticano-e-do-beco-dos-cocos-na-aracaju-antiga>>, acessado em: 01/07/2022

estabelecimentos comerciais ali localizados, deixando sem moradia diversas famílias que lá também residiam. A notícia foi apresentada no Jornal Gazeta de Sergipe no dia 23 de Abril de 1959, sob o título “O Pavoroso Incêndio no Vaticano”:

O sinistro e suas proporções, reduzindo a cinzas três estabelecimentos comerciais, desalojadas 38 famílias, grandes explosões, cinco horas de fogo.

Um incêndio de grandes proporções teve início ontem, às 12 horas e trinta minutos, na parte térrea do edifício conhecido por “Vaticano”, que ameaçou destruir o quarteirão compreendido pela Avenida Otoniel Dórea, Praça Misael Mendonça e Beco dos Cocos. Duas importantes firmas grossistas desta capital foram completamente consumidas pelas chamas. Grande número de famílias proletárias que residiam no velho edifício ficaram desalojadas (GAZETA DE SERGIPE nº419, 1959, p.1).

Apesar do incêndio do Vaticano ter sido uma matéria de grande destaque nos jornais da época, não foi feita nenhuma menção ou comentário acerca dos estabelecimentos boêmios que se instalavam no local, apenas sendo mencionadas as perdas dos estabelecimentos comerciais e das residências.

O depoimento do proprietário do Armazém Prado (SANTOS, 2016) localizado no conjunto de sobrados, na porção localizada na esquina da Rua Santa Rosa com o Beco dos Cocos, trata da memória do incêndio do Vaticano iniciado na Rua da Frente que alastrou-se também pela quadra:

Estava em casa almoçando, quando Leite, do Banco Mercantil me telefonou, dizendo que estava tendo um incêndio na Rua de Santa Rosa e que parecia que minha casa estava no meio. Então, saí e fui ver. Cheguei lá, vi muita destruição, mas parecia que o fogo tinha acalmado. Voltei em casa e disse: felizmente, minha loja escapou. Quando acabei de dizer isso, o rádio anunciou: acaba de cair o prédio do Sr. Júlio Vasconcelos. Nem precisa falar do grande susto que levei.²⁸

²⁸ SANTOS, Osmário. A vida de Júlio Prado Vasconcelos: Patrimônio do comércio de Sergipe. Disponível em: <<http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2016/02/a-vida-de-julio-prado-vasconcelos.html>> . Acessado em 02/02/2023

Na atualidade o conjunto de edificações conhecido como Vaticano é ocupado por diferentes tipos de comércio e serviços para uma classe de clientes de menor poder aquisitivo e trabalhadores da área comercial. Outro uso dado às edificações é o de armazenagem, guardando produtos em estoque para lojas das imediações. Atividades como bar, danceteria e prostíbulo não são mais realizadas nas edificações do Vaticano. Os cômodos do primeiro andar da edificação em alguns casos foram subdivididos ou integrados, alterando a composição original do prédio. As atividades de entretenimento noturno ainda são presentes nas ruas de seu entorno, na Praça General Valadão, Beco dos Cocos e nas imediações do mercado.

Na origem do Beco dos Cocos na década de 1927, o beco era utilizado como armazém de estocagem para as mercadorias que seriam vendidas na feira que acontecia nas suas proximidades, além da presença da fábrica de leite de coco que deu razão ao apelido conhecido do beco. Nessa época, trabalhadores braçais e estivadores eram os principais transeuntes e ocupantes de suas vias. Posteriormente, ainda no final da década de 1920 o construtor Silva Ribeiro vendeu suas propriedades e se mudou para o sul da Bahia; foi então que na década de 1930 possuindo proprietários diversos que o Beco dos Cocos se transformou junto ao Vaticano, em um dos principais redutos da boemia na capital sergipana (PASSOS, 2013; PORTO, 2011).

Figura 17 - Rua da Aurora e sua feira (atual Avenida Rio Branco)



Fonte: Rubens Sabino Ribeiro Chaves. Década de 10/20

Na foto acima (Figura 17) podemos observar a Rua da Aurora (na atualidade conhecida como Ivo do Prado ou Rua da Frente) que desde o princípio da capital até parte da década de 1920 concentrava a vida social, comercial e cultural da cidade. Foi nessa época que o Beco dos Cocos foi edificado, sendo alugado principalmente pelos feirantes que vendiam seus produtos na feira localizada na via que dava de frente ao rio Sergipe.

Na atualidade, suas edificações se encontram em estado de decadência. Vários de seus sobrados estão extremamente descaracterizados e em um péssimo estado de conservação. Poucos comércios funcionam no local e os que permanecem são lojas de pequeno porte, estando a maioria de suas edificações em desuso ou servindo como armazém (Figura 18). No período diurno sua via se transforma em um estacionamento clandestino de motocicletas ou urinol a céu aberto, sendo evitado por um grande número de pedestres que consideram o local suspeito e escuso. No período noturno, frequentadores buscam no local um ponto para consumo e venda de drogas, assim como o exercício de um tipo de prostituição menos glamourosa que a exercida em seu passado, agravando através desse cenário seu processo de marginalização e subutilização de suas edificações e via.

Figura 18 - Fotos das edificações do Beco dos Cocos na atualidade.



Fonte: Própria autora, 2017.

Em 2009 a Funcaju (Fundação Cidade de Aracaju) implantou o projeto “Sexta no beco” (Figura 19), com a intenção de realizar um reavivamento da área e ocupação da via com eventos artísticos e culturais. As paredes das edificações receberam nova pintura e foram cobertas com grafites com temáticas da cultura local; a via recebeu nova iluminação e nas noites de sexta-feira foram realizadas apresentações gratuitas de dança, música, poesia, teatro e áudio visual no espaço público da via do beco. Infelizmente, apesar da popularidade do evento, o projeto se encerrou após 6 meses de realização devido à falta de incentivo financeiro (PEREIRA, 2020).

Figura 19- Preparação do Beco dos Cocos para os eventos da Sexta no Beco.



Fonte: André Chagas, 2013.²⁹

Em 2019 com a divulgação da instalação de uma nova unidade do SESC (Serviço Social do Comércio), instituição que atua na área da cultura, se reavivaram as esperanças de que o Beco dos Cocos poderia ganhar um eficiente projeto de restauração e revitalização de seu patrimônio histórico e

²⁹ Disponível em: <<http://sergipeemfotos.blogspot.com/2013/03/beco-dos-cocos-em-aracaju.html>>, acessado em: 01/07/2022.

memória. A realidade foi muito diferente das expectativas. A instituição além de demolir quatro das edificações históricas do beco dos cocos, construiu seu prédio totalmente voltado para a Avenida Ivo do Prado, deixando apenas a saída para descarte de lixo voltada para o Beco dos Cocos. Diariamente vários quilos de lixo são jogados pela instituição em uma caçamba colocada na via do beco, se somando ao lixo do Mercado que também foi desviado para a localidade após o início dessa prática (Figura 20).

Figura 20 - Indicação das edificações que foram demolidas no Beco dos Cocos (2017) e o prédio do SESC que tomou seu lugar (2022).³⁰



Fonte: Própria autora, 2022.

³⁰ Destaque para a caçamba de lixo em meio a via do Beco dos Cocos.

O Cassino Atlântico (Figura 21) foi instalado na década de 1930 em um grande sobrado neorrenascentista muito elegante conhecido como edifício Macedo (até hoje é possível observar claramente a inscrição “Macedo” na parte superior da construção). Atualmente esse é o prédio dentre os da Zona Boêmia que apresenta em sua fachada um dos melhores estados de conservação de seus elementos do passado, sendo isso percebido através de suas fotos antigas. Atualmente o prédio está sendo ocupado pela farmácia e supermercado G Barbosa. A planta interna do edifício agora se configura como um vão sustentado por pilares e a fachada apesar de estar em bom estado de conservação, se encontra pintada com cores vibrantes de acordo com as cores que são utilizadas na identidade visual do grupo de supermercados (Figura 22), o que causa uma grande discrepância com a estética utilizada na época da construção.

Figura 21- Cassino Atlântico



Fonte: Acervo Memória IBGE, sem data.³¹

³¹ Disponível em : <<http://blogminhaterraesergipe.blogspot.com/2017/>>, acessado em 01/07/2022

Figura 22– Sobrado onde funcionava o Cassino Atlântico na atualidade.



Fonte: Própria autora, 2022.

O sobrado funcionou como o Cassino na década de 1930, sendo de acordo com o arquivo encontrado no catálogo de fotos do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ocupado posteriormente no ano de 1945 pela sede da Inspetoria Regional de Estatística Municipal de Sergipe.

O edifício do Cassino 5 de julho (Figura 23) se encontra completamente descaracterizado na atualidade, não permanecendo traços de sua construção original. No seu lugar se encontra uma edificação ocupada por lojas comerciais e consultórios de serviço odontológico (Figura 24).

Figura 23 – Indicação do edifício do Cassino 5 de julho.



Fonte: Acervo Memória IBGE, sem data.³²

Figura 24- Local na atualidade onde funcionava o Cassino 5 de julho.

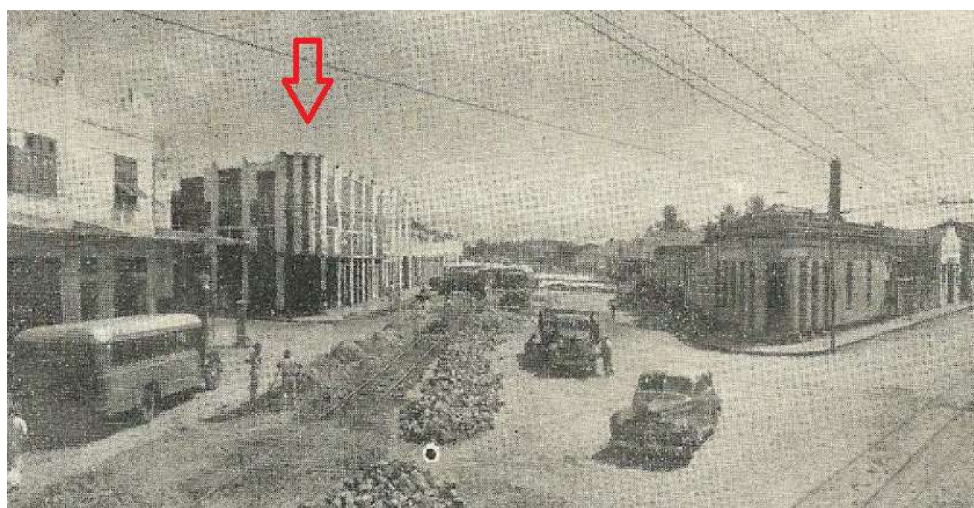


Fonte: Própria autora, 2022.

³² Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441132&view=detalhes>>, acessado em: 01/07/2022 (modificada com adição de seta indicativa).

Já em relação ao prédio do antigo Cassino Imperial, nos dias atuais a fachada da edificação ainda se encontra bastante similar a sua configuração original (Figura 25 e 26), porém está em grande parte coberta por banners e toldos, escondendo a sua estética Art-Decó original. O pavimento térreo se constitui como um grande salão aberto sendo ocupado por uma loja de roupas, enquanto o pavimento superior foi subdividido em salas ocupadas por consultórios. Os funcionários e frequentadores do local desconhecem o passado relacionado a boemia da edificação, não sabendo que aquele local no passado havia sido ocupado por um cassino.

Figura 25- Indicação da edificação onde se instalava o Cassino Imperial.



Fonte: Acervo Memória IBGE, sem data.³³

³³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/aracaju/historico>>, acessado em: 01/07/2022. (modificada com adição de seta indicativa)

Figura 26- Edificação e entorno na atualidade de onde se instalava o Cassino Imperial na atualidade.



Fonte: Própria autora, 2022.

Na primeira foto se nota a presença do Cassino imperial em meio a obras de urbanização da Avenida Dr. Carlos Firpo. A presença dos blocos de paralelepípedo indica o processo de calçamento em execução na via ainda de chão batido e a construção de seu futuro canteiro central que permanece até os dias atuais como na foto. O automóvel, símbolo da modernidade também são um destaque no quadro numa época em que era desejado com vigor a urbanização das cidades.

Na edição de 10 de julho de 1919 do Correio de Aracaju se encontra uma matéria onde já se discutia a necessidade da construção de um mercado modelo, para assim poder solucionar os problemas de desorganização da feira realizada na Rua da Aurora (Correio de Aracaju, 10 de julho de 1919, p. 01); porém a finalização das obras e a inauguração do Mercado só foram anunciadas no ano de 1926 (FILGUEIRAS, 2019).

O mercado passou a fazer parte do cotidiano aracajuano, se tornando não apenas um centro comercial, mas um local da boemia e da sociabilidade em geral (Figura 27). Porém no decorrer de sua história o mercado passou por altos e baixos, se destacando as más condições de higiene tão denunciadas nas décadas de 1950 e 1960 e os lamaçais que invadiam as suas imediações durante dos períodos de fortes chuvas.

Figura 27- Mercado Municipal de Aracaju na década de 1930.



Fonte: Álbum Photographico de Aracaju. Casa Amador. 1931, p.24.

Na década de 1970 a situação se agravou ainda mais, com a desativação do porto e da ferrovia que funcionavam nas proximidades. A situação ainda se complicava com a intensificação do esvaziamento da área central, quando a população de maior poder econômico abandona de forma intensa a região, migrando para outras partes da cidade. O Centro passa ser considerada uma região obsoleta e desorganizada. Na década de 1990 foi fomentado um projeto de restauração do mercado, com a proposta de valorizar os aspectos culturais, históricos e turísticos do espaço. As obras se iniciaram em 1997, passando por etapas como a derrubada dos barracos que circundavam o mercado, causando grande revolta dos feirantes que comercializam seus produtos no local. A restauração foi finalizada em 2000, resultando nas alterações encontradas na atualidade (FILGUEIRAS, 2019). (Figura 28)

Figura 28- Mercado Municipal na atualidade.



Fonte: Própria autora, 2022.

Até os dias atuais o mercado se destaca “(...) como local dos cantadores, violeiros, sanfoneiros e dos grandes e inteligentes cordelistas com seus livros expostos em pequenas bancas ou pendurados em fileira de cordão.” (FILGUEIRAS, 2019, p.58-59). O edifício do mercado se encontra em bom estado de conservação, sendo bastante utilizado para o comércio de artesanato, plantas, ferramentas e artigos para o lar. O mercado também possui uma grande quantidade de bares que ocupam a praça ao seu redor com mesas e sobreiros, recebendo um público variado, desde o familiar aos famosos “pingucinhos” do mercado. No período noturno a mesma dinâmica de sempre persiste, o público do local se modifica, sendo comum a presença de prostitutas que fazem “ronda” em busca de clientela.

Dentro da Zona do Bomfim, o Curral era uma área que se localizava nos limites do Bairro Centro, nas imediações do morro do Bomfim (Figura 29). A área sofreu nos anos 1953 um projeto de recuperação social de iniciativa do governo do estado, uma ação higienista com o objetivo de extinguir o quadro de decadência social, urbanística e saúde pública encontrada nas imediações do bairro centro. A ação tinha também como objetivo evitar a criação de favelas

na cidade, principalmente nas proximidades da área nobre do centro. (Figura 30)

Figura 29- Casebres da Zona do Bomfim na Rua Siriri.



Fonte: Murillo Melins, 2007.

Figura 30- Trecho da Rua Siriri onde se instalava o Curral do Bomfim na atualidade.



Fonte: Própria Autora, 2022.

Melins afirma que no ano de 1950 realizou o recenseamento da região do Bomfim e lá notou na área do Curral um depósito de mulheres sífilíticas e tuberculosas em fim de carreira do meretrício. Lá elas eram jogadas, assim

como os carregadores de cesto do mercado e os alcoólatras que não podiam mais se sustentar; eram todos abandonados naquela região e instalados em palhoças. Com o anoitecer o som que mais se destacava no Curral era a tosse das tuberculosas. Não existia na época uma assistência social, havendo somente o Palácio Serigy, o órgão de saúde pública criado em 1938 para tratamento de sífilis e tuberculose. O ano de 1950 perpassava o período da guerra da Coreia e as pessoas que moravam no Bomfim já desconfiadas de tanto descaso e abusos do governo receavam que as informações do censo que estavam sendo colhidas tivessem como objetivo o cadastramento compulsório daquele povo miserável para lutar na guerra.³⁴

Nesse processo parte da população residente da Zona do Bomfim foi transferida para um novo conjunto habitacional, nomeado Agamenon Magalhães, removendo essa “chaga” da área central e instalando seus habitantes em uma nova área com melhor infraestrutura (SAMARONE, 2020).

Um projeto de revitalização da área do Curral já havia sido anteriormente pensado pelo Governador Arnaldo Garcez, porém o projeto recuou devido ao alto valor indenizatório exigido pelas posses das terras. No governo seguinte, sob o comando do engenheiro Leandro Maciel foi que se iniciaram na área um grande projeto urbanístico para o desmanche do morro do Bomfim:

Os tempos mudaram. O novo governo dirigido pelo engenheiro Leandro Maciel inicia as obras do desmonte do Morro do Bomfim e do aterro dos alagados do Bairro Industrial, uma obra que muito recomenda ao seu governo. Para essa tarefa havia o problema da desapropriação e de valorização de terrenos (GAZETA SOCIALISTA nº12, 31/03/1956, p.6).

O projeto do desmanche do morro incluía as áreas das ruas Divina Pastora, Vitória, Siriri e Bomfim, que compunham em boa parte a Zona do Bomfim. Os residentes, proprietários de cabarés e prostitutas protestaram contra a ação, porém não foram acatados:

Donos de pequenos negócios, cabarés, proprietárias de pensões de “mulheres da vida livre” e famílias humildes que ali residiam, esboçaram algumas pálidas reações, através de um

³⁴ Entrevista à autora em 12/04/23

“abaixo-assinado”, e uma comissão de moradores, encabeçadas pelas velhas prostitutas Donina Piúla e Branca, comerciantes e moradores do Morro, foi até o Palácio do Governo para tentar sensibilizar as autoridades a não fazerem a tal demolição (MELINS, 2007, p.380).

Apesar das promessas de indenizações do governo, poucas realmente aconteceram. As obras iniciaram a retirada das areias do morro, colocando abaixo também as casas, cabarés e outros estabelecimentos que lá se instalavam. A zona boêmia que lá existiu foi então extinta.

Figura 31- Desmanche do Morro do Bomfim em 1956.



Fonte: Murillo Melins, 2007.

Na imagem acima moradores e curiosos assistiam a destruição do relevo e das edificações do Morro do Bomfim. Parte da população se solidarizava com a situação dos moradores pobres que perdiam suas casas, já outros acreditavam que a extinção do morro e do meio que lá habitavam era o melhor a se fazer, pois aquela área se apresentava como uma inimiga ao desenvolvimento da cidade (MELINS, 2007).

Após esse paralelo entre o passado e o presente dos lugares da boemia no Centro de Aracaju, prosseguimos com as transformações do cotidiano e seus resultados na Aracaju contemporânea.

1.3 A BOEMIA E A BALADA

Na literatura a boemia aracajuana é muitas vezes tratada como uma memória que ficou naqueles que vivenciaram seus tempos e lugares:

Os cabarés de Aracaju, hoje sobrevivem apenas nos raríssimos registros deixados ao longo das décadas, fazendo parte da história da boemia de nossa cidade que do passado pouco restou.

Foi um tempo tão bom o vivido nas noites de boemia, tão bom que já se passou mais de meio século e até hoje, quando o recorde, mesmo sem mais beber, sinto até ressaca, que não sei se é a tal saudade (REVISTA CUMBUCA nº 12, 2016, p.13).

Porém através da concepção presentista o que acontece é uma atualização da história de acordo com o tempo em que ela é escrita. É através desse conceito que daremos prosseguimento a esse último tópico, que apresenta o relativo a boemia na cidade de Aracaju nos dias atuais. Aqui não há a intenção de detalhar os estabelecimentos da boemia da atualidade (o que seria muito improvável), mas sim apresentar um vislumbre das diferenças fundamentais trazidas pelas mudanças sociais e espaciais que incidiram nas atividades boêmias na cidade, assim como a apresentação de novas configurações urbanas que se organizam em novas centralidades. Para dar apoio ao tema foram realizadas entrevistas com pessoas que consomem entretenimento noturno na capital sergipana, buscando pessoas de diferentes classes sociais e preferências, aproximando o foco ao cotidiano.

Primeiramente é importante destacar a transformação urbana que acontece na cidade de Aracaju. Com o esvaziamento da área central aracajuana, os espaços da antiga boemia entram em colapso assim como diversas outras atividades na área. O Centro então se especializa na concentração do comércio popular e seu patrimônio histórico e muito de sua influência perdem vitalidade. Grande parte da população residente sede ao interesse imobiliário e aluga ou vende seus imóveis para a ocupação da atividade comercial, transformando o centro em um local esvaziado após o horário de encerramento das lojas. Acerca do centro aracajuano França e Falcón trazem tal depoimento:

A cidade não comove mais o transeunte. Não é mais o espaço da convivência social. (...) Há o esvaziamento das ruas no período noturno. O “pivete” é o dono do comércio, as prostitutas, não obstante na história continuam a existir na imagem noturna da cidade, mas todo o contexto se encontra modificado. Como numa obra de arte, modificado o suporte, compreendemos a cidade sobre outra ótica (FRANÇA; FALCÓN, 2005, p.60).

Porém as mudanças na boemia aracajuana não aconteceram somente por uma transformação urbanística; os tempos mudam as formas de se ver e de se fazer. A “balada” ou a “farra” como são chamadas na atualidade, são formas do que antigamente poderia ser chamada de boemia; o que se transformaram foram os modos, modificados por novas influências e transformações sociais. Entre as décadas de 1960 e 1970 foi quando eclodiu a chamada revolução sexual em território brasileiro, influenciando a geração de jovens que viviam aquele período. O aparecimento da pílula anticoncepcional e o controle da sífilis nos meios urbanos deram espaço para o surgimento de uma nova forma de se relacionar, sendo influenciados por ideias de maior despreocupação e liberdade:

Livres da sífilis e ainda longe da aids, os jovens podiam experimentar de tudo. O rock’and’roll, feito sobre e para adolescentes, introduzia a agenda dos tempos: férias, escola, carros, velocidade e, o mais importante, amor! A batida pesada, a sonoridade e as letras indicavam a rebeldia diante dos valores e da autoridade do mundo adulto (DEL PRIORY, 2006, p.320).

O entretenimento ao modo da boemia da primeira metade do século XX se modificava através dessas novas influências. Conceitos de liberdade e rebeldia foram penetrando nas sociedades e influenciando as novas gerações que não encontravam naqueles antigos locais de lazer a expressão das ideias de seus tempos. Del Priory então afirma:

Um desejo sem limite de experimentar a vida hippie, os cabelos compridos se estabeleciam entre nós. As músicas de Bob Dylan, Joan Baez exportavam, mundo afora, a idéia de paz, sexo livre, drogas como libertação da mente e, mais uma vez, amor.” (DEL PRIORY, 2006, p.321).

O homem já não tinha mais o total domínio sobre sua esposa que anteriormente deveria ser submissa e se confinar em casa enquanto o marido

tinha a liberdade das ruas. A inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe as figuras femininas cada vez mais ao dia a dia da cidade, dando mais espaço a participação de outras formas de lazer antes proibidas a estas. A virgindade feminina e sua exclusividade ao marido perde grande parte de sua importância na sociedade. Houve a então chamada “emancipação feminina”, assim chamada mesmo que ainda distante da liberdade exercida pelos homens, que não recebiam julgamentos pela quantidade de parceiras sexuais.

Os casais então começam a se relacionar mais livremente, não sendo o sexo somente exclusivo aos casados ou ao homem que procura a prostituta no cabaré. A prostituição passa a não ser mais vista como uma necessidade para acalmar os instintos masculinos, então nada mais natural que a diminuição desses espaços nos centros urbanos. Se nota uma maior inserção da figura feminina na boemia, não limitada ao papel de profissional do sexo a serviço do homem, mas como uma consumidora do lazer, das atividades noturnas e do meio urbano.

As mudanças sociais e econômicas transformaram os locais de lazer, criando-se novas formas de “farra”, em que tornaram-se frequentes “Encontros em torno de festas, festivais de música, atividades esportivas, escolas e universidades, cinemas e, após a Segunda Guerra, a multiplicação de boates e clubes noturnos deixam moças e rapazes cada vez mais soltos”. A sexualidade ganhou mais liberdade e o conceito de prazer ganhou uma nova dimensão dando maior flexibilidade a moralidade (DEL PRIORY, 2006, p.321).

Retornando ao espaço urbano de Aracaju, França e Falcón (2005) afirmam que a metropolização da cidade de Aracaju se intensifica ainda mais na década de 1980, quando há uma grande expansão e ocupação demográfica de novas áreas da cidade antes pouco habitadas. O desenho urbano se transforma criando novas regiões de influência na cidade. No centro da cidade “Antigos prédios são agora elementos que compõe fundos de planos, ou cartões postais da cidade.” (FRANÇA; FALCÓN, 2005, p.61).

O Centro comercial deixa de ser uma região concentradora de vida noturna. Na Rua Geru, no Centro, ainda há a presença do Pipu's bar, “brega” (nome local para prostíbulo de baixa qualidade) que se localiza a anos no

mesmo endereço. Os bares do lado externo do mercado municipal ainda atraem a presença de uma clientela, principalmente nos finais de semana.

O senhor Anísio Barreto de 70 anos, proprietário de Bar Bico doce localizado na parte externa do Mercado Central diz que possui o bar há cerca de 23 anos naquele local. De acordo com o entrevistado os dias de maior movimento são sexta-feira e sábado, sendo os dias do meio da semana “mais devagar”. Os frequentadores vêm dos bairros próximos, principalmente do Bairro Industrial, frequentando também os bares do bairro proletário e os barzinhos da Rodoviária velha. Ele também contou que o perfil principal da sua clientela é misto, de ambos os sexos e diversas idades, porém há uma maior concentração de pessoas idosas. Como atrativos dos bares do local está a música tocada no aparelho de som, tocando gêneros musicais como arrocha e forró. O senhor Anísio diz preferir fechar o bar antes do anoitecer, pois não gosta do ambiente do mercado durante esse período do dia em que a criminalidade e frequentadores desagradáveis são mais frequentes.

No entorno da Praça Olímpio Campos há a presença do tradicional bar Corujão, que atrai um público local misto, desde senhores de meia idade e aposentados a um público mais jovem e alternativo. “Alternativo” aqui é um termo utilizado informalmente para designar pessoas, coisas e lugares que não são reconhecidos como padrão, que não é normativo, sendo muitas vezes relacionado a um gosto musical e ideias diferenciadas do que é geralmente apresentado ou relacionado a um público de “mente aberta”, sendo comum a relação também ao público gay e outros.

Apesar da presença de alguns estabelecimentos, o Centro não se caracteriza mais como uma região atrativa para grandes públicos da boemia na atualidade, sendo uma área referenciada por sua atividade comercial. A Aracaju de agora apresenta novas centralidades relacionadas ao lazer noturno na cidade, porém com o crescimento da cidade se formaram também “minipolos locais” espalhados por todos os lados.

Uma das principais regiões da cidade a oferecer entretenimento noturno são os bairros da zona sul da cidade, o Bairro Coroa do Meio e Bairro Atalaia. A sua principal atração é a orla de Atalaia localizada em parte em ambos os

bairros (Figura 32). A orla é uma das regiões mais turísticas da cidade, possuindo intensa vida noturna frequentada tanto por locais quanto por pessoas em visita ao estado. Bares, restaurantes, boates e casas de shows se destacam entre as suas atrações, possuindo estabelecimentos voltados para diversos temas e públicos.

Figura 32– Alguns dos principais estabelecimentos em funcionamento no período noturno na Orla de Atalaia.



Fonte: Própria Autora, 2023.

Ainda no bairro Atalaia encontramos clubes e boates direcionados ao público gay jovem, sendo muito frequentado por universitários. Apesar da especialização esses locais também são frequentados por um público diverso em busca de diversão. O Vegas Karaokê bar e o Macaw são exemplos de duas casas noturnas em atividade na região, porém devido a rotatividade de estabelecimentos na capital, não se pode ter certeza da permanência destes em atividade.

O dentista e empresário de 35 anos Agnaldo Carvalho Silveira Junior, natural de Aracaju diz que quando sai à noite tem preferência por

estabelecimentos localizados no Bairro Atalaia e Coroa do Meio na região litorânea. Sua preferência é por baladas alternativas e eletrônicas, as quais se identifica pela presença do público gay. Porém Agnaldo destaca que essas baladas em sua maioria são frequentadas por um público mais jovem, em uma faixa etária entre 18 e 25 anos em sua maioria.

O cenário em relação aos espaços gays se modificou significativamente desde a década de 1950 quando houve a decadência das zonas boêmia no centro aracajuano. Essa maior liberdade e presença de espaços de entretenimento voltados ao público gay ganharam maior representatividade a partir da década de 1960, se iniciando nas maiores cidades do país, onde surgiam espaços para indivíduos do mesmo sexo se encontrarem e até se relacionarem, criando uma subcultura gay. Isso não vai contra a afirmação de que o preconceito permanece fortemente presente na sociedade, mas a questão se tornava mais pública, tolerada e integrada ao cotidiano, apesar da afirmação frequente que relacionava o homossexualismo a uma patologia. (DEL PRIORY, 2006) Posteriormente essas novas ideias também influenciariam o cotidiano da cidade de Aracaju e novos espaços voltados para o público gays foram criados.

O Bairro Farolândia é outro que se destaca pela sua vida noturna, bares e clubes. Devido a presença de uma grande universidade particular que se instalou no bairro a presença de uma população jovem na região criou uma demanda por entretenimento. Um dos mais conhecidos clubes da cidade localizados na região é o Che Music bar, especializado em shows de rock e eventos de música, porém diversos outros espaços, em sua maioria bares, compõe a vida noturna desse bairro.

O Analista de cibersegurança Guilherme Teixeira de 32 anos é nascido na cidade do Rio de Janeiro, mas mora em Aracaju há 20 anos. Ele é frequentador do Bar Che no Bairro Farolândia, sendo esse um dos seus espaços favoritos. Também frequenta outras festas em diferentes partes da cidade já citadas, inclusive frequentando baladas mais voltadas para o público gay, apesar de ser heterossexual. Quando perguntado o que achava que as

peessoas buscavam nesses locais sua resposta foi “bebida, diversão e gente bonita”.

As estudantes universitárias do curso de enfermagem, ambas de 21 anos, Rayanne Bezerra Bispo e Maria Vitória Gomes da Silva deram seu depoimento acerca dos locais de lazer que frequentam em Aracaju. Rayane prefere barzinhos de música ao vivo que toca sertanejo ou forró, frequentando diversas regiões da cidade. Em relação ao público que mais frequenta essas baladas, esses são em sua maioria “homens solteiros que vão com a intenção de fazer uso de bebida alcoólica e flertar com mulheres”. Maria Vitória afirma que a região da cidade que concentra a maior quantidade de espaços de entretenimento noturno é a Zona sul da cidade. A estudante completa que na capital as festas de brega, funk e pagodão acontecem mais “nos bairros” atraindo um público interessado em “conhecer gente nova, beber, dançar e ‘ficar’ com várias pessoas”. Quando interrogada o que seria “nos bairros”, a entrevistada explicou que se tratam de locais variados da cidade que não possuem grande destaque, onde há aparentemente uma ocupação mais residencial. Ambas entrevistadas afirmaram não terem conhecimento da frequência de grupos de pessoas gays nestes lugares que frequentam.

De acordo com o artigo do Jornal da cidade, portal de conteúdo online sobre o estado de Sergipe, o Bairro Inácio Barbosa³⁵, seria a referência de novo bairro boêmio na capital da atualidade. O texto relaciona o bairro a outros conhecidos em diferentes estados brasileiros, comparando o Bairro Inácio Barbosa a Lapa no Rio de Janeiro, Rio Vermelho em Salvador e Vila Madalena em São Paulo. O bairro aracajuano traz estabelecimentos como “Seu Inácio”, “Jobim”, “Uçá” e “Mediterrâneo House clube”, referenciados como bistrô, bar e casa noturna. Essa é uma região da cidade que está recebendo novos empreendimentos, se destacando nos setores habitacionais, de entretenimento e gastronômico.

O que se percebe na comparação entre a boemia antiga que ocupava a região central de Aracaju e a situação da boemia atual é uma mudança no

³⁵ <https://www.jornaldacidade.net/cultura/2020/01/315336/a-boemia-gastronomica-e-cultural-do-inacio-barbosa.html>

cotidiano e na configuração da cidade, onde novos pensamentos são apresentados e uma diferente dinâmica que se desenvolve dentro da cidade influenciando fortemente a distribuição dos locais de lazer noturno em Aracaju. As mudanças sociais tornaram a boemia mais inclusiva em relação a mulher e ao público gay, porém as separações sociais continuam nos territórios da cidade, dando maior destaque a zona sul da cidade, onde não coincidentemente se concentra a população de maior poder econômico e os bairros mais nobres da cidade. Entretanto não se pode ignorar a distribuição de diversos espaços boêmios em diferentes partes da cidade, suprimindo um público local e possibilitando uma boemia um tanto quanto mais acessível.

Atividades que antigamente eram fortemente associadas a boemia como a prostituição se afastaram de grande parte dos principais espaços da boemia, mas não se exclui a sua existência. Casas de prostituição ou até a oferta do serviço pela internet distanciaram de certo modo o lazer noturno da prostituição. Já a ligação da intelectualidade com a boemia se apresenta mais explícito em eventos alternativos e saraus culturais realizados em várias partes da cidade.

CONCLUSÃO

O auge da boemia na cidade de Aracaju se instalou a partir década de 1920 no Bairro Centro, região que geograficamente margeia a porção leste do que hoje é a cidade. Porém é importante se atentar que a definição da região pelo nome de “Centro” se dá por se configurar como a região onde a cidade se iniciou, sendo essa a referência direcional para as outras regiões da cidade. Não somente o assentamento da cidade de Aracaju, o Centro foi a região escolhida para a edificação de um projeto para a nova e moderna capital de Sergipe devido a sua localização privilegiada margeando o rio Sergipe; a região central se tornara então o coração da Sergipe progressista e de sua boemia.

Com a passagem do Império para a República no Brasil, o desenvolvimento econômico e as novidades trazidas pela modernidade, uma nova forma de se comportar e se expressar se desenvolveram fortemente na cidade, sendo a boemia um estilo de vida trazido dentre essas novidades. A boemia se caracterizava como uma espécie de reduto onde se buscava diversão, lazer e sociabilidade, prazeres apresentados em um modo muitas vezes malvistas pelos conceitos de moralidade e civilidade vigentes. Porém nos relatos orais coletados e materiais memorialistas consultados é possível perceber toda a vida, sonhos, aventuras, saudades, companheirismo e risadas que a boemia deixou impregnado na memória de seus frequentadores. Os seus espaços, seus personagens e até as ruas do Bairro Centro fazem parte dessa memória do que na época era chamada de boemia. Artistas, poetas, malandros, vagabundos, trabalhadores e intelectuais vagavam em seu meio, transformando suas vivências em inspirações poéticas e literárias ou simplesmente em memórias. As pequenas histórias e as minúcias foram o que enriqueceram o olhar sobre o cenário e espaços boêmios de Aracaju da época. Certos nomes como os cabarés do “Beco dos Cocos” e do “Vaticano” ainda hoje são facilmente reconhecidos pelos moradores locais do bairro como locais de “grande boemia”, já outros espaços aqui citados que recebiam títulos menos

polêmicos como “cassinos” são lembrados pela população com menor frequência.

Apesar desse trabalho se inserir na linha de pesquisa da Memória, Cultura e Identidade trazendo uma perspectiva através do cotidiano, ele também se insere na linha do social, buscando as relações de poder entre os indivíduos na boemia e na organização da cidade, apresentando uma reflexão crítica sobre esses espaços. Para alguns indivíduos a boemia significava liberdade e alegria, para outros o mesmo cenário representava uma visão distante, sendo excluídos do usufruto da modernidade e da boemia, vivenciando uma sociedade envolta em julgamentos e desprezo. Os principais beneficiados na boemia eram os homens, principalmente os que tinham condições financeiras e status sociais, esses desfrutavam de tudo que estava disponível na cidade. Havia então uma segregação dos que poderiam frequentar ou não certas zonas boêmias; era a boemia do pobre e a boemia do rico. Porém a segregação não se dava somente por uma questão econômica, figuras como as mulheres só habitavam a boemia na posição de profissionais do sexo a serviço do público masculino, sofrendo intenso julgamento social e exclusão, pois não seguiam o papel da mulher normativa na sociedade que deveria ser centrado no ambiente doméstico e na função de cuidadora dos filhos e do marido.

A questão da boemia em Aracaju é intensamente interligada com a urbanidade da cidade. Como parte de um plano urbano e de civilidade, a cidade deveria possuir as suas especificações onde a forma de ocupar a cidade e o comportamento de seus habitantes deveria ser ditado. Os espaços públicos e privados deveriam ser regrados e a liberdade passa a ser considerada um traço de não civilidade, ou seja, tudo deveria ser moderado e os indivíduos que não seguissem o que era ditado sofreriam punições. Como consequência das representações do que era “certo” e “errado” são forjadas as diferenciações que as relações de poder almejavam, surgindo no universo boêmio designações como “granfino”, “boêmio” e “malandro”; a “mulher direita” e a “prostituta”. Moralidade, doenças e perseguições demonstram outra faceta que fazia parte dos ambientes da boemia, expondo um lado decadente e preconceituoso que envolvia essa realidade. A figura do indivíduo homossexual

também é outra excluída da cena e zonas boêmias do Centro de Aracaju, sendo apenas referidos nos relatos como seres distantes e pouco conhecidos no cenário do entretenimento noturno dos anos 1920 a 1950.

A revisita ao cenário boêmio aracajuano revela diversos outros sentimentos além daqueles expressos nas músicas e poemas saudosistas daquele período, a boemia e suas minúcias são de fato um reflexo de seu tempo e das relações entre as pessoas e a cidade. A boemia como era conhecida até a década de 1950 se modifica na cidade, tanto pelas transformações sociais como pela própria alteração na sua configuração urbana, apresentando no quadro atual uma boemia renovada. Apesar do termo boemia na atualidade estar em desuso, a cultura de entretenimento noturno continua viva com outras nomenclaturas e roupagem, se apresentando de forma mais diversa, porém ainda apresentando alguns embates similares ao o que antigamente eram apresentados, como a exclusão social e a delimitação da cidade em relação ao poder aquisitivo dos seus ocupantes, mas agora através do reflexo dos novos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, capítulos e artigos.

ALBERT; TERROU. **História da Imprensa I: da pré-história dos jornais a democratização da imprensa do início do século XIX a 1871**. Editora Martins Fontes. 1990.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de Guerra**. São Paulo :Schwarcz, 2008. Lisboa: Presença, 1995.

BARRETO, Luiz Antônio. **O cotidiano do lazer nos bares, cinemas e cabarés**. 2005. Disponível em: <<http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=7&titulo=Aracaju150anos>> Acessado em: 01/03/2022

BOÊMIO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/BOEMIO/>>. Acesso em: 07/03/2022.

BONACORCI, Ricardo. Músicas: **A Volta do Boêmio** - O auge de Nelson Gonçalves. 7 de abr de 2017. Disponível em: <<https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2017/04/07/musicas-a-volta-do-boemio-o-auge-de-nelson-goncalves>>. Acessado em: 25/04/2022

BOQUIM, Zezé. **História de Aracaju**. Aracaju. Sem data.

Borges, J. F. Cordel **A chegada da prostituta no céu**. Bezerros, 1993.

CABRAL, MARIO. **Roteiro de Aracaju**: Guia Sentimental da cidade. Sem editora. 1948

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. 2ª edição. Algés :DIFEL Difusão Editorial, 2002.

CORTI, Ana Paula. **Estado Novo (1937-1945)**: A ditadura de Getúlio Vargas. UOL - Educação. 28 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/estado-novo-1937-1945-a-ditadura-de-getulio-vargas.htm>>. Acesso em: 08/03/2022.

DE QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. **As designações para “prostituta” em terras do sem fim**, obra de Jorge Amado. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS. v.24. 2016. p.131 -142.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. edição. São Paulo. Contexto, 2006.

FERREIRA, Barbara. **De elegante zona boêmia a prostíbulo, Guaicurus resiste**. 2014. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/cidades/de-elegante-zona-boemia-a-prostibulo-guaicurus-resiste-1.961042> > Acessado em: 14/05/2022.

FRANÇA, Vera Lúcia; FALCÓN, Maria Lúcia (orgs.). **Aracaju: 150 anos de vida urbana**. Aracaju. Secretaria Municipal de planejamento, 2005.

FURQUIM, Késsio. **A construção de lugares na boemia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS). Porto Alegre, 2017.

HELENE, Diana. **Prostituição e Feminismo na França: uma etnografia de viagem**. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401680265_ARQUIVO_diana_hele ne.pdf>. Acessado em 04/03/2022

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990.

LUCAROCAS. **O cabaré do Oscar Frota**. Literatura Popular Brasileira, Fortaleza. 2012.

LUCENA, Kalhil. **História e literatura: O folheto de cordel em territórios de fronteiras**. Cadernos do Tempo Presente, n. 22, dez.2015/jan. 2016, p. 57-69. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>> Acessado em: 02/03/2022

MARINS, Paulo César G. **Habitações e vizinhanças: Limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras**. p.131-214. In: SEVCENKO, Nicolau (org) **História da vida privada no Brasil**. Volume 3. São Paulo, Companhia das Letras. 2006

MAYNARD, Andreza; MAYNARD, Dilton. **Dias de luta: traços do cotidiano em Aracaju (1939-1943)**. Goiania. OPSIS, Campus Catalão, v.9, nº 12. 2009.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 4 ed. Aracaju. UNIT, 2007.

MELINS, Murillo. **Aracaju: Reminiscências e devaneios**. Editora J.Andrade. 2020.

MOREIRA, Adelino. **A Volta do Boêmio**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bTETQ2FCd3Y>>. Acesso em: 01 de Dezembro de 2021.

NETO, Urbano. **Biografia de João Freire Ribeiro**. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/biografia-de-joao-freire-ribeiro/59556/?fbclid=IwAR2DsusuzKV1OckmvR4DoY6AczLmUPCtLaVRfXQD5FWQRZ-L-B546N8DZOM#ixzz29YPwMDpx>>. Acessado em: 02/03/2022

NOGUEIRA, Adriana Dantas. et al. **Bairros Centrais de Aracaju: preservação e patrimônio cultural**. Relatórios parciais referentes às áreas de Arquitetura e Urbanismo, História e Geografia. Aracaju. Fundação de apoio a pesquisa e extensão do estado de Sergipe. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. 31 de maio 2013. IPHAN EDITAL n.23/2012.

PEREIRA, Marcos. **O boêmio Beco dos Cocos, do glamour ao abandono**. 2020. Disponível em: <<https://www.destaquenoticias.com.br/o-boemio-beco-dos-cocos-do-glamour-ao-abandono-2/>> . Acessado em: 25/04/2020

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Porto, Fernando. **Alguns nomes de Aracaju**. 199p. Aracaju. Gráfica Editora J. Andrade. 2011.

RIBEIRO, João Freire. **Curral**. Sem editora. 1948.

SAMARONE, Antônio. **Aracaju-Curral do Bomfim e Ilha das Cobras**. 2020. Disponível em: <<https://93noticias.com.br/noticia/48093/aracaju-curral-do-bomfim-e-ilha-das-cobras-por-antonio-samarone>>. Acessado em : 05/03/2022.

SANTOS, Osmário. **A vida de Júlio Prado Vasconcelos**: Patrimônio do comércio de Sergipe. 2016. Disponível em: <<http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2016/02/a-vida-de-julio-prado-vasconcelos.html>>. Acessado em 02/02/2023

SANTOS, Waldefrankly; LEÃO, Eudorica. **Prostituição, cidade e imprensa**: um ensaio sobre Aracaju na era Vargas. Revista Cordis. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul./dez. pp. 311-336, 2011.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. Martins Fontes: São Paulo, 1995.

SEIGEL, Jerrold. **Paris boêmia**: cultura, política e os limites da vida burguesa, 1830- 1930. Porto Alegre, L&PM, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. p.7-48. In: SEVCENKO, Nicolau (org) História da vida privada no Brasil. Volume 3. São Paulo, Companhia das Letras . 2006

SODRÊ, Nelson Werneck. **Histórias da imprensa no Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAVARES, Tiffany. **Aniversário de Aracaju-161 anos**: uma prosa sobre a capital sergipana. 2018. Acessado em <<https://al.se.leg.br/aniversario-de-aracaju-161-anos-uma-prosa-sobre-a-capital-sergipana/>> Acessado em 27 de fevereiro de 2023

WESTIN, Ricardo. Agência Senado. **Por 'moral e bons costumes'**, há 70 anos Dutra decretava fim dos cassinos no Brasil. 2016. Acessado em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/02/12/por-201cmoral-e-bons-costumes201d-ha-70-anos-dutra-decretava-fim-dos-cassinos-no-brasil>> acessado em 27 de março de 2022.

Dissertações e Teses.

CHOU, José Walter. **O Espaço da Cidade**: uma análise crítica e interpretativa: Estudo de caso no Centro de Aracaju. Universidade Tiradentes. Aracaju. 2002

CRUZ, Jeferson. **Uma mão de verniz sobre o tabuleiro de pirro**: ecos da Belle époque em Aracaju (1918 – 1926). 193 p. Dissertação. Programa de pós graduação em História. UFAL. Maceió. 2016.

DINIZ, Dora. Aracaju: **A Construção da imagem da cidade**. Dissertação. 270p. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.São Paulo. 2009

FILGUEIRA, Andrea. **O mercado municipal de aracaju e seus tempos**: princípio, perda e reinvenção (1926-2000). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão. 2019

FURQUIM, Késsio. **A construção de lugares na boemia**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Dissertação apresentada ao Programa de Pós

Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS). Porto Alegre, 2017.

NASCIMENTO, Uelba. **Boemia, aqui me tens de regresso**: mundo boêmio e sensibilidades na mpb (1940-1950). Programa de pós-graduação em história. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Centro de filosofia e ciências sociais – CFCH. Curso de doutorado em história. Recife. 2014.

PASSOS, Elayne Messias. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju**: um estudo acerca do Beco dos Cocos. São Cristovão. Dissertação. Pós-Graduação em Antropologia. 2013. 110 p.

RECHTMAN, Enio. **Itaboca, rua de triste memória**: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento da zona do meretrício (1940-1953). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-15072015-151720/publico/2015_EnioRechtman_VOrig.pdf?fbclid=IwAR2k09BC8OSJJwXH1YcNh1C0KyXZ0aQxLIHF_IGGPZ0fZTqBQXnlOgjlUqA> Acessado em: 02/04/2022

SILVA, Alessa. **O IMAGINÁRIO DA LAPA**: APOGEU, DECADÊNCIA E RECONSTRUÇÃO. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 2014.

Jornais e Revistas

A REPÚBLICA, Aracaju, 06/07/1932, nº 144.

A REPÚBLICA, Aracaju, 10 /01/1890, nº 51.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 1939, nº 1353.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10/08/1919, nº 2659.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10/08/1919, nº 2659.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 06/01/1940, nº1631.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 09/02/1938, nº 917.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10/02/1938, nº 918.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10/07/1913, nº 928.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 10/06/1919, nº 2617.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 19/02/1938, nº 926.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 19/11/1914, nº 1317.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 22/09/1945, nº 4009.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 29/10/1923, nº 23.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 09/09/1935, nº 419.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 15/07/1939, nº 1353.

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 12/07/1913, nº 930.
CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 23/01/1929, nº 23460.
DIARIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 01/05/1946, nº 5475.
DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 06/10/1940, nº 4081.
DIARIO DA MANHA, Aracaju, 12/06/1913, nº 58.
DIÁRIO DA MANHÃ, Aracaju, 16/10/1911, nº 199.
DIÁRIO DA MANHÃ, Aracaju, 27/10/1911, nº 207.
DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL, 1950, nº 3687.
DIÁRIO OFICIAL DE SERGIPE, Aracaju, 09/02/1926.
FOLHA DA MANHÃ, Aracaju, 29/11/1938, nº 245.
FOLHA DA MANHÃ, Aracaju, 1939, nº 397.
FOLHA DA MANHÃ, Aracaju, 14/04/1939, nº 353.
FOLHA DA MANHÃ, Aracaju, 10/06/1939, nº 397.
GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 23/04/1959, nº 419.
GAZETA SOCIALISTA, Aracaju, 31/03/1956, nº 12.
JORNAL CIDADE DO RIO, Rio de Janeiro, 04/02/1902, nº 108.
O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 08/03/1933, nº 6.
O NORDESTE, Aracaju, 02/03/1939, nº 224.
O NORDESTE, Aracaju, 1939, 24/03/39, nº 242.
O NORDESTE, Aracaju, 02/08/1939, nº 340.
O NORDESTE, Aracaju, 10/01/1939, nº 182.
O NORDESTE, Aracaju, 02/04/1939, nº 248.
O NORDESTE, Aracaju, 22/02/1939, nº 217.
O NORDESTE, Aracaju, 28/10/1941, nº 589.
O NORDESTE, Aracaju, 02/08/1939, nº 340.
O NORDESTE, Aracaju, 13/03/1938, nº 1.
O NORDESTE, Aracaju, 18/12/1941, nº 626.
O NORDESTE, Aracaju, 23/05/1938, nº 284.
O NORDESTE, Aracaju, 24/02/1942, nº 6.
O NORDESTE, Aracaju, 25/08/1939, nº 196.
O NORDESTE, Aracaju, 29/11/1952, nº 722.
O NORDESTE, Aracaju, 31/10/1938, nº 132.

REVISTA CUMBUCA, Aracaju, nº 12. Os cabarés da Antiga Aracaju. 2016.
Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe.

REVISTA CUMBUCA, Aracaju, nº8. Quando Mataram Pititó. 2014. Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe.